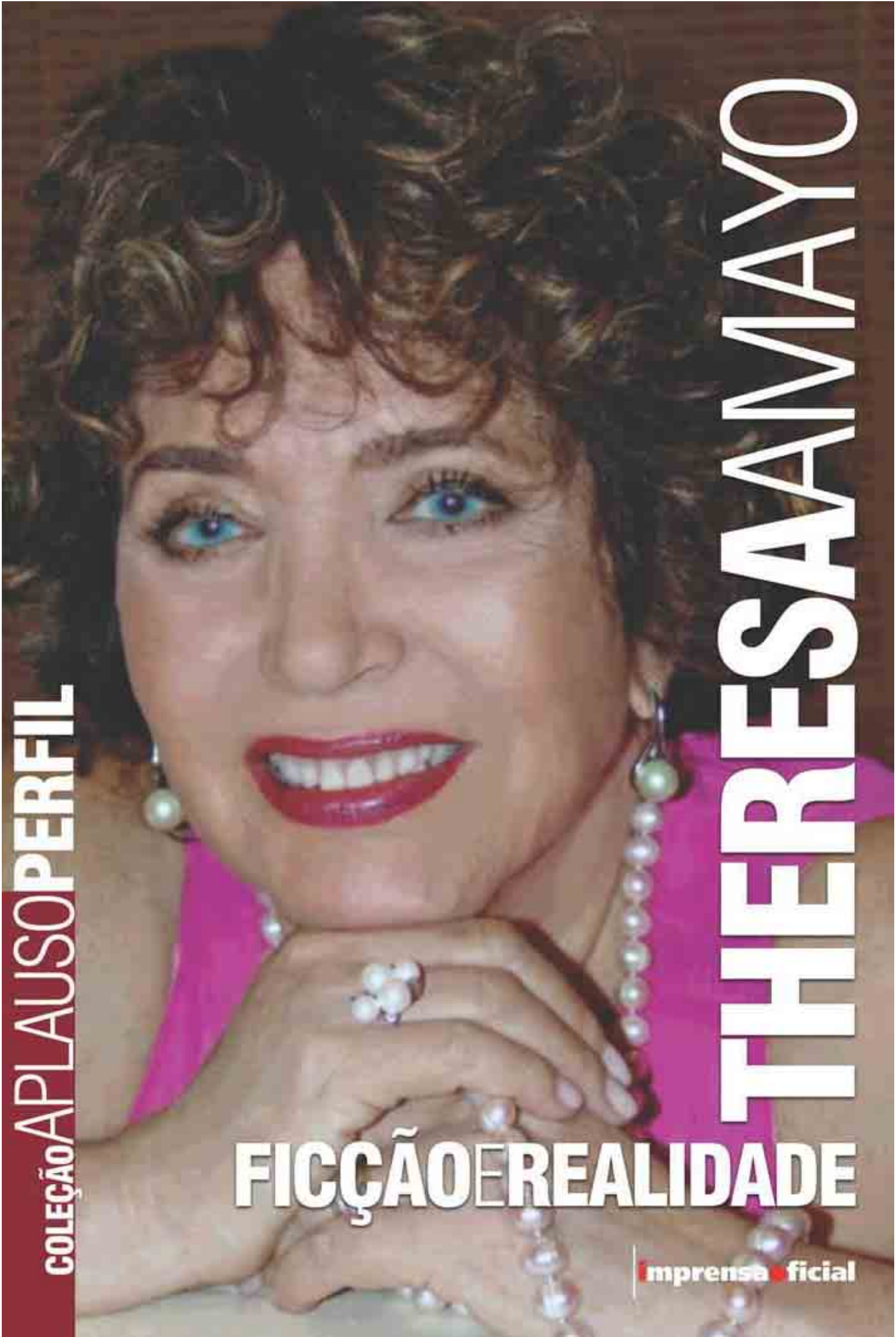


COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

THERESA AMAYO

FICÇÃO E REALIDADE

Imprensa Oficial

Theresa Amayo

Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Ficção e Realidade

Theresa Amayo

imprensaoficial

São Paulo, 2009

GOVERNO DE SÃO PAULO

Governador José Serra

imprensaoficial **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *Não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras.* De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as consequências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra
Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres
Diretor-presidente
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*À **Conchita** e **Dulcina de Moraes,***
extraordinárias atrizes que marcaram a cena
brasileira e minha vida profissional.

Theatro da Paz, Belém do Pará

Capítulo I

A Magia do Teatro

A primeira vez que entrei num teatro eu era ainda bem pequena. Fomos, minha mãe, titia, vovó e eu ver dançar uma menina prodígio, pequena bailarina de menos de 10 anos que se apresentava no Theatro da Paz, em Belém do Pará.

Não sei se éramos vizinhas, se morávamos na mesma rua ou se nossas famílias eram amigas, mas o fato é que me levaram pela primeira vez ao teatro.

A sensação foi tão forte que ainda guardo na lembrança o espanto e a alegria que senti ao ver a menina andar na ponta dos pés! E a fazer *spacatto* e correr e saltar fazendo os demais passos do balé clássico ao som de uma linda melodia. Chamava-se Sally Loretti.

A pequena bailarina tinha um irmãozinho que estava no camarote ao lado do nosso e com quem fiz amizade naquele dia. Chamava-se Romeu...

Ele me contou que a irmã só fazia *spacatto* porque bebia muito azeite doce e que só andava na ponta dos pés por causa do sapato que usava. Além do mais ele era mais novo que ela, mas

tinha que mentir a sua idade. E, em voz mais baixa, me contou que *artistas não podem dizer a idade certa nunca*. Que mundo estranho e fascinante devia ser o daquelas crianças. Fiquei encantada com aquele garotinho com quem brinquei educadamente no corredor do teatro durante o intervalo do espetáculo, cuidando para não amassar o lindo vestido branco de organdi que usava e nem deixar cair o enoooorme laço do mesmo tecido que mamãe, como sempre, caprichara no alto da minha cabeça...

Num dos intervalos uma senhora pediu à minha mãe que me deixasse entregar um buquê de flores para a pequena artista quando o espetáculo terminasse. Seria bonito uma criança homenagear outra criança. Mamãe concordou e, de mãos dadas com a senhora, fui aguardar o final do espetáculo na lateral do palco.

Finda a apresentação a cortina abriu rapidamente e a bailarina curvou-se agradecendo os aplausos. Nesse momento me mandaram entrar. E lá fui eu naquela imensidão de palco carregando o enorme buquê. Só que o pano fechou e fiquei na frente da cortina sem cumprir minha missão. O público começou a rir e imediatamente voltei para a lateral do palco atendendo ao chamado da pessoa que tinha me levado para lá. Nova abertura de cortina, novo agradecimento da

bailarina e de novo me mandaram entrar. Desta vez fui correndo para chegar a tempo e entregar o enorme buquê que eu carregava. Claro que a cortina tornou a fechar sem que eu conseguisse entregar as flores. O público começou a rir com o cômico da cena e a aplaudir também. Eu então fiquei parada no centro do palco, olhando a platéia por cima do enorme buquê e, quando a cortina abriu entreguei as flores e sai correndo do palco sob muitos aplausos.

Apesar dos beijos que recebi da mamãe, titia e vovó levei uma bronca do irmãozinho da bailarina. Ele disse que eu tinha estragado o trabalho da irmã puxando as palmas para mim... Claro que fiquei sem entender o que era isso.

Posso dizer, portanto, que minha estréia teatral foi no susto e aconteceu no maravilhoso Theatro da Paz, em Belém do Pará...

Aos três meses, no colo dos pais

Capítulo II

O Começo do Começo

Nasci em Belém-Pará numa família extremamente católica e sou uma mistura de variadíssimas etnias.

Meu pai era peruano: Amayo (certamente trago nos meus genes algo da cultura Inca, ou melhor, dos *quíchuas* que restaram...).

Minha avó materna era Del Castillo, espanhóis legítimos (por isso devo ter também gotículas de sangue árabe circulando nas minhas hemácias ou algo dessa etnia misturada aos meus genes...).

Meu avô materno era de família francesa: os Guichard (uma família enorme, de origem nobre).

Minha mãe, Carmela, e os irmãos, Herman, Daniel e Josefina, apesar do sotaque espanhol que nunca perderam, são brasileiros, nascidos no Acre.

Fui batizada como Theresa, consagrada a Santa Theresa de Lisieux e, anos depois, registrada como Theresinha e, ainda por cima, Déa, o que para mim sempre foi um mistério. Felizmente, expurguei o Déa do meu nome, quando do meu segundo casamento com Mario Brasini.

A mãe, Carmela Guichard Amayo, e o pai Rodolpho Amayo

A avó materna, Josepha Del Castillo Guichard

Considero-me Theresa já que sou católica e que fui consagrada a *Santa Theresa de Lisieux, la petite Thérèse*. Certamente por erro de tradução e para não confundir com *Santa Theresa D´Avila, la petite Thérèse* virou Theresinha para os portugueses e, por extensão, para os brasileiros...

Meu pai morreu muito jovem, com 32 anos. Teve uma pneumonia dupla contraída após uma grande farra, em Cajamarca, sua terra natal, para onde tinha ido depois de uma briga feia com minha mãe que estava grávida e não queria morar no Peru, ainda mais em Cajamarca. Mulherengo como era, se divertiu muito, brincou muito, resfriou-se gravemente e morreu. Portanto ficamos órfãs de pai, eu, com ano e pouco e minha irmã Lia já nasceu órfã.

Mamãe ficou viúva com 21 anos e sofreu muito com a morte do homem que amava. Mas a vida continua e a jovem senhora com uma filha pequenina e outra na barriga, ajudada por amigos, foi trabalhar num laboratório farmacêutico. Guardo na memória os frascos coloridos e até o cheiro adocicado dos xaropes que eram feitos lá. Eu amava minha mãe de todo coração e dividia esse amor com minha tia Josefina e meu tio Herman, a quem eu chamava de *papacito*, estragando, muitas vezes, seus namoros. Minha mãe era a responsável pelo sustento dos filhos,

Aos dois anos com sua mãe Carmela

As três anos de idade, com a irmã Lia

mãe, irmã, e até do irmão... que jogava muito e perdia tudo que ganhava no seu trabalho.

Toda a família falava espanhol quando reunida e, claro, esse foi o primeiro idioma que falei. Eu era a primeira criança da família e o xodó de todos. Fui muito mimada pela vovó, por meus tios, titia e mamãe. As duas se esmeravam para me vestir como se eu fosse uma boneca e... sempre colocavam um laçarote maior do que eu, no alto da minha cabeça...

Eu era a companhia de vovó quando ela ia à igreja, cerimônia que eu adorava. Gostava de colocar o seu véu na minha cabeça, me ajoelhar e olhar para as imagens em silêncio. Esse comportamento enchia vovó de orgulho. Íamos às novenas e, ainda bem pequena, mamãe me levou na procissão da sexta-feira Santa. Fiquei de olho nas lindas asinhas de penas brancas das roupas de anjo que algumas crianças usavam na procissão. Apontava para elas no colo de minha mãe. Mamãe percebeu o meu desejo e, no ano seguinte fez para mim uma linda roupa de anjo, comprou as sandalinhas brancas, mas como as asas de penas eram caras demais para o seu orçamento, ela desenhou e pintou com muito amor, numa folha de cartolina branca, as penas das asas que usei na procissão. Não era essa a asa de anjo que eu queria, mas fui à procissão assim

Com um ano de idade

mesmo. Acho que é por isso que sou louca, até hoje, por um belo *bois d`autruche*...

Aprendi a ler muito cedo. Mamãe era muito educada e culta. Adorava poesia. Lia sempre para nós, na hora de dormir, os livros de histórias que comprava. Com eles fui aprendendo a ler, eu acho, sob a orientação de mamãe e titia. Desde cedo comecei a repetir à minha moda, as poesias que mamãe dizia tão bem.

Tia Josefina era uma linda jovem! Ela tocava bandolim, cantava e sua voz era muito elogiada. Foi com ela que aprendi a cantar.

Na sala de visitas de nossa casa havia um grande e belo retrato oval da titia, de perfil, que aliás existe até hoje. Desde pequenina eu apontava o retrato e dizia cheia de orgulho:

Titi...atista!!!. Eu queria ser tão bonita quanto ela era.

A tia querida, Josephina Guichard

Capítulo III

A Viagem

A 2ª Grande Guerra estava no auge e mamãe inscreveu-se no Curso de Enfermeiras de Guerra. Finda a formação, os três primeiros lugares da turma ganhariam, como prêmio, passagens de navio para o Rio de Janeiro onde deveriam matricular-se na Escola de Enfermagem Ana Nery. Minha mãe tirou o segundo lugar e com ele a viagem-prêmio. Preocupada com a família, mas feliz com a rara oportunidade, mamãe aceitou o desafio da grande mudança e embarcou para o Rio.

Esse fato mudou radicalmente nossas vidas.

Ficamos, minha irmã Lia, Waldemar, meu irmão de criação e eu, sob os cuidados de vovó e titia aguardando o dia em que pudéssemos nos reunir com mamãe na Cidade Maravilhosa.

Ao chegar no Rio de Janeiro, minha mãe percebeu que o horário integral do curso de enfermagem da Escola Ana Nery não lhe permitiria ter um trabalho remunerado. E esse trabalho era absolutamente necessário para a sobrevivência da família que ficara no Norte. Por isso, minha mãe abandonou os sonhos da carreira que ama-

va e foi procurar um emprego que possibilitasse a sobrevivência de tantos. Trabalhou muito, a luta foi tremenda, economizava o que podia e nunca deixou de enviar dinheiro para casa a cada fim de mês. Suas filhas e sua família precisavam dela para sobreviver. O dinheiro que titia ganhava com as aulas de datilografia não eram suficientes para cobrir as despesas. O dinheiro que mamãe enviava era fundamental.

Aliás, muito pequenina decorei os sinais do teclado das máquinas de datilografar e muito rápido aprendi a usar esse ancestral dos futuros teclados do computador...

Tio Daniel tinha vindo para o Rio havia alguns anos e nunca dera notícias dele para a família. Minha mãe depois de se adaptar à nova cidade, começou a investigar sobre o paradeiro do irmão. Não foi fácil, mas passado algum tempo ela descobriu onde ele estava. Tio Daniel estava morando e trabalhando em Santa Cruz.

Desde que chegara e começara a trabalhar, mamãe reservava um pouco do pouco que recebia para, no futuro, trazer a família para o Rio. Porém logo percebeu que sem a ajuda financeira do irmão esse reencontro iria demorar muito. Por isso precisava encontrá-lo e para isso tinha ido procurá-lo. Não foi fácil convencê-lo a arcar

com parte do dinheiro das passagens... Após acaloradas discussões e com a intervenção do chefe da firma onde ele trabalhava, tio Daniel acabou concordando.

Passado um ano e pouco deixamos Belém do Pará. Pegamos um Ita no Norte e durante toda a viagem minha irmã Lia e eu, ao lado de titia e vovó, rezávamos o tempo todo *para não sermos torpedeados pelos alemães*. Era isso que nos diziam. Eu me lembro muito bem do medo que sentia quando o barulho dos motores do navio parava ao anoitecer. O silêncio era vital. Tínhamos que dormir muito cedo porque nenhuma luz podia ser acesa à noite para que *os submarinos alemães não nos vissem.* Vovó dizia que *Se os alemães nos virem, o navio vai afundar, nós vamos cair no mar e morrer afogadas...* Foi uma viagem horrível.

Finalmente avistamos o Cristo Redentor a nos dar as boas vindas com seus braços abertos. Que coisa mais linda! Ele permitiu que chegássemos... Magrinhas, mas sãs e salvas.

Quando o navio começou a atracar na Praça Mauá, vi um homem chamando: *Theresinha!... Lia!... Josefina!...* Era Orlando, o namorado de minha mãe com quem ela viria a casar meses depois. Minha mãe não tinha ido nos esperar

porque estava preocupada procurando um lugar para nos abrigar. Tinha perdido o último que arranjara porque, quando sabiam que havia crianças na família, os aluguéis eram negados. Finalmente mamãe chegou. Estava muito magrinha, mas linda como sempre. Tinha conseguido um hotel, onde iríamos ficar por alguns dias. Era uma coisa provisória e logo, logo ela iria achar um local definitivo para alojar toda a família.

O hotel ficava numa ruazinha estreita, à direita do prédio do Ministério da Guerra, na Central do Brasil. Logo entendi o porquê da tristeza de vovó e titia ao chegar ao hotel. Elas tinham razão. Nunca tinha visto carrapato antes. Foi ali que fomos apresentados a esses bichinhos horríveis...

À noite saímos para passear e fiquei encantada com a quantidade de anúncios que existiam na Central do Brasil e pela cidade. Anúncios feitos de luzes coloridas que piscavam, outros que acendiam e apagavam, outros com desenhos de garrafas por onde caía água num copo que depois ficava vazio e de novo voltava a encher, tudo feito de luzes. Bem que diziam que o Rio era a Cidade Maravilhosa...

Poucos dias depois, mamãe conseguiu alugar, de uma rica senhora paraense que ficou com

pena da nossa situação, o porão habitável de sua grande casa na Rua Cadete Ulisses Veiga, em São Cristóvão. Mudamos para lá com titia, vovó, Waldemar, Lia, tio Herman, Manuela, uma afilhada de minha avó que veio conosco, eu e mais o Tio Daniel.

Meses depois que chegamos mamãe casou com o Orlando e quase um ano depois engravidou. Para aumentar a receita da família e ter as manhãs livres para nós, mamãe decidiu trabalhar na parte da tarde como vendedora. Passou a vender zíper para os armarinhos da zona norte. A fábrica de zíper ficava na Rua Senhor dos Passos e muitas vezes fui com ela até lá entregar os pedidos.

Orlando era vendedor e trabalhava na Firma Santa Helena que ficava na Rua da Conceição e fabricava objetos religiosos de galalite.

Com a gravidez de minha mãe, houve a necessidade urgente de uma casa de verdade. A simpatia de minha mãe e sua barriga já aparecendo, ajudou-a a alugar, um ano e pouco depois de chegarmos ao Rio, uma enorme casa na Rua São Luiz Gonzaga 210 (que depois passou a ser 628).

Era uma casa antiga com pé direito muito alto, de frente para a rua.

Subíamos uma escada larga de alvenaria com mais ou menos dois metros de largura. Essa escada terminava num patamar cercado por um muro de metro e pouco de altura e uns cinquenta centímetros de largura. Nesse espaço retangular que se estendia por toda a frente da casa, brincávamos muito quando crianças, sem nenhum perigo, na movimentada Rua São Luiz Gonzaga.

Um portão de ferro trabalhado dava acesso à residência Após novo lance de escadas, chegávamos a uma larga varanda com belo piso decorado. Do lado esquerdo havia uma floreira em toda sua extensão e à direita seis portas duplas davam para o interior da casa que tinha quatro quartos, salão de visitas, sala de jantar, cozinha, banheiro e quintal.

A primeira porta dupla era a de um quarto com entrada independente. A segunda era a porta do salão e a terceira, a de outro quarto cujas quatro portas internas abriam, duas, para a sala de visitas e as outras duas, para o corredor que levava para a sala de jantar e cozinha.

O quarto dos fundos tinha uma janela que abria para a varanda e esta terminava num grande quintal cimentado, no centro do qual havia um maravilhoso pé de cajá-manga.

O salão ocupava todo o espaço dos dois quartos da frente (que tinham janelas para a rua). Ali ficava a sala de visitas e de jantar, nos dias de festa.

Um longo corredor ligava a parte social da casa a uma saleta – onde fazíamos as refeições diárias –, ao quarto dos fundos, à cozinha e ao único banheiro completo (com banheira e tudo, separada do chuveiro...)

No quintal havia um grande banco de azulejos portugueses, onde sentávamos para conversar nas noites de lua. Mais ao fundo, do lado esquerdo tinha uma parte alta de terra e do lado direito, o tanque de lavar roupas.

A casa era um latifúndio...

Capítulo IV

A Luta pela Vida

Tempos depois de chegar ao Rio de Janeiro, mamãe me matriculou na Escola Portugal, na Quinta da Boa Vista. Eu estudava pela manhã e à tarde, feliz da vida, acompanhava minha mãe em seu trabalho de vendedora de fecho-ecler. Andávamos por quase todas as ruas do Maracanã e da Tijuca, seu setor de vendas, visitando armarinho por armarinho.

Em São Cristóvão cresci, estudei muito e passei no concurso do Colégio Pedro II, o colégio padrão do Brasil. Esse fato me deu um certo *status* junto aos amigos e conhecidos.

O patrão do Orlando, um português carinhosíssimo chamado Francisco, me considerava um prodígio por ter passado para o Colégio Pedro II. Quando ele soube que eu também sabia datilografia, passou a me contratar no final do ano para escrever, à máquina, os cartões natalinos de seus clientes. Assim comecei a ganhar um dinheirinho muito cedo, que dava integralmente e cheia de orgulho para minha mãe.

Um dia, por acaso, minha mãe encontrou no centro da cidade uma grande amiga boliviana

que não via há muitos anos. Apenas se correspondiam de vez em quando. Tia Elza veio para o Rio e estava muito bem de vida. Morava em Botafogo num belo apartamento. A alegria do encontro reatou a antiga e sincera amizade.

As duas eram amigas há muitos anos e ficaram grávidas mais ou menos na mesma época. Eu nasci em julho e sua única filha, Marta, nasceu em setembro. Por sugestão da tia Elza e do seu marido, minha mãe nos colocou, a mim e minha irmã, no Theatro Municipal para aprender balé.

Tia Elza era uma mulher lindíssima casada com o capitão-de-mar-e-guerra Eduardo Henrique Sisson. Tio Sisson era uma pessoa maravilhosa, tinha muito carinho por mim, foi muito amigo e faleceu muitos anos depois, já almirante.

Minha irmã Lia e eu vínhamos de São Cristóvão, de bonde, para as aulas de balé. Saltávamos no Largo de São Francisco e seguíamos a pé pela Rua do Ouvidor, Av. Rio Branco até chegar ao Theatro Municipal.

Passávamos pela Galeria Cruzeiro e sempre víamos uma mulher loura belíssima, com vestidos e chapéus maravilhosos que chamava a atenção por sua beleza, elegância e porte. Soubemos que

era uma atriz do teatro de revista, paraense, que se chamava Mara Rubia e trabalhava no Teatro Recreio. Como devia ser bom ser artista! Eu queria ser cantora e bailarina, artista também... Isso depois que abandonei a idéia fixa de querer ser aviadora. Minha mãe queria que eu estudasse medicina... e eu... é... achava que era isso que eu também queria...

Com o guarda Amaral, o protetor de todos os alunos do colégio, após a missa de formatura

Capítulo V

O Colégio Pedro II

Realmente o Colégio Pedro II, de alto padrão do Brasil era uma grande instituição de ensino. Naquele tempo, havia uma disciplina rígida e um rigor acadêmico muito grande.

O prédio inaugurado pelo Imperador Pedro II, fica na esquina da Rua Camerino com a Rua Marechal Floriano (Rua Larga), ocupando todo o quarteirão. Foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural. Infelizmente, como a maioria dos imóveis tombados, está necessitando urgente de uma boa recuperação antes que tombe de verdade... O que seria uma lástima!

Estudava na parte da manhã, único turno que havia para meninas no meu tempo. Os meninos estudavam à tarde ou à noite.

O sr. Seixas, chefe de disciplina, era sisudo, mas atento a todos os nossos movimentos. Olhava bem se nossos uniformes, cáqui ou os de festa brancos e os azul escuro estavam corretamente usados, se os sapatos e as meias eram os do uniforme. Vestia sempre um terno azul marinho completo.

Naquele tempo havia ordem, educação e respeito pelos mestres, pelos mais velhos e pelos que ali trabalhavam. Quando a sineta tocava todos se encaminhavam ordeiramente, para as salas de aula. Quando o professor entrava, os alunos levantavam-se, em sinal de respeito. Cada turma tinha um inspetor e nossos professores eram catedráticos concursados e mestres verdadeiros.

Por mais que me esforçasse não fui uma boa aluna de matemática durante o ginásio. Passava sempre raspando e uma vez cheguei a passar por decreto: a média 3,95 foi arredondada pela lei, para quatro... Era muito boa aluna nas demais matérias especialmente português, história, geografia, francês e inglês. Tínhamos aulas de Canto Orfeônico com a profa. Paulina, uma capacitadíssima mestra. De vez em quando o maestro Villa-Lobos passava por lá para dar uma aula. Dona Paulina vibrava com o nosso coral e, nesses dias, mais do que nunca, caprichávamos diante de visita tão ilustre. Adorávamos.

Foi no Pedro II que me apaixonei por Castro Alves. Decorei *Navio Negreiro* e *Vozes d´África*. Gostava de recitar e de cantar baixinho, no intervalo das aulas. Tinha meu pequeno fã-clube na turma. Um dia, na hora do recreio, pediram para que fosse à frente da turma para que todos pudessem ouvir o *Navio Negreiro*. Quase morri

de vergonha ao ver que as alunas se levantaram como era hábito, quando o mestre entrou na sala. Ele ouviu parte do *Navio Negreiro* que eu declamara, adorou e me deu parabéns. Chamava-se Neil Casses. Na semana seguinte trouxe poesias novas para que eu estudasse e recitasse em aula a ser marcada.

A biblioteca do colégio era riquíssima em títulos. Toda semana levava um livro para casa e assim li toda a obra do Eça de Queiroz (que eu adorava), do Machado de Assis, Manoel Bandeira, Alexandre Dumas, Érico Veríssimo.

Os meninos do turno da tarde sempre chegavam mais cedo para paquerar a saída das meninas da turma da manhã. Na hora da saída, trabalhando na porta do Pedro II tínhamos um anjo que nos protegia: o guarda Amaral. Uma figura paternal que orientava a turminha afoita... Nosso amigo de verdade!

Os grêmios que existiam no colégio conseguiam ingressos para os teatros. Foi assim que pude assistir a dois espetáculos do Teatro do Estudante do embaixador Paschoal Carlos Magno: *Hamlet*, com Sergio Cardoso no papel título e *Romeu e Julieta*, com Narto Lanza e Sonia Oiticica ambos encenados no Teatro Phoenix, infelizmente posto abaixo alguns anos mais tarde...

E, coisas do destino! O jornal *Ultima Hora* fez uma linda reportagem com a mais jovem atriz do teatro brasileiro despedindo-se do Teatro Phoenix antes de sua demolição. A mais jovem atriz do teatro brasileiro era eu...

A cerimônia da formatura no Colégio Pedro II

Capítulo VI

O Destino

Éramos, todos em casa, ouvintes assíduos das novelas e programas da *Rádio Nacional* e da *Rádio Tupi*. Fazia meus deveres do colégio com o ouvido no rádio. As novelas eram um sucesso!

Na fila do leite para onde toda a família ia cedo esperar a vaca leiteira que demorava horas! – tudo era racionado durante a guerra e só vendiam um litro de leite para cada um –, menina ainda presenciei a discussão de jovens senhoras que chegavam mesmo a brigar por causa de dois galãs de novelas. Um da *Rádio Tupi*: Paulo Porto e outro da *Rádio Nacional*: Paulo Gracindo. Também por Celso Guimarães, Saint Clair Lopes... Brigas pelas vozes femininas mais belas: Ismênia dos Santos, Isis de Oliveira, Dulce Martins, Daisy Lucidi...

Nunca imaginei que um dia iria conhecer e trabalhar com Gracindo e Paulo Porto, e ser confundida com Terezinha Rubia, filha de Mara Rubia... meu ídolo paraense.

Quase terminando o ginásio, li no *Diário da Noite*, que a Cia. Dulcina-Odilon estava lançando um 2º concurso para escolher uma nova atriz.

Sua inscrição no Concurso Anita Garibaldi da Cia. Dulcina-Odilon, na sede do Diário da Noite

Dulcina lançou esse tipo de concurso quando produziu *Mulheres*, de Claire Booth. Foi em *Mulheres* que a vedete Mara Rubia estreou no teatro de comédia ao lado de sua filha Therezinha Rubia, que tinha uns 8 ou 10 anos e que fez um enorme sucesso.

A vencedora desse 2º concurso faria o principal papel da peça.

Anita Garibaldi. A idade mínima exigida era 16 anos e a máxima 26. Eu tinha 14, mas era alta e quem sabe poderia me inscrever. Sem dizer nada em casa, fui ao jornal e me inscrevi sem tocar na idade. Tiraram umas fotos e fui embora. No dia seguinte foi um escândalo: a foto foi publicada na primeira página do jornal!

Minha mãe achou engraçado, mas todos sabiam que eu não tinha a menor chance. Nunca tinha feito teatro, nem no colégio, imagina! Atrizes profissionais se candidataram também, além de outras desconhecidas como eu. Um total de trinta e poucas candidatas.

Houve um primeiro teste onde devíamos caminhar no palco, conversar com a banca examinadora que estava na platéia e recitar alguma coisa. Claro que recitei apenas uma pequena parte do *Navio Negreiro* e fui muito aplaudida.

As finalistas do concurso Anita Garibaldi rodeando o ator e diretor Graça Melo, entre elas: Neli Rodrigues, Dulce Rodrigues, Valéria Amar, Fernanda Montenegro e Theresa Amayo

No dia seguinte o jornal publicou o nome das candidatas que tinham passado no primeiro teste. O meu estava entre as nove que ficaram.

Tive uma grande alegria e um medo maior ainda. Recebemos duas cenas para decorar. Uma do 1º ato, quando Anita era jovem e conhece Garibaldi e a outra do 2º ato, a morte de Anita, já mais madura e envelhecida.

Ensaiamos com o ator e diretor Graça Melo durante uma ou duas semanas, não lembro direito. Saía do Pedro II correndo, de uniforme cáqui e livros na mão, para não chegar atrasada ao ensaio.

Ficava atenta a todas as orientações que ouvia do diretor quando ensaiava as demais candidatas. Subi duas ou três vezes ao palco do Teatro Regina, hoje Dulcina, para fazer as marcações e dizer o texto. Graça Melo me recomendou *que falasse alto porque no teatro era assim: quem estava na primeira ou na última fila tinha que ouvir o ator igualmente. Que eu podia conseguir isso. Todos podem. É apenas uma questão de exercício vocal...*

Depois dessa sábia orientação, mamãe na cozinha e eu, em seu quarto lá longe, falava o texto. Mamãe dizia: *Não ouvi direito. Fale mais alto!*

Durante a prova pública, cena do 1º ato da peça
Anita Garibaldi

Minha voz foi saindo, pouco a pouco até mamãe dizer: *Agora sim estou ouvindo bem.* Isso me reconfortou mas, eu tinha muito medo. Tanta gente tão preparada... Dulce Rodrigues, Nely Rodrigues, Valéria Amar, Fernanda Montenegro, outras do teatro de revista...

O dia do teste chegou finalmente. A platéia estava lotada com a banca examinadora, familiares, jornalistas, artistas. Éramos chamadas uma por uma e fazíamos as duas cenas: a do 1º ato e, após um pequeníssimo intervalo, as cortinas tornavam a abrir e fazíamos a do 2º ato.

Na coxia do teatro, uma atriz que concorria se virou para mim e disse: *Garota, desiste, você não tem a menor chance. Você acha que pode competir comigo e com as outras que estão concorrendo?* Fiquei gelada e tremendo, acho que de raiva, porque achei aquela atitude uma covardia.

Finalmente fui chamada. Respirei fundo, me concentrei e as cortinas abriram. Fiz os dois atos lembrando-me de todas as recomendações de Graça Melo e fui sentindo brotar um sentimento muito forte dentro de mim. Ao terminar meu teste, fui muito aplaudida.

Não ganhei o papel porque eu era jovem demais. Convencia no 1º ato, mas minha voz ainda meio

infantil não correspondia a de uma mulher vivida e sofrida como deveria ser a protagonista. Por pouco não tirei o primeiro lugar. Esse foi para Nely Rodrigues, mas a partir daí, virei uma pequena celebridade entre os vizinhos, os conhecidos e no colégio. Fui convidada para participar do programa *A Juventude Cria*, na *Rádio Ministério da Educação*, dirigido pelo Professor Libânio Guedes; no Teatro Escolar do Colégio Pedro II, dirigido por Luiza Barreto Leite, onde fiz *Casamento à força*, de Molière, no Teatro Ginástico.

Formei então uma turminha de novos amigos do colégio: Allan Lima, Ivan Meira, os irmãos Olga, Olinda e Odyr, que moravam na mesma Rua São Luiz Gonzaga, Augusto Gomes Neves, Orlando Prado, os irmãos Sayão Romita, Arion (primeiro aluno do colégio) e Áureo, Guilherme, todos moradores do mesmo bairro. Com eles me sentia protegida nos passeios que fazíamos e durante os programas radiofônicos que comecei a fazer na rádio MEC. Mesmo separados pelos caminhos da vida, esses queridos amigos jamais deixaram de fazer parte das minhas mais queridas e ternas lembranças.

Com o Prof. Libanio Guedes e os colegas Allan Lima, Augusto Gomes Neves, Marly e Manon entrevistando a famosa ex-aluna e radiatriz Daisy Lucidi, no programa escolar A Juventude Cria*, na Rádio MEC*

Com Odilon Azevedo e Conchita de Moraes,
no terceiro ato de Irene

Capítulo VII

O Teatro na minha Vida

Depois do sucesso do concurso, da divulgação que ele teve e do carinho dos atores da Cia. Dulcina-Odilon, passei a frequentar o teatro com uma certa assiduidade. Às quintas-feiras e domingos, dias de matinê era certo. Às vezes ia também assistir aos ensaios das peças que estavam sendo preparadas para ir à cena. Naquela época, ensaiavam sempre à tarde uma peça nova. Amava aquele ambiente tão diferente de tudo que eu conhecia e que me acolhera com tanto amor.

Como era lindo o Teatro Regina naquele tempo! A sala de espera era bem cuidada e havia fotos emolduradas dos grandes espetáculos levados pela Companhia.

O teatro tinha camarotes, balcão nobre, galeria além de uma grande platéia. Havia a oficina do teatro onde os cenários eram caprichosamente construídos pelo sr. Luciano Trigo e equipe. Os camarins dos atores para onde se ia descendo uma escadinha na lateral esquerda do palco não eram excelentes como o da Dulcina e lindos como o da Suzana Negri,

mas eram razoáveis. Havia uma viga na subida dessa escadinha que era um perigo! Muitas cabeçadas foram dadas ali.

A Cia. Dulcina-Odilon era uma respeitadíssima companhia de alta comédia. Dulcina, que tinha um corpo escultural, vestia-se maravilhosamente e seu bom gosto era levado às últimas consequências. Além do enorme talento como atriz e diretora, eram famosos os modelos franceses que usava nas comédias que montava. As mulheres enlouqueciam com as roupas apresentadas em cena. Muitas costureiras iam assistir as peças com o propósito de copiar os modelos para suas seletas clientes e depois reproduzi-los em seus ateliês.

Um público cativo e elegante frequentava o Regina, de terça-feira a domingo.

Eu, muitas vezes ainda de uniforme cáqui, ficava corujando Dulcina, Conchita, Suzana, Dinorah e o Pêra além de todo o elenco. Dulcina me queria muito bem. Conversávamos sobre o teatro, sobre o colégio, sobre meus irmãos, minha família, sobre o público da matinê anterior. Às vezes ela ria das histórias que eu contava, um riso preso que era muito dela. Eu observava encantada tudo que fazia parte daquele mundo novo que minha curiosidade tinha descoberto.

Assistia com a maior atenção ao trabalho dos atores que estavam em cena, da coxia do teatro, ao lado do Alberico Melo, o ponto da companhia, que ficava acompanhando o espetáculo com a peça na mão, preparado para qualquer emergência que surgisse. Esse aprendizado foi, na realidade, a grande escola que tive. Os atores – especialmente d. Conchita e os atores mais antigos – sabiam o texto de cor, mas como eram do tempo em que o espetáculo era todo falado baixinho pelo ponto (*soufflé*) que ficava na caixa do ponto no centro do palco, eles precisavam da presença do Alberico para se sentirem seguros do texto.

Dulcina era meu ídolo, o exemplo de atriz que eu queria ser um dia. Educada, inteligente, elegantíssima e uma profissional exemplar. Foi a primeira diretora que tive e que, carinhosamente orientou meus primeiros passos na ribalta. Juntamente com Odilon Azevedo, seu marido, outro encanto de pessoa, formavam um casal perfeito, admirado por todos.

A atriz Conchita de Moraes, mãe de Dulcina, foi uma das comediantes mais completas que passaram pelos nossos palcos. Capaz de nos levar, com seu talento excepcional, de uma grande gargalhada ao pranto mais sentido. Além do mais tinha uma capacidade de improvisação

fora de série. A maioria de seus cacos passavam a figurar nas peças que fazia, como enxertos irrecusáveis. O teatro tem como característica o fugaz do momento em que a cena acontece. Nunca mais veremos o trabalho singular desses grandes atores do passado. Ficará para sempre o relato oral dos que tiveram a felicidade de vê-los atuar.

Os atores da Cia. Dulcina-Odilon que conheci naquele primeiro momento de minha nova vida, formavam uma grande família. Dinorah Marzullo e Manoel Pêra, marido e mulher, pais da menina Marilia, hoje a consagrada atriz Marilia Pêra; Jorge Diniz e Suzana Negri, pai e filha; Armando Rosas, Roberto Duval, Fregolente, Luciano Trigo na cenografia, Thales de Moraes na gerência, José Soares e d. Regina na secretaria e contabilidade.

Atuei pela primeira vez numa peça chamada *As Meninas Barranco,* de Gregório Laferrere ao lado de d. Conchita de Moraes, Odilon Azevedo, Suzana Negri, Beyla Genauer, Ninon Valdez, Edi Castro, Roberto Duval, Armando Rosas, Sonia Ketter, José Carlos, José Lopes e Jorge Diniz que, além de ator, também dirigiu o espetáculo.

Uma coisa estranha foi quando recebi meu papel. Meu personagem cabia todo num bloquinho

de algumas folhas de papel onde estavam as falas de cada ato antecedidas do final da fala do personagem com quem iria contracenar. Era tudo muito estranho para mim e um aprendizado um pouco angustiante. Somente o diretor tinha a peça completa.

Em *As Meninas Barranco* aprendi que a marcação dos atores em cena obedecia a uma correta divisão do palco e cuja nomenclatura não se usa mais hoje em dia: direita alta, direita baixa, esquerda alta, esquerda baixa; aprendi onde fica a coxia, os bastidores, a falar na coxia tirando o metal da voz e a caminhar pisando de um modo especial evitando assim que o barulho dos passos atrapalhasse quem está em cena; a conhecer as varandas do teatro, a saber o que é um urdimento, onde fica o proscênio, as gambiarras... Ah, e a não esquecer de trazer as galharufas... Meu Deus! As galharufas! *Você trouxe as galharufas*? me perguntaram. - *Não... O que são as galharufas*? respondi. - *Ah, Theresinha, sem as galharufas você não vai poder estrear. O pior é que está em falta. Só encomendando. E demora... Mas o fulano tem e pode te emprestar...* E lá fui eu atrás do fulano. Meu Deus! Como andei atrás dessas famosas galharufas! Fui de um ator ao outro e sempre recebia a mesma resposta: *Emprestei as galharufas para beltrano para ele poder estrear.*

E assim por diante. Até que, depois de muita angústia, acabei descobrindo que as galharufas... não existiam! Era uma brincadeira, uma espécie de batismo teatral.

Tive sorte com as críticas que recebi na estréia, todas foram muito gentis e animadoras, porém uma delas, a do crítico do *Correio da Manhã*, sr. Agnelo Macedo me deixou intrigada porque ele escreveu (...) *muito natural a menina. Ás vezes, chega a parecer displicente o que é mais ou menos perigoso.* Fiquei intrigadíssima porque não sabia direito o que era parecer displicente, uma coisa ainda por cima perigosa... O dicionário me ajudou, mas não me consolou.

Depois fiz uma figuração em *Ninotscha*, que Dulcina montou a seguir com Odilon. A cena se passava numa grande *maison* da alta costura francesa onde a espiã russa Ninotscha, deveria escolher um novo e elegante guarda-roupa. Na hora estabelecida no texto da peça eu, com sombra azul nos olhos pintados, baton vermelho, maquiagem teatral e altíssimos sapatos dourados entrava em cena desfilando um belo, justo e decotado vestido, também dourado. Ao passar, cuidando disfarçadamente o perigoso e afunilado decote, dizia em alto e bom som: *18 de Brumário!* Só isso. De costas para a platéia,

Dulcina fazia força para não rir da minha preocupação com o decote do vestido. A felicidade que sentia por essa pequena passagem em cena dura até hoje.

Pouco tempo depois, Pedro Bloch, o médico foniatra e consagrado dramaturgo, autor de *As Mãos de Eurídice* e vários outros sucessos teatrais, entrega para Dulcina uma peça chamada *Irene*.

Irene era uma adolescente, órfã de pais, recém saída de um colégio de freiras onde estivera internada desde muito pequena e que tinha vindo morar com sua avó materna, Deolinda (Conchita de Moraes). A avó se vê em apuros diante de uma mocinha cheia de sonhos, mas despreparada para enfrentar as mudanças comportamentais de um mundo tão diferente daquele onde vivera até então. Enfim, a peça tratava dos problemas ligados às mudanças educacionais, aos preconceitos e às diferenças sempre presentes entre as velhas e as novas gerações.

Dulcina decidiu estrear aquela peça às segundas-feiras e me chamou para interpretar a jovem Irene. Estavam no elenco além de Conchita de Moraes e Odilon Azevedo, Narto Lanza, Dary Reis e Dinorah Marzulo. A estréia foi maravi-

Cena do 1º ato de sua estréia teatral no papel-título da peça Irene *de Pedro Bloch ao lado de Dinorah Marzullo, Dary Reis, Narto Lanza, Odilon Azevedo e a grande atriz Conchita de Moraes*

lhosa, no dia 18 de junho de 1951, com o teatro completamente lotado. Os aplausos da noite se repetiram nas críticas, unânimes em relação ao novo sucesso de Pedro Bloch, à direção, ao elenco e, em especial, à minha verdadeira estréia como atriz.Várias reportagens foram feitas com a peça e com a nova revelação teatral lançada pela Cia. Dulcina-Odilon: eu! O sucesso foi tamanho que na semana seguinte *Irene* entrava no lugar de *Ninotscha* e meu salário subia, aos 16 anos, de mil para Cr$ 2.500,00. Uma fortuna!

Como Irene ao lado de Narto Lanza

Capítulo VIII

A Discriminação

Com o sucesso no trabalho teatral comecei a enfrentar os medos familiares, os aborrecimentos em casa e a discriminação contra a carreira.

Fiquei muito triste quando minha colega Fanny, do Colégio Pedro II, com quem eu me dava muito bem e com quem estudava muitas vezes em sua casa, me disse que sua mãe não queria mais que ela estudasse comigo nem que ela continuasse sendo minha amiga. Agora que eu estava trabalhando no teatro, eu deixara de ser uma menina confiável. Agora eu era uma artista. Isso me magoou muito.

Em casa também a coisa foi ficando feia. O espetáculo terminava às 23h 20 mais ou menos e de lá saíamos correndo, minha mãe e eu, para pegar o bonde no Largo de São Francisco. E mamãe coitada, arrancada por mim de sua vidinha normal brigava o caminho todo. Dizia que *aquilo não era profissão de gente decente, que era muito tarde para uma moça de família chegar em casa todas as noites...* etc. É... Os tempos eram outros. O medo, o preconceito e o choque de gerações vividos em cena continuavam no caminho para

casa, minando a alegria que me inundava a cada representação que eu fazia.

Foi um período muito atribulado para mim. Eu não tinha a menor queixa do ambiente que frequentava, o teatro era uma grande família. E, no entanto, minha mãe imaginava qual seria o meu futuro num ambiente cheio de prostituição e coisas ruins. Isso me fazia sofrer muito. Algumas vezes, respondia irritada e apanhava por isso. Dinorah Marzullo Pêra, diariamente amarrava os laços da maria chiquinha que eu usava no 1º ato. E era ela, Dinorah, quem passava *pancake* nos meus ombros para esconder alguma mancha arroxeada com que às vezes eu chegava ao teatro. No último ato de *Irene* eu entrava em cena com as costas de fora num vestido de baile de alças...

Na minha adolescência fui muito feliz e muito infeliz.

A Cia. tinha excursão marcada para Portugal, no final do ano. Dulcina pediu autorização à minha mãe para que eu fosse com ela especialmente para fazer *Irene*, em Portugal. Mamãe relutou, mas acabou deixando com a condição de primeiro eu terminar as provas finais no Pedro II. Se passasse de ano, eu iria.

Despedindo-se de colegas e dos irmãos Ima e Leo, no aeroporto Santos Dumont, em sua 1ª viagem internacional para representar Irene*, em Portugal*

A Cia. seguiu de navio, em setembro, no Anna C e eu fiquei chorando no porto, enquanto o navio se afastava.

Naquele tempo, só os muito ricos iam para a Europa e eu, uma guria adolescente, iria seguir para o Velho Mundo, única e exclusivamente pelo meu talento. Eu não me dava conta da dimensão que tinham esses acontecimentos. O que eu queria era viver em paz, para poder aprender, para transformar-me num brilhante lapidado como d. Conchita tinha dito. *Você é uma pedra rara, um diamante. Para se transformar num belo brilhante você precisa ser humilde, estudar, ver sempre como seus colegas trabalham e, assim, você irá se transformando, pouco a pouco. Mas nunca se deixe envolver pelo sucesso. Ele é traiçoeiro*. Jamais esqueci esses ensinamentos. Temos que aprender sempre, estudar muito, saber que nunca saberemos tudo e olhar o sucesso com algum distanciamento.

Tinha que seguir meu destino e só poderia fazê-lo se continuasse sendo uma boa aluna e uma boa filha. Estudei como nunca, ajudava nos serviços de casa procurando agradar a todos.

Pouco depois fui convidada para estrelar um filme da Atlântida, cujo galã seria o cantor Dick

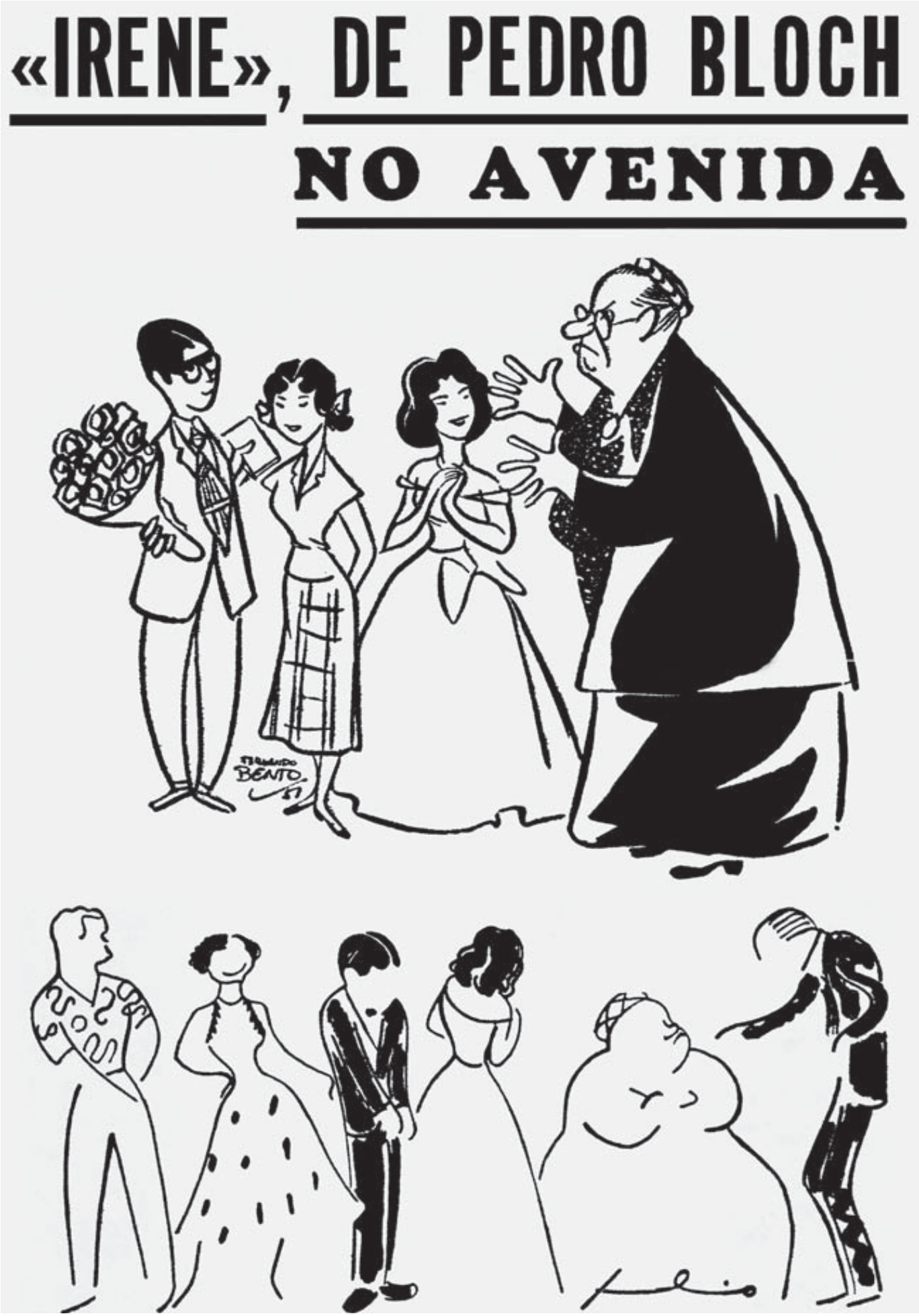
Farney, lançado como ator no cinema. O filme seria dirigido e produzido pelos irmãos Alipio e Eurides Ramos. Chamava-se *Perdidos de Amor*. Acontece que houve um incêndio na Atlântida, com grande prejuízo financeiro. O lançamento nacional de uma jovem atriz desconhecida com um cantor de sucesso, mas sem público de cinema, pesou na balança. Foi isso que me disseram. Contrataram a belíssima Fada Santoro e eu passei para um outro papel, o da menina feia, má e invejosa. Filmamos numa fazenda em Morro Azul e morávamos em outra relativamente perto. Foi quando conheci Cyl Farney, o irmão do Dick, a mãe deles e um monte de pessoas de cinema. Quando a filmagem terminou depois de um mês de trabalho, com parte da fortuna que ganhei (Cr$ 15.000,00!), minha mãe, que ia sempre para lá com as crianças, comprou para mim um relógio de ouro lindíssimo, pequenino como se usava em meados dos anos 1950, com uns brilhantinhos nas laterais.

A direção do Colégio Pedro II foi fantástica. Assim que eu terminava a prova escrita, uma banca examinadora me esperava para a prova oral. Passei direto, somente com as notas da prova oral. O diretor era o prof. Gildásio Amado.

Segui para Portugal na Panair do Brasil, no dia 20 de dezembro. Pedro Bloch e sua Myriam me

acompanharam ao aeroporto e pediram que trouxesse todas as críticas que saíssem. Minha família e alguns colegas do colégio também foram ao Santos Dumont.

No camarim de Dulcina, no Teatro Avenida de Lisboa, na estréia de Chuva



Dary Reis, Dinorah Marzulo, Narto Lanza, Theresa Amayo, Conchita de Moraes e Odilon Azevedo em caricatura dos jornais Diário Popular e Diário de Lisboa de 29 de dezembro de 1951

Capítulo IX

Uma Adolescente na Europa

A Cia. inteira me esperava no aeroporto da Portela, em Lisboa. Foi uma coisa tão linda! Mais ainda, depois de viajar quase 24 horas com escalas em Recife, Dakar e Lisboa, continuar ouvindo e falando português... na Europa!

Dulcina, Odilon, d. Conchita, Yara Cortez, seu irmão João e sua mulher – que embarcou grávida – já com seu bebê, Leana, que nasceu a bordo do Anna C –, moravam num enorme apartamento na Av. da Liberdade, em Lisboa. Fiquei com eles, alojada no quarto de d.Conchita, minha querida vovó Deolinda, personagem da peça *Irene*.

A Cia. Dulcina-Odilon se apresentava no Teatro Avenida, que ficava bem próximo do nosso edifício. Manoel Pêra, sua mulher, filha e sogra, a querida atriz Antonia Marzulo, Luciano Trigo e família, Suzana Negri e seu pai Jorge Diniz, moravam num hotel perto de nós, assim como Walter Amêndola, Dary Reis e Narto Lanza. A Cia. era uma grande e amorosa família.

Dulcina sofreu alguns percalços com seu repertório, por parte de uma atriz brasileira há

muito radicada em Portugal, que fez tudo para conseguir os direitos de *Chuva* de Somerset Maughan, sucesso absoluto de Dulcina no Brasil e até na Argentina. Enquanto a lengalenga prosseguia, *As Solteironas dos Chapéus Verdes* lotava o teatro todas as noites. Conchita de Moraes foi alcunhada pelos portugueses, de O Chabi de saias, uma grande homenagem, já que Chabi Pinheiro tinha sido um dos maiores atores cômicos portugueses. Curioso que para eles, o sotaque de Manuel Pêra, português de origem não era reconhecido mais como sendo o sotaque do idioma falado em Portugal. Pêra era reconhecido somente como um grande ator brasileiro.

Finalmente *Irene* substituiu *As Solteironas...* e foi um grande sucesso também em Portugal. A cortina abria no 1º ato com Irene cantando para a avó. A cena era muito terna. Deolinda (Conchita) estava sentada em uma poltrona fazendo crochê. Irene, sentada no chão com a cabeça recostada no colo da avó e, abra-çada a um grande livro, cantava um peque-no trecho da *Ave Maria*, de Gounot. No dia da estréia, quando as cortinas começaram a se abrir, o teatro lotado explodiu numa salva de palmas tão grande que abafou meu canto. Fiquei zonza, mas d. Conchita disse baixinho:

Com Dulcina de Moraes e Yara Cortes,
na Torre de Belém, Lisboa

São pra você, Theresinha, pela sua estréia em Lisboa! Incline a cabeça e continue a cantar. Só isso. Vamos continuar. Foi lindo e emocionante.

Ao contrário do Brasil onde a opinião dos críticos levava muitos dias para sair, em Portugal elas saíram na manhã seguinte à estréia, acompanhadas de caricaturas perfeitas. A opinião especializada também foi muito generosa em relação ao espetáculo e ao meu trabalho, em particular.

Apesar do frio inverno de Lisboa e das saudades de casa, estava muito feliz com o carinhoso tratamento que recebia de todos e também da imprensa e dos atores portugueses.

O Teatro Avenida era um antigo teatro localizado na Avenida da Liberdade, coração de Lisboa. Quando estive em Portugal, no final de 1951 e começo de 1952, tínhamos que fazer dois espetáculos diários além das matinês aos sábados e domingos. O descanso semanal das segundas-feiras ainda não existia lá. O teatro era uma jornada ininterrupta protegida por uma guarnição de bombeiros elegantemente uniformizados. Eles usavam uma espécie de capacete preto com enfeites dourados. Conchita dizia que eles pareciam uns marechais. E era verdade... Aliás, naquele tempo, era um guarda, também usando

um uniforme com muitos enfeites dourados e um estranho chapéu, que tinha a chave e abria o portão do prédio para que entrássemos em casa, ao voltar do teatro. Ficava impressionada com a quantidade de chaves que ele carregava. Acho que ninguém podia ter a chave dos portões dos prédios onde moravam, só a polícia. Aquela época era o auge da ditadura do Salazar.

Durante o dia eu saía quase sempre com Dulcina, Odilon, Suzana Negri e Yara Trigo, a filha do Sr. Luciano Trigo, para passear pela cidade. Comíamos castanhas assadas que comprávamos na rua e nos divertíamos tentando entender os nomes dos jornais vendidos aos gritos por pequenos jornaleiros. Não entendíamos nada do que falavam. Eu ficava fascinada também com os lindos buquêzinhos de violetas verdadeiras que as senhoras vendiam pelas ruas da cidade.

Visitamos a Alfama e a Mouraria, dois dos bairros populares mais famosos situados nas colinas da cidade. Fomos também visitar museus e castelos de Lisboa e de Sintra. Como eram lindos!

E como era fácil descobrir naquele tempo, andando na Baixa e no Rocio, personagens em tudo semelhantes aos descritos nos romances de Eça de Queiroz.

Uma noite fomos levados a uma Casa de Fados pela grande e belíssima fadista Amalia Rodrigues. O respeito e carinho que os portugueses dedicavam a Amália era emocionante. País que tem memória é assim...

Mais ou menos um mês depois da minha chegada mudamos do grande apartamento para um hotel. Fiquei no mesmo quarto com d. Conchita. Esse quarto tinha uma porta que abria para o de Dulcina e Odilon. Durante a encenação de *Chuva*, de Somerset Maugham, Dulcina pegou uma gripe muito forte e um dia teve que suspender o espetáculo porque estava péssima e com muita febre. Um médico foi chamado e este, ao examinar a Du perguntou: – *Sra. Dulcininha, e a tripa? Como é que vai a tripa?* Nos olhamos imediatamente prendendo o riso e entrei rápido no nosso quarto para poder rir à vontade. Conchita chegou logo depois rindo também. As surpresas do idioma português falado em Portugal nos fez rir muitas vezes...

Depois de Lisboa fomos ao úmido Porto e de lá a Cia. saiu em excursão, já marcada, pelas províncias. Acabei entrando nas *Solteironas*, com a cara maquiada com muitas rugas, para fazer a empregada, a mais velha de todas as velhas solteironas. Era só uma passagem, com uma só fala inventada pela Du. Uma das solteironas

quando a campainha da porta tocava, gritava bem alto para a empregada atender. A empregada era um pouco surda. A velha empregada atravessava a cena gritando um *Já lá vou!.* Era muito engraçado.

Na excursão, de um ou dois dias em cada lugar, do enorme repertório, só levávamos *As Solteironas...* e *Chuva*, porém *Chuva* só era encenada se ficássemos dois dias no local. Muitas coisas boas aconteceram nos quase três meses que fiquei em Portugal.

Decidimos que após o término da excursão nas províncias, devido à demora da vinda do Anna C, faríamos uma pequena viagem de trem à Madri e Paris, voltando a tempo de pegar o Anna C para voltar ao Brasil. Minha alegria era infinita e escrevi para casa contando dos planos para quando terminasse a temporada.

Viajava com duas malas (salpicadas das etiquetas dos hotéis onde ficávamos): uma com roupas só para a Espanha e Paris e a outra com as roupinhas que usava diariamente. A Primavera estava chegando e o frio ia diminuir muito. O casacão de lã que Dulcina me dera era minha roupa diária de inverno. Além de quentinho era muito elegante e lindo.

Trabalhamos no Porto, em Régua, em Guimarães e assim que chegamos a Braga, recebo uma carta de minha mãe me mandando voltar para o Brasil imediatamente, porque minhas aulas iam começar em março. Na carta mamãe dizia que não queria que eu me atrasasse no colégio. Foi um choque brutal. Chorei muito, mas a passagem aérea da Alitalia tinha vindo junto com a carta. Quis morrer, quis fugir, não sabia o que pensar nem o que fazer. Chorei dia e noite. Toda a companhia ficou boquiaberta. Ninguém conseguia me consolar.

Dulcina e Odilon então conversaram comigo longamente. Não entendiam o comportamento de minha mãe, mas na realidade ela era a minha mãe e eu era menor de idade. Eu trabalharia sempre com eles depois que a companhia voltasse ao Brasil, minha carreira não seria interrompida. Eu era uma atriz e tinha um grande talento. Eles não poderiam acompanhar-me, mas o Sr. José Soares, secretário da Cia. iria comigo para Lisboa e me levaria de volta ao Brasil.

E foi assim que voltei para o Brasil: uma menina revoltada, triste e profundamente infeliz. Pensei que tinha perdido a grande chance de conhecer a Espanha e a França, mesmo que fosse só por pouco tempo. Minha mãe dizia: *Quando você for maior de idade vai ter muitos convites para*

ir à Europa. Se mal começou já foi convidada, imagine se não faltarão outros convites... Minha pobre mãe não entendia o trauma horrível que eu estava vivendo.

Foi quando comecei então a pensar seriamente que o melhor para mim era morar sozinha. Mas como? Menor de idade... Só poderia sair de casa depois de casada. Chorei muito. Fui muito infeliz. As aulas começaram, meus professores e amigos não entenderam a minha volta antes da Cia. e, a partir daí, comecei a ser uma aluna completamente alienada do que estava sendo dado em aula. A duras penas terminei o Clássico.

Capítulo X

Primórdios da TV Carioca

Na volta da Europa como o Teatro Regina estava alugado, a Cia. iniciou a excursão que fazia anualmente por alguns Estados do Brasil. *Irene* estava no repertório, mas minha mãe só permitia que eu viajasse quando chegassem as férias de julho. Assim, só fiz *Irene* em Belo Horizonte. Fui substituída no resto da excursão pela sobrinha de Dulcina, Sonia Lopes.

Na ausência da Cia. Dulcina-Odilon, Graça Mello alugou o Teatro Regina para estrear sua companhia. A peça de estréia chamava-se *Massacre*, de Robles. Fui convidada para participar do elenco onde, além de Graça Mello, que dirigia e atuava, estavam Mario Brasini, Labanca, Maurício Sherman, Serafim Gonçalez, Gilberto Martinho e outros consagrados atores.

A peça era passada num país sul-americano e um oficial espanhol, Montserrat (Mario Brasini), tinha sido preso por ter ajudado Bolívar a fugir. O outro oficial, Isquierdo, (Graça Mello), crudelíssimo e desumano, exigia que Montserrat delatasse Bolívar. Para conseguir isso, ordenou a seus soldados que prendessem as seis primeiras

pessoas que passassem pela rua, naquele momento. Foram presos uma índia adolescente, um jovem índio, um oleiro, um grande ator espanhol, a mãe de um bebê recém-nascido que ficara sozinho em casa e um rico comerciante. Cada refém seria fuzilado, um a um, até que Montserrat revelasse o esconderijo de Bolívar. Era uma peça forte, belíssima, muito bem escrita. Meu papel seria o da índia.

Minha mãe me acompanhou ao teatro para ouvir a leitura da peça. Num momento da história, Isquierdo começa a informar aos reféns que seriam fuzilados, um a um por culpa de Montserrat. Vira-se para a índia e diz, cinicamente, que irá seduzi-la antes de matá-la, falando da sua beleza selvagem e alguma coisa sobre os seios da jovenzinha. Esta cena foi suficiente para que mamãe não permitisse minha participação no espetáculo.

A peça, muito bem dirigida e interpretada pelo elenco, foi um sucesso estrondoso. Gilda Nery fez o papel que seria meu.

Pouco depois, fui convidada por Sarah e Cesar para fazer uma peça no Theatro Municipal por uma semana: *As Bruxas já Foram Meninas*, de José César Borba. No elenco estava o Narto Lanza com quem atuei em *Irene*, d. Antonia Marzullo,

d. Olga Nobre, Ribeiro Fortes, Samaritana Santos e eu, dirigidos por d. Ester Leão. Foi maravilhoso poder atuar no palco naquele imenso, tradicional e belo teatro cuja acústica era perfeita. Mesmo a peça não fazendo o sucesso esperado foi uma inesquecível experiência.

Depois trabalhei em peças de uma única representação, encenadas pelo Aurimar Rocha, que as vendia para clubes da cidade, especialmente o Tijuca Tênis Clube.

Um dia, saindo da *Rádio Ministério da Educação*, o ator Magalhães Graça perguntou se eu queria trabalhar numa peça que ele ia começar a ensaiar. A peça era *Deu Freud contra* que Silveira Sampaio escrevera e iria dirigir. Aceitei, mas não foi uma boa experiência para mim. O método de trabalho do Sampaio era antinatural e tive muita dificuldade em assimilar o que o diretor pedia. Estreamos no Teatro de Bolso, na Praça General Osório, que hoje não existe mais naquele local. Dois meses depois da estréia, recebi um convite do diretor George Dusek para trabalhar em seu filme *Santa de Um Louco*, filmado em Maricá. No elenco estava Jardel Filho, Ângela Fernandes, Roberto Batalin e Antonio Carlos. Essa era uma ótima chance para pedir substituição. Foi o que fiz para minha alegria e do Silveira Sampaio. A atriz Sonia

Cena do filme Santa de um Louco*, com Ângela Fernandes, direção de George Dusek*

Correia com quem Sampaio trabalhava sempre estava de volta e me substituiu muito bem.

Fui convidada para fazer a Portia de *O Mercador de Veneza,* de Shakespeare no Teatro Universal da TV Tupi. Morta de medo aceitei o convite, mas corri para pedir ajuda a Dulcina. Ela não se furtou em me orientar apesar de achar, com toda a razão, que era uma loucura levar um texto daqueles com um único ensaio dos atores. Inconcebível!!! E era verdade. No dia do teatro ir ao ar ensaiamos com as câmeras no estúdio que havia no 4º andar do prédio da Av.Venezuela. A direção era do Chianca de Garcia. Mal tive tempo de repassar as marcações depois do único ensaio de câmera. Era o tempo exato de vestir as roupas alugadas do Mundo Teatral pela Tupi e os *slides* do Grande Teatro já começavam a ir para o ar. A atriz Myriam Pires abria o programa, vestida de grega e dava algumas explicações sobre a peça que seria levada a seguir. E a tourada começava. Felizmente minha memória era excelente e o texto estava completamente decorado o que, naquelas circunstâncias era meio caminho andado.

Nos tempos jurássicos da TV, conseguir dizer o texto e não errar as marcações já era um ato heróico. Quando o espetáculo terminava respirávamos aliviados. Mais um leão tinha sido morto...

Depois do sucesso dessa primeira experiência, fui convidada para outros teleteatros sempre ganhando cachê por espetáculo e usando as minhas próprias roupas. Naquele época a televisão e as companhias teatrais não forneciam as roupas dos espetáculos encenados quando não eram de época. Cada ator era responsável pelo seu figurino.

Continuei visitando o elenco do agora Teatro Dulcina (Odilon tinha comprado o teatro) onde eu fizera tantos amigos.

Dulcina estava decidida a parar suas atividades e se dedicar à preparação de atores na Fundação Brasileira de Teatro que iria inaugurar. Dizia que eu ia ser sua aluna número 1. Soube depois que ela tinha dito o mesmo para sua sobrinha Sonia, que também a amava muito...

O tempo foi passando e os trabalhos na TV começaram a fazer parte do meu dia a dia. Uma tarde, ensaiando um programa na TV Tupi, o ator Armando Nascimento me contou que o novo diretor artístico da TV era o Mario Brasini e que ele estava contratando muitos dos atores que trabalhavam a cachê. Que certamente iriam me chamar. Perguntei quanto eles estavam pagando. Seu Armando me disse: *Pode pedir Cr$ 5.000,00. –Tudo isso??? Não vou ter coragem de*

Ao lado do galã Paulo Porto em O Mercador de Veneza –
TV Tupi, Canal 6 – Rio – Direção de Chianca de Garcia

O leque *de Goldoni, ao lado de Heloisa Helena no Grande Teatro Universal, direção de Chianca de Garcia*

pedir esse dinheirão... – Ao que seu Armando retrucou: *Peça sim, menina. Você é a revelação do Teatro Brasileiro. Tudo que você tem feito no Teatro Universal tem sido perfeito, mesmo com a bagunça que são os ensaios. Isto aqui vai mudar. O Brasini vai dar um jeito nisso!*

Realmente, dias depois, o sr. Mario Brasini mandou me chamar. Fui à sala da direção artística, tremendo e morta de vergonha do salário que iria pedir.

Brasini era um grande ator, um galã simpaticíssimo e já me conhecia do sucesso de *Irene* e da leitura de *Massacre*. Conversou sobre as novas diretrizes da *Tupi* e do elenco de atores que queriam para o teleteatro. Eu era um desses atores. Perguntou se eu tinha pensado no salário que gostaria de ganhar, para ser exclusiva da Tupi. Fiquei muda. Não conseguia dizer os Cr$ 5.000,00 que seu Armando tinha falado. E, muito encabulada, me saí com esta: *Não sei, Sr. Brasini. Meu destino está em suas mãos.* Brasini riu e disse: *Salvo seja, menina! Salvo seja!* Levantei-me e saí louca da vida comigo mesma por ter dito aquela bobagem.

Na semana seguinte a direção da Tupi mudou de novo. Brasini, que tinha assumido a direção artística a convite de Fernando Chateaubriand, largou a emissora acompanhando o filho do Chateau, com quem este, mais uma vez, tinha brigado.

Na TV Tupi, Canal 6, Rio, o lado de Paulo Porto, no papel-título da novela Maria Cristina, *direção de Mario Provenzano*

Continuei trabalhando muito a cachê, nos primitivos estúdios do 4º andar da Av. Venezuela, onde a *TV Tupi* se instalara. Na realidade o prédio era das prestigiadas emissoras *Tupi* e *Tamoio*. Naquele tempo o rádio é que tinha audiência e transformava os radiatores e cantores em ídolos populares. A TV não. A TV era um brinquedo novo que ainda não tinha muita credibilidade. Além disso, os aparelhos de TV eram muito caros, a imagem era fraca, a programação era insuficiente e poucas famílias se dispunham a investir nessa nascente tecnologia. E aos poucos ter que suportar a invasão dos televizinhos na frente das telas de TV. Para nós, atores de teatro e de rádio, essa nova fonte de trabalho era um desafio que nos agradava muito.

Fiz muitas peças teatrais sob a direção de Chianca de Garcia, duas ou três novelas, apresentei alguns programas inclusive o do cantor Charles Trenet quando esteve no Rio de Janeiro. Trabalhei com os diretores Bob Chust, Mario Provenzano, Alcino Diniz e Jacy Campos. Tive a felicidade de contracenar com grandes atores como Heloisa Helena, Lourdes Mayer, Ribeiro Fortes, Jaime Costa, Alberto Perez e com os meus ídolos das novelas radiofônicas como Paulo Porto, Haidée Miranda, Norma de Andrade, Telmo de Avelar, Armando Nascimento e muitos, muitos outros.

Cena da novela As Quatro Irmãs*, como Meg, com Jacy Campos, TV Tupi Rio*

Um dia recebi o convite do empresário Carlos Brant dono dos Artistas Unidos para substituir a atriz Lygia Nunes. Lygia ia casar e deixar a companhia onde Mme. Henriette Morineau era a estrela. Fiquei felicíssima. De imediato, assinei o contrato, remontei a comédia *Daqui não saio* e fiz a substituição. A seguir, a Cia. iria para São Paulo, em excursão. Faziam parte do elenco: Francisco Dantas, Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Delorges Caminha, Laura Suarez, René Bell, Armando Rosas, Cylo Costa e eu.

Em sua estréia no cinema no filme Perdidos de Amor *ao lado de Fada Santoro, Dick Farney, Spina, entre outros direção de Eurídes Ramos.*

Capítulo XI

Cia. Artistas Unidos

Fui para São Paulo de trem-leito, acompanhada de d. Regina, a secretária dos Artistas Unidos e da atriz René Bell.

Tínhamos ensaios diariamente das novas peças que seriam encenadas durante a temporada no Teatro Leopoldo Froes. Estreamos com *A cegonha se diverte*, e foi um sucesso. Era uma excelente e engraçadíssima comédia muito bem defendida por Mme. Morineau, Francisco Dantas, Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Cylo Costa, d. René Bell e eu. Meu papel era o de uma empregadinha abobada e, com a fala Isso distrai... que eu dizia em determinada situação da peça, várias vezes ganhei salvas de palmas em cena aberta.

Na remontagem da *Jezebel*, enorme sucesso de Mme. Morineau, eu fazia uma prostitutazinha superescolada. Levei muitas broncas de Mme. Era um papel difícil para uma atriz ainda sem experiência na composição de tipos. Fernanda tentava me ajudar explicando toda a malícia da minha personagem. Meu esforço foi muito grande e me saí... mais ou menos. Em *Mulhe-*

res Feias, ao lado de Mme. e Fernanda me sai muito bem.

Fernanda e Fernando saíam muito comigo. Íamos ao cinema, almoçamos várias vezes no Restaurante do Papai e, de vez em quando, eu os acompanhava ao Gigeto para jantar. Foram ótimos colegas.

Em São Paulo, no final da temporada dos Artistas Unidos, fui convidada pelo Sandro Polônio para entrar para a Cia. Maria Della Costa. Minha mãe não deixou. Ela não queria que eu ficasse mais tempo em São Paulo, longe da família e por isso tive que recusar. Então, Fernanda foi convidada em meu lugar. Ficou e fez uma linda carreira. Perdi aquela grande chance profissional, mas no Rio continuei contratada pelo Carlos Brant, dos Artistas Unidos.

Capítulo XII

Monastério Essênio e Ashram de Sarva Yoga

No Rio, como o Teatro Copacabana tinha pegado fogo e estava sendo restaurado, Os Artistas Unidos alugaram o Teatro Rival. Estreamos ali com a peça de Pedro Bloch, *Um cravo na Lapela* sob direção de Mme. Morineau. Nessa peça eu tinha uma cena muito difícil onde devia gargalhar. E como é difícil dar a famosa gargalhada cristalina!As explicações técnicas do foniatra Pedro Bloch reforçaram o rigoroso aprendizado que me foi útil durante toda a minha carreira.

Um dia minha mãe me convidou para assistir à palestra de um Swami que era fabuloso. Realmente fiquei impressionada com tudo que ele falava, e comecei a ler o seu livro *Yo que caminé por el mundo.*

Uma frase que li *Nos Templos do Himalaia* dizia que *quando o discípulo está preparado, o guru aparece*. Mamãe me incentivava para que me tornasse discípula externa do Monastério Amo-Pax, que ficava em Resende. Pensei que já devia estar preparada porque, sem dúvida alguma, a discípula tinha encontrado o seu guru. Obedeci e recebi um nome místico: Pujadevi (Anjo da Oração).

Com o elenco de O Cravo na Lapela*, de Pedro Bloch: Armando Braga, Cilo Costa, Judite Vargas, Sara Dartus, Theresa Amayo, Henriette Morineau, Laura Suarez e Oscar Felipe. Cia. Artistas Unidos, Teatro Rival, Rio de Janeiro*

No carnaval fomos fazer um retiro espiritual no Monastério e foi lá que conheci o jovem húngaro que viria a ser meu futuro marido.

Desde que cheguei, o indisfarçado interesse do jovem por mim foi muito bem recebido pelos discípulos que moravam no lugar. Seríamos o primeiro casal jovem a casar naquele Ashram de Sarva Ioga e Mosteiro Essênio. Voltei para o Rio impressionada com tudo e comecei a achar que meu destino era aquele.

Estava filmando *O Diamante*, sob a direção de Eurides Ramos.

O elenco era formado por Anselmo Duarte, Lydia Mattos, Gilberto Martinho, Jackson de Souza entre outros.

Quando chegávamos ao estúdio íamos para a sala de maquiagem onde o maquiador Erik Rzepetisk nos esperava. Enquanto o trabalho não começava, ficávamos por lá mesmo, conversando. Eu ria muito com os comentários sobre política e com as piadas que o Anselmo fazia, mexendo com os brios do querido Jackson de Souza, comunista declarado. *Quando o comunismo chegar, você já sabe, Jackson, a câmera do Helio é minha....* A fotografia do filme era do Helio Barrozo Neto que ficava uma arara com a brincadeira.

Em cena do filme O Diamante*, com Gilberto Martinho e Jackson de Souza*

Às vezes, no *set* de filmagem, o Anselmo sugeria alguma mudança na marcação da cena que ia sendo filmada, mas os palpites que dava nunca eram aceitos pelo diretor. *Quando você for diretor de algum filme você faz assim...* respondia o seu Eurides. Tempos depois ele fez. E ganhou a Palma de Ouro.

Assim que terminei de filmar decidi morar no Monastério. Seguindo a orientação que recebi de Resende dei todos os objetos que me pertenciam para minha irmã Lia e para Zelinda, minha irmã adotiva e segui para o Monastério, com as bênçãos de mamãe.

Como estava fazendo uma experiência mística, não fiz nenhum voto de pobreza. Eu era apenas uma noviça, não era uma *yoguini*. Se a experiência desse certo eu continuaria. Se não, voltaria para o Rio de Janeiro e retomaria minha carreira.

O lugar era lindo apesar de verdadeiramente pobre. Trabalhávamos na terra, orávamos, fazíamos os exercícios de ioga, atendíamos aos necessitados que nos procuravam, tomávamos banho numa cachoeira que formava uma piscina natural e à tardinha começava a grande reunião espiritual. Acabei namorando com o jovem húngaro, seis meses depois, fiquei noiva e decidi casar em absoluto segredo. Eu não queria

nenhum tipo de divulgação. Minha família ficou horrorizada com a minha decisão de casar com a túnica do monastério e não vestida de branco e na igreija católica. Foi um enorme desgosto que dei a ela e, por isso, ninguém da família compareceu á cerimônia. Acontece que o nosso guru Swami Sevananda, em quem eu confiava mais do que em tudo, na véspera do meu casamento foi à cidade e telefonou para a mídia da época dando a notícia.

Quase morri de desgosto quando vi chegarem os carros da Manchete, da Revista do Rádio e outras publicações, armados de máquinas para fotografar meu casamento secreto. Foi a primeira enorme decepção que tive com o Monastério.

Depois da longuíssima cerimônia, fomos passar a lua-de-mel na linda casa cedida por uma discípula. Quando cheguei à casa e me vi sozinha com meu marido, percebi que tinha feito uma grande bobagem. Ele não era definitivamente o homem dos meus sonhos... Enfim... procurei ser feliz.

Voltamos uma semana depois. Passado um mês e pouco comecei a me sentir mal, com tonturas, sono, vômitos e muita preguiça. Todos diziam que não era nada, mas eu queria ir a um médico no Rio. Minha ida foi discutida e finalmente per-

mitida. Desembarquei na rodoviária angustiada sem saber para onde ir. Precisava de alguém com quem pudesse dialogar. Infelizmente a casa de minha mãe não era o lugar indicado. Eu precisava de paz. Para onde ir, meu Deus? Du, Dulcina com certeza me acolheria. Fui recebida com o carinho de sempre. De lá segui para o Serviço Médico do Sindicato dos Radialistas, de onde era sócia. Os exames foram realizados e o resultado não deixava dúvidas. Eu estava grávida!

Com a primeira filha, Lys

Capítulo XIII

Lys, Flor de Lys

Telefonei para Resende e disse ao meu marido que eu estava grávida e que não voltaria mais. Ele falou: *Está bem. Você decidiu. Eu vou ficar aqui.*

Fiquei morando provisoriamente no apartamento da Dudu, na Av. Atlântica, no Leme. Pouco depois a Cia. saiu em excursão para o Norte e Dulcina deixou o apartamento comigo até que ela voltasse.

Comecei a procurar trabalho. Tive sorte. O sr. Eurides Ramos ia começar a fazer um filme com o Mazzaropi chamado *Fuzileiro do Amor* e estava precisando da mocinha. Era eu. Assinei o contrato e comecei a filmar. Não disse que estava grávida, claro, mas muito rapidamente meus seios começaram a crescer, a cintura a alargar e, por pouco, não apareço barriguda no filme.

Trabalhar com Mazzaropi foi uma experiência enriquecedora. Ele era tranquilo, simples e muito engraçado na sua forma tão interiorana de se comportar.

Durante as filmagens, meu marido e seus pais chegaram para ficar comigo no apartamento

da Dulcina. Muito rápido meus sogros alugaram um apartamentinho em Ipanema e se mudaram do Leme.

Assim que terminei o filme voltei a trabalhar na *Rádio Ministério da Educação*. Fazia o programa *Terra Brasileira*, do Ministério da Fazenda e *Douce France* e *França Eterna*, estes pagos religiosamente pela embaixada francesa. O dinheiro que recebi do filme e da rádio nos manteve por algum tempo porque meu marido não conseguia nenhum trabalho.

Aluguei um apartamento de sala e quarto conjugado na Rua Sá Ferreira, 142, 3º andar e trabalhei na rádio até o dia 1º de maio. Mesmo com a precária situação financeira, minha gravidez correu tranquila. No trabalho semanal recebia o carinho do casal de atores Álvaro e Cora Costa, da atriz Vitória Régia e de todos da *Rádio Ministério da Educação*.

No dia 2 de maio, à tardinha comecei a sentir os primeiros sinais do trabalho de parto. Apesar de primípara, tudo foi muito rápido e, na madrugada do dia 3 de maio, às 3h 45 minutos minha filha Lys veio ao mundo. Como era linda! Clarinha, com os cabelinhos castanhos, as mãozinhas perfeitas e grande: 54 cm. Pesava 3 quilos e 750 gramas.

O nascimento de minha filha Lys foi um dos momentos mais felizes que vivi em toda a minha ainda tão jovem vida. Quando a enfermeira mostrou-me o bebê fui invadida por uma onda de amor, de felicidade e de ternura tão grandes que agradeci a Deus o milagre da vida no presente que Ele me permitira ter. Palavras de amor dirigidas ao meu bebê brotavam incontroláveis de minha boca e minha filhinha ficou quietinha me ouvindo falar. Foi emocionante.

Com Geny França no teleteatro Os Dois Tímidos *de Labiche, no Teatro Moinho de Ouro sob direção de Victor Berbara na TV Rio, Canal 13*

Capítulo XIV

TV Rio

Quase dois meses depois do nascimento de minha filha, Victor Berbara convidou-me para trabalhar na *TV Rio*, no Teatro Moinho de Ouro. Berbara dirigia excelentes teleteatros e pagava um bom cachê. O convite era tudo o que eu necessitava naquele momento. Eu precisava trabalhar, mas amamentava minha filhinha. Disse isso a ele e Berbara, muito emocionado porque também estava com um filhinho recém-nascido, não encarou isso como um problema. Eu poderia sair do ensaio, de três em três horas, para amamentar Lilizinha.

Era uma corrida louca, da *TV Rio* no posto 6 até a minha casa na Rua Sá Ferreira. Era um perto longe. Chegava suada, com o leite escorrendo na minha blusa. Fazia uma higiene rápida e amamentava minha filha. Lys mamava pouco e meu leite empedrou. Os mamilos abriram em feridas, doía muito e era necessário tirar o excesso com bomba de sucção, própria para esses casos. Minha empregada não dormia em casa, mas era louca pela Lys. Cuidava dela muito bem nesses intervalos. Só ia embora quando eu voltava do ensaio.

O teleteatro ia ao ar, ao vivo, aos domingos e, bem antes, eu levava minha filhinha com mamadeiras, sucos, fraldas, creme Johnson e tudo que fosse necessário para a casa de minha irmã Lia, em Laranjeiras. Quando o teleteatro acabava ia buscá-la e vinha de táxi para casa. Meu marido não queria ficar com ela. Dizia que não tinha vocação para pai e não ia saber cuidar do bebê.

Todas as manhãs, das 9 às 10 horas, eu levava minha filha para passear no seu carrinho xadrez, na calçada da Av. Atlântica. Lys crescia a olhos vistos e ficava mais linda a cada dia que passava.

A responsabilidade da casa era minha e felizmente trabalho nunca me faltou. Sempre a cachê, como *freelance* eu atuava na *TV Tupi* e na *TV Rio*.

Quando Lys fez um ano, minha vida matrimonial estava um desastre. Tentamos nos adaptar um ao outro, mas era impossível.

De novo Carlos Brant, dos Artistas Unidos, me convidou para voltar a trabalhar com eles, no Teatro Copacabana. Fiz *Loucuras de mamãe* uma comédia do Jota Gama e como meu personagem fumava e falava fumando o 2º ato inteiro, tive que aprender a fumar para não ficar engasgada.

Na TV Tupi Rio, Vesperal Trol*, dirigido por Fábio Sabag*

Nessa época Marisa Gata Mansa se apresentava no Golden Room. Às quintas-feiras, no intervalo da matinê, eu ia ao seu camarim conversar um pouco e cantarolar com ela. Num desses dias de trinado, um jovem cantor muito amigo da Marisa que tinha ido visitá-la, me acompanhou ao violão, elogiou a minha voz e me convidou para ser cantora. Recusei porque apesar de gostar de cantar, eu queria mesmo era continuar sendo atriz. Acompanhei, de longe, o seu sucesso. Chamava-se João Gilberto...

Depois da Marisa, o Golden Room apresentou, em curta temporada, a cantora Edith Piaff. Quando o nosso espetáculo acabava, vestida ainda com a roupa de cena, eu corria para os bastidores do Golden, para assistir o maravilhoso *show* da estrela francesa. Ela se apresentava com um elegante e discreto vestido negro com decote em V e, no seu colo muito claro, brilhava um cordão de ouro com um crucifixo. Todas as noites eu a esperava para conversar. Contei, no meu francês ginasiano e canhestro, que eu era atriz e estava atuando no Teatro Copacabana ao lado de Mme. Henriette Morineau. Tenho emoldurado na parede do meu apartamento o retrato autografado que a Edith Piaff me deu. Chorei muito quando ela morreu.

Na TV Tupi Rio, Vesperal *ou* Teatrinho Trol

Ainda com os Artistas Unidos fui a sofrida e complexada Laura Wingfield de *À margem da vida (The glass menagerie)*, de Tennessee Williams ao lado de Mme. Morineau, como Amanda Wingfield, Adriano Reis como Tom Wingfield, o irmão e narrador e Paulo Araújo como Jim, objeto de desejo de Laura. Gostava muito de fazer essa peça.

Nessa ocasião comecei a participar do Teatrinho Trol que Fabio Sabag dirigia aos domingos, na *TV Tupi* (agora na Urca) e que ia ao ar aos domingos, antes da matinê do teatro. Era uma correria louca, mas como era bom fazer o programa, mesmo com todos os acidentes que aconteciam muitas vezes durante a transmissão ao vivo. O Teatrinho Trol marcou época. O príncipe era sempre o Roberto de Cleto, a bruxa era a Zilka Salaberry, o rei era o Paulo Padilha ou o Leonardo Villar, as fadinhas eram ou a Myriam Pérsia ou eu. Algumas vezes também fazíamos as princesas. Mas a princesa mais famosa era a lindíssima Norma Blum. A queridíssima Norminha começou ajudando o professor Blum, seu pai que dava aulas de inglês na TV.

Carlos Brant decidiu trazer de Portugal o grande ator Villaret, especialmente convidado para estrelar a peça, de Annouill, *Ardèle où la Marguerite*, rebatizada em português como *É do amor que se trata.*

Era uma peça de época e foi dirigida pelo espanhol Caetano Luca de Tena. O elenco: era formado por Mme. Morineau, Villaret, Laura Suarez, Adriano Reis, Maria Pompeu, Jacqueline Fernandez, Delorges Caminha e eu.

Havia um certo clima bélico entre Madame e Laura Suarez, diplomaticamente administrado por Carlos Brant. Então, nesse espetáculo, para que Madame pudesse descansar um pouco, depois do esforço despendido na *À margem da Vida*, Laura Suarez seria a protagonista feminina ao lado de Villaret. Maria Pompeu, linda, loura de olhos azuis belíssimos e jovem também foi escolhida pelo diretor para fazer a ingênua, Adriano Reis, o galã, e eu, a empregadinha que cuidava das duas pestinhas interpretadas por Jacqueline e Cleonir dos Santos. Morineau fazia uma louca que vivia presa e somente aparecia no final do terceiro ato, na varanda do segundo andar do cenário, gritando e desfazendo o mistério do enredo. Todos entravam em cena nessa hora. Eu e as crianças, que tínhamos saído pela porta do andar superior do cenário, ficávamos aguardando a deixa por um bom tempo, sentados no patamar da escada. Dali poderíamos descer para o camarim, se fosse o caso. De vez em quando eu fazia isso, para dar uma olhada em Lys que ficava dormindo no sofá do camarim, sob o olhar atento

da camareira Regina Malheiros. E a temporada foi seguindo seu curso. Mais ou menos dois meses e pouco depois da estréia, Villaret necessitou voltar para Portugal e pediu substituição. Foi um susto para todo o elenco e para o Brant.

Dias depois, Carlos Brant nos informou que finalmente tinha encontrado o ator capaz de substituir Villaret: Mario Brasini. Ficamos contentes, Mme. Morineau em especial, que gostava muito do trabalho do Brasini, achava-o um belo homem e um grande ator.

No filme Eu Sou o Tal*, com Francisco Dantas, Vagareza e Magalhães Graça.*

Capítulo XV

É do Amor que se Trata

Mario Brasini chegou ao teatro com a simpatia de sempre. Fiquei olhando de longe enquanto ele falava com Mme. Morineau, Laura Suarez, Caetano Luca de Tena, Carlos Brant, enfim, com os que o rodearam. Ao virar-se, me viu e ficamos parados, olhos nos olhos, sem dizer uma palavra. Parecia que aquele encontro tinha sido marcado há milhares de anos. Foi uma coisa mágica! Depois ele rompeu o silêncio e me apertou a mão com forte carinho. Fiquei vermelha com a situação e fui para a platéia assistir à remontagem.

Percebi imediatamente que o interesse de Brasini por mim era enorme. De cena, ensaiando, ele dava um jeito de me procurar na platéia. Eu ficava afundada na poltrona, morta de vergonha e com medo de que alguém do elenco percebesse seu olhar.

Durante o espetáculo, no 3º ato, antes da entrada de Mme. Morineau, na parte superior do cenário, como já contei no capítulo anterior, eu ficava sentada no patamarzinho à direita, por onde tinha saído com as crianças. Nessa hora o personagem que Brasini fazia contracenava

sentado numa poltrona de vime, muito bonita à esquerda do cenário. Pois o danado conseguia mudar lentamente a posição da poltrona para me olhar. Comecei então a sentar nos degraus da descida da escada, onde ele não podia me ver.

Finalmente, Brasini se ofereceu para nos deixar em casa porque ele tinha carro e seria um prazer nos levar, a nós, Maria Pompeu, Jacqueline e a mim. Todas iam saltando em seus edifícios e o meu era o último, na Rua Sá Ferreira. Agradecia a carona, saltava e voava para dentro do edifício.

O tempo foi passando e, aos poucos, ficávamos conversando alguns minutos no carro, na porta do meu edifício. Mario me contou da filha Cláudia que estava muito mal, desenganada, contou da viagem que fizera com a mulher para os países socialistas atrás de medicação apropriada para a doença rara que atacara a criança: desmielinização. Nunca tinha ouvido falar nisso e ele me explicava como eram os nervos com essa doença. A capa de mielina desaparecia e os nervos ficavam como se fossem fios elétricos desencapados que entravam em curto. Era horrível! Tinha muita pena do sofrimento daqueles pais, da criança e dele, em especial.

Algum tempo depois a filhinha morreu. Depois do enterro, Brasini foi trabalhar na peça, profis-

Com a filha Lys, depois da matinê no cenário da peça
É do amor que se trata*, no Teatro Copacabana*

sional que era. No final do espetáculo, mesmo insistindo para que ele fosse para casa e não nos levasse como sempre fazia, Brasini disse que mais do que nunca precisava de nossa companhia. No caminho conversamos sobre o espetáculo, sobre o público daquela noite, tentando aliviar a situação. Maria e Jacqueline foram saltando e, quando cheguei à minha rua, antes de sair, nos abraçamos pela primeira vez. Mario sofria muito e disse que precisava de minha companhia agora mais do que nunca. Eu estava completamente apaixonada por aquele homem tão íntegro e tão humano. A única coisa que consegui dizer é que tivesse paciência, que somente o tempo aliviaria a sua dor. Fui embora, mas não dormi naquela noite. Percebi claramente o quanto estava envolvida numa grande paixão. E eu não devia. Minha mãe não me perdoaria nunca...

Um dia, no terceiro ato, quando Mme. Morineau aparece em cena no corredor do alto do cenário fugida do quarto, onde, supostamente vivia trancada gritando *Leon! Leon!,* seus olhos bateram em Mario que me olhava da poltrona, apaixonadamente, virou-se para a esquerda e me viu fazendo o mesmo. Levou um susto e seu *Leon! Leon!* custou a sair... Foi Madame a primeira pessoa que nos flagrou. No dia seguinte ela me chamou e disse: *Brasini está apaixonado*

por você. Trate de se separar desse marido que não te ajuda em nada, nem a cuidar da filha! Mas tome muito cuidado. Ele é casado... Saí tonta do camarim sem saber o que fazer. Contei tudo para Regina, a melhor camareira do mundo e muito minha amiga.

Um dia, Brasini convidou-me para jantar, antes do espetáculo, num famoso restaurante chinês do Leblon, chamado Smilling Budha. Regina falou: Vai, sim, sua boba. Vai ser ótimo! Fomos. Regina estava certa. Na volta, Mario parou o carro na Av. Atlântica e disse: *Nega, eu gosto muito de você!* Nos beijamos apaixonadamente. E fomos para o teatro fazer o espetáculo. Meu coração parecia querer sair pela boca de tão feliz e preocupada que fiquei.

Daí a alguns dias Mario me convidou para assistir um *show* no Night and Day. Era a primeira vez que eu iria entrar numa boite. Regina providenciou um vestido lindo rosa com casaquinho e sapatos combinando. Fui ao *show*, felicíssima.

Capítulo XVI

Mais Discriminação

E foi assim que começamos a namorar. Namorar mesmo, sem nenhuma atitude mais ousada além dos beijos, na despedida, apesar das insinuações de Mario para irmos a algum lugar mais reservado. O que me deixava furiosa.

Finalmente quase dois meses depois criei coragem e decidi enfrentar a paixão em sua totalidade.

Comprei um *baby-doll* e, depois do espetáculo, saímos para procurar algum hotel de encontros. Chovia muito naquela noite. Finalmente entramos numa espécie de chácara discretíssima, na Av. Niemayer. Tremendo de medo, mas decidida fui trocar de roupa no banheiro. Quando saí, Mario completamente apaixonado disse espantado: *De baby-doll??? Que coisa mais linda!*, me abraçou com ternura e disse docemente: *Vamos fazer de conta que estamos numa linda fazenda*.

Tudo foi absolutamente novo para mim. Senti e vivi coisas que jamais tinha vivido antes. Agora sim, verdadeiramente eu me tornara uma mulher. Mario perguntou se eu o amava. Respondi: *depois de minha filha Lys, sim, você é a pessoa*

que eu mais amo no mundo. Voltamos para casa ao amanhecer.

Decidi então agilizar a separação de meu primeiro marido. Encontrei um apartamento de dois quartos num prédio que acabara de ser construído em Ipanema. Conversei muito com minha filhinha de 1 ano e seis meses, sobre as mudanças que estavam acontecendo em nossas vidas. Disse que nós duas iríamos morar em outro apartamento, mais perto da praia que ela adorava. Os avós podiam visitá-la e sair com ela sempre, o pai também, coisa, aliás, que ele raramente fazia. Com tudo parcialmente esclarecido nos mudamos para o novo endereço.

Minha família entrou em cena e fui criticadíssima por todos. Não foi fácil.

Naquele tempo, época dos anos dourados, mulher desquitada e ainda por cima jovem e atriz de relativo sucesso, era muito discriminada, um perigo... Desquitadas não tinham nem o direito de abrir uma conta bancária. Tive que pedir ao meu ex-marido que fosse comigo assinar a abertura de minha conta no banco. Havia ainda, na sociedade, a ilusão de que os casamentos deveriam ser para sempre e os que se desquitavam não valiam nada. Eu estava desquitada, portanto... A discriminação encontrou em mim um prato cheio.

Um dia, depois de ver minha mãe, fui visitar uma grande amiga que morava perto de casa, em S.Cristóvão. Entrei e começamos a conversar. Quando a mãe dela soube que eu estava lá, veio de seu quarto e me expulsou de sua casa. *Mulher desquitada não entra na minha casa. Sáia e não volte nunca mais!* A filha tentou argumentar. Levantei e fui embora imediatamente, contendo as lágrimas. Foi horrível.

Vivíamos a época da bossa nova, das grandes canções amorosas, dos amores difíceis, das dores de cotovelo... E também do começo das grandes mudanças sociais.

Mario tinha deixado a direção artística da *Rádio Mundial*, do Alziro Zarur, para dirigir o departamento de rádio, cinema e televisão de uma das maiores agências de publicidade da época: a Standard Propaganda.

A agência tinha me contratado para o lançamento do Dia da Secretária. Era um programa radiofônico semanal, muito bem dirigido pelo saudoso Sérgio de Oliveira, na *Rádio Mayrink Veiga*. Foi lá que vi Antonio Maria, Maysa (lindíssima) e tantos outros, no restaurantezinho que havia na rádio.

Com muita cautela nos encontrávamos às escondidas apesar de, católica como sou, morrer

de remorso por estar amando com loucura um homem casado. Terminei várias vezes nossa relação, mas ele voltava e eu não resistia. Foi uma época muito feliz, de uma paixão intensa, mas desgastante psicologicamente.

Mario era perfeito, um cavalheiro em sua expressão mais completa. Inteligentíssimo, um profissional como poucos, um grande diretor, admirado pelos colegas e diretores, enfim, meu orgulho, admiração e amor por essa criatura maravilhosa, apesar de casado, aumentavam a cada dia. Finalmente dei a chave de meu apartamento para ele.

Eu era *freelancer* e fazia programas na *TV Rio* e na *TV Tupi*. Na *TV Rio* trabalhei, por algum tempo, no programa Estúdio A, dirigido pela Carla Civelli e fiz uma novelinha chamada *Histórias da Vovó Neve.* Nessa ocasião, quando chegava para um ensaio ou indo gravar ou maquiar, cruzava nos corredores da *TV Rio* com jovens roqueiros cabeludos, vestidos à Elvis Presley, todos lutando por um lugar ao sol, como eu, e que pouco depois estouraram com a Jovem Guarda. Erasmo, Roberto Carlos, Rosemary, Jerry Adriani, Wanderléa tão jovens e tão lindos. Naquele tempo, éramos todos do jardim de infância.

Trabalhava na *TV Tupi* praticamente a semana toda. Aos domingos fazia ou o *Teatrinho Trol*, à

tarde ou o *Teatro de Equipe*, à noite; às quartas-feiras fazia quase toda semana o *Teatro de Romance*, dirigido pelo ator Carlos Duval em que filmes de sucesso eram adaptados para TV; aos sábados quase sempre fazia o *Teatro da Imperatriz das Sedas*, dirigido pelo Mauricio Sherman; às sextas, o *Câmera Um*, do Jacy Campos. Também fiz uma novela chamada *Trágica Mentira* e estrelei um seriado, ao lado de Paulo Araújo, que se chamava *Minha Mulher é um Anjo*, escrito e dirigido por Ilza da Silveira. Além disso dublava muito com a Carla Civelli, na Cine Castro. Carla continuava sendo também na dublagem a maravilhosa profissional que dirigiu o Estúdio A, na *TV Rio*. Dublei muito sob sua direção e Carla decidiu que eu seria a voz brasileira da Joan Fontaine. E foi assim enquanto os filmes de Joan Fontaine chegavam ao Brasil e enquanto a Carla dirigiu a Cine Castro. Naquele tempo éramos uma afiada turma de dubladores: Nathalia Timberg, Daniel Filho, Ida Gomes, Francisco Milani, Dary Reis, Alberto Perez, Herval Rossano e muitos outros. Trabalho não nos faltava e não dispensávamos nada. Os cachês extras que ganhávamos era a garantia de uma sobrevivência digna e de carreira promissora. Havia muita solidariedade entre todos nós. Um colega era capaz de ajudar outro colega do dia para a noite substituindo-o, por exemplo, numa peça teatral por alguns dias,

Com Alfredo Murphi, num teleteatro do Clube dos Morcegos, TV Tupi, Canal 6- Rio, direção de João Lorêdo

Com Abdias do Nascimento em Orfeu da Conceição*,*
teledrama de estréia da TV Continental

para que aquele colega pudesse fazer um trabalho que o ajudaria artística e economicamente naquele momento. Vi acontecer isso algumas vezes. Lindo!

Quando o grupo do Sérgio Britto não renovou o contrato com a TV Tupi, trabalhei no *Grande Teatro* das segundas-feiras, agora sob a direção do Carlos Lage. Fiz também o *Clube dos Morcegos*, com direção do João Lorêdo. Vivia decorando textos e correndo de um estúdio para o outro. A programação da *TV Tupi* tinha aumentado com a audiência crescente da emissora e o espaço do antigo Cassino da Urca foi ficando pequeno para os ensaios de seus vários programas. Então ensaiávamos alguns programas fora do prédio da Tupi, uns no Clube Botafogo, outros numa casa na Rua Saint Romain, outras num prédio pertencente às Associadas, em Botafogo. Era uma correria louca, mas éramos muito unidos e trabalhávamos com muita alegria. Foi no Clube Botafogo, num dos ensaios do *Teatro de Equipe* que ia ao ar aos domingos na *TV Tupi*, que conheci um simpático jovem ator que chegara da Suíça havia pouco tempo e que vinha para trabalhar. Chamava-se Jô Soares.

O prédio onde funcionava a *TV Tupi*, foi construido para ser um hotel e o foi, antes de virar um famoso Cassino. Em meados da década de

1950 passou a ser o endereço da *TV Tupi* do Rio de Janeiro. Como o prédio ocupa os dois lados da Rua Cândido Gafree e havia estúdios em ambos os lados, vimos personalidades mundiais passarem por nós, enquanto esperávamos algum estúdio desocupar para que pudéssemos ensaiar. Houve um grande alvoroço quando um risonho Fidel Castro e seus companheiros, os barbudos de Sierra Maestra, passaram para a grande entrevista dada no auditório.

Sempre gostei de música. Sempre fui e continuo sendo admiradora de muitos dos maravilhosos cantores que tive a felicidade de ouvir desde mocinha. Imaginem a alegria que senti ao ver, ao vivo e a cores, saindo do camarim montado especialmente para ele no estúdio A da Tupi, o cantor Nat King Cole!!! Meu ídolo norte-americano! Uma figura elegantíssima. Era alto, esguio e muito simpático. Ele sorriu educadamente ao passar por nós quando saiu do camarim para ir para o auditório que ficava do lado oposto ao estúdio A. Parecia um sonho!

Outra forte emoção foi ver Marlene Dietrich na emissora. Era uma mulher séria, muito magra e elegantíssima em seu vestido longo grudado ao corpo perfeito. A querida cantora Silvinha Teles, namorada do Herval Rossano naquela época

Com Paulo Célio em A Gaivota*, de Tchekov. Direção de José Miziara. TV Continental.*

Em David e Bethsabá*, TV Continental*

e eu, quase choramos de emoção ao vê-la tão próxima a nós. Foi uma época inesquecível!

Vitor Costa, que era muito amigo de Mario, convidou-o para a direção artística da *TV-Paulista* em S.Paulo, *Canal 5*, hoje pertencente à *TV Globo*. Mario aceitou. Deixou a Standard Propaganda e foi para São Paulo. Uma vez por semana, vinha ao Rio, no seu dia de folga.

Nessa mesma época, fui contratada para o elenco da estreante *TV Continental*, *Canal 9*, em Laranjeiras, pertencente ao Deputado Rubens Berardo, mais tarde misteriosamente assassinado em sua mansão que ficava no mesmo bairro.

A *TV Continental* estreou, ao vivo, como todas. Naquela época gravações em VT eram apenas um sonho. O teleteatro de estréia foi *Orfeu da Conceição*. Haroldo Costa vivia o Orfeu e eu, maquiada com *pancake* escuríssimo, fazia a Eurídice. No elenco estavam grandes atores negros como a atriz Léa Garcia, Abdias Nascimento, Zeny Pereira... A *TV Continental* marcou um grande tento com Orfeu. A audiência foi grande e nossa perspectiva de sucesso para a nova emissora, maior ainda.

Foi uma época inesquecível a da *TV Continental*, com um trabalho teleteatral da melhor

qualidade. A direção artística era de Dermival Costalima que trouxe de São Paulo técnicos e diretores de grande competência, como Antonino Seabra, Reinaldo Bury, José Miziara, Luiz Carlos Miele, Mario Pagés, Ibañez Filho, cenógrafos como Paulo Bandeira e Campelo Neto. O elenco era muito bom com Myriam Pires, José Miziara, Nicette Bruno, Paulo Goulart, Ana Ariel, Jackson de Souza, Riva Blanche, Haroldo Costa, Francisco Milani, Roberto Maia, Íris Lettieri começando a carreira e muitos outros. Havia programas semanais variados, além dos teleteatros, como o musical da cantora, Hebe Camargo e *A Alma das Coisas* e *Boa Noite*, *Carmela* de Mario Brasini.

No Teledrama fizemos espetáculos extraordinários e, como tudo era ao vivo, muitas situações inesperadas tiveram que ser solucionadas por nós, na base do total improviso. Nossa sorte era a equipe técnica que tínhamos na Continental. Uma equipe que amava o que fazia e que vibrava com o trabalho.

O ator José Miziara atuava muitas vezes e dirigia com muita competência, o *Teledrama*. O diretor de TV era o Antonino Seabra; Luiz Carlos Miele era o diretor de estúdio e os *câmera-men* eram o Neto e o Reynaldo Boury. Hoje Boury empresta seu talento à direção de novelas da *TV Globo*

Como Esmeralda no O Corcunda de Notre Dame, *Teledrama da TV Continental , sob direção de José Miziara e Antonino Seabra*

Com Jardel Melo e Joana Fomm em Noite Selvagem, *TV Continental*

e Miele tornou-se apresentador, cantor e um *expert* em MPB.

Vivemos muitas situações difíceis durante algumas encenações. Uma delas foi durante a apresentação de *O Corcunda de Notre Dame*, uma superprodução ensaiada durante quase 15 dias. Dentre as muitas necessidades solicitadas na história e na adaptação televisiva, havia a presença de uma cabritinha, companheira da cigana Esmeralda, personagem que eu interpretava. A produção arranjou uma linda cabritinha que ainda estava sendo amamentada pela mãe e as duas foram colocadas no terreno que ficava nos fundos da emissora, terreno que nós chamávamos de Brasília. O programa começava na praça lotada, em frente à Catedral de Notre Dame. A câmera afastava e num espaço que se abria no meio do povo, via-se a cigana Esmeralda dançando com a sua cabritinha ao colo. Assim que a câmera começou a se afastar mostrando a multidão na praça e a seguir a cigana dançando, o contrarregra, que segurava o focinho da cabritinha para que ela não berrasse, me entregou o animalzinho e soltou o focinho do bicho. A cabritinha, que não tinha sido consultada sobre sua participação no programa, botou a boca no mundo. Se debatia no meu colo, balindo

desesperadamente. A cada bééééé que ela dava no estúdio outros bééééés eram respondidos de Brasília... Foi um horror! Improvisei alguma coisa com a dança que fazia e, ato contínuo, entreguei a cabritinha a um figurante e este ao contrarregra. Só que a cabrita escapuliu das mãos dele e saiu em disparada, estúdio afora, quase pondo abaixo o cenário da centenária Catedral de Notre Dame. Foi um sufoco! A sorte é que tudo foi muito rápido e o dano foi corrigido pela agilidade do diretor de TV no corte, pelo auxílio dos câmeras e a bela sonoplastia do espetáculo. Essa união de forças impediu que o público percebesse o terror que estávamos vivendo na abertura daquela super-produção.

Fizemos dezenas de bons argumentos no *Teledrama* já escritos com a preocupação de uma linguagem televisiva que nascia. Excelentes argumentos escritos pelo José Castelar e pelo Walter Hugo Koury entre outros. Foi assim que encenamos a adaptação da peça de Tennesse Williams, *Um Bonde Chamado Desejo*, com Nicette Bruno, no papel da Blanche Dubois, Paulo Goulart, no de Kovansky e eu, como Stela.

Fico muito impressionada quando vejo que alguns colegas com quem trabalhei e que se empenhavam e admiravam o clima e o profis-

Com Water Forster em Intimidade*, TV Continental*

Com Paulo Goulart, em Os Farçantes*, TV Continental*

sionalismo da equipe da *TV Continental*, hoje menosprezam de uma certa forma, o trabalho gigantesco que fizemos na época.

No Teatro de Ontem levamos antigas peças do teatro brasileiro sob a direção do Jackson de Souza; *Intimidade*, com Walter Forster, ele e eu fazendo o Casal Certo e Myriam Pires e Daniel Guimarães fazendo o Casal Errado. O programa apresentava cenas do cotidiano de um casal e o comportamento deles diante de determinadas situações. Com muito humor Walter mostrava um casal vivendo a situação de forma correta (Casal certo) e outro casal vivendo a mesma situação de forma conflitante (Casal errado). Aliás, Walter Forster era o portador semanal, discretíssimo, das cartas mais amorosas que Mario enviava de São Paulo, às quartas-feiras, dia que *Intimidade* ia ao ar.

Mario, que certamente tinha mudado seu comportamento em casa, imprensado pela mulher, acabou confessando que estava muito envolvido afetivamente por outra pessoa. Acabou dizendo o meu nome. Foi um horror! Uma reação depressiva que ele jamais esperara pudesse acontecer. O que o encheu de remorsos, claro.

Passada a primeira crise, ela então proibiu que eu entrasse em qualquer programa produzido ou

dirigido por ele. Um dia, chegando ao estúdio, vi na tabela que estava escalada para *O Frasco de Perfume*, do programa Alma das Coisas, escrito e dirigido por Brasini. Fiquei desesperada. Telefonei para São Paulo contando a escalação que tinham feito e pedindo que Mario telefonasse para a direção artística e me retirasse do programa. Ele decidiu não fazer isso. Achava um absurdo.

O programa foi ao ar e foi lindo. Ao sair da estação, discretamente, como era nossa relação, nos despedimos e Mario seguiu para sua casa, em Santa Tereza.

Sempre que Mario vinha ao Rio de Janeiro para voltar no dia seguinte, bem cedo, horas antes do seu vôo, ele ia para meu apartamento em Ipanema, despedir-se com muito amor. Eu fazia o mesmo. Ia para São Paulo, na minha folga semanal na TV.

Naquele dia, cheguei à casa, chateada como sempre, pela situação que jamais pensara viver um dia. Beijei minha filhinha que dormia em seu berço, tomei meu banho e fui deitar. No meio de meus atribulados pensamentos surgiu uma frase de Shakespeare, acho que de *Sonho de Uma noite de Verão*: Em tempo algum teve um tranquilo curso, o verdadeiro amor. E adormeci em seguida.

De repente acordo, com Mario ao lado da minha cama, me beijando muito e muito. Levei um grande susto e disse: *Já é de manhã??? – Não, meu bem. São onze e meia da noite. Agora eu vim para ficar*. E apontou para as duas malas de roupa que encontrara prontas, quando voltou para casa.

Com a filha Márcia

Capítulo XVII

Nova Vida

Mario fez questão de ir à casa de minha mãe para contar tudo. Muito antes, Mario já tinha me levado, como uma colega de trabalho, para almoçar na casa de seus pais. Claro que o dr. Brasini, amigão do filho e *expert* no assunto, entendeu tudo. Fomos grandes amigos.

No trabalho, apesar de todos adorarem o Brasini, a barra ficou um pouco pesada para mim. Procurei sempre me manter digna e fingia não entender indiretas feitas, até mesmo por pessoas casadas que davam suas grandes puladas de cerca...

Lys foi se acostumando com Mario, amando-o, mas sabendo sempre que seu pai era o outro. Mario jamais pretendeu ocupar um lugar que não era dele, mas a amava como filha, conversava com ela, fazíamos passeios, os três no seu Mercury bordô conversível.

Uma afilhada de minha avó já cinquentona e solteira convicta, foi morar conosco para ficar com Lys, enquanto eu trabalhava. Tinha um excelente salário e era pessoa de toda a confiança.

Poucos anos depois, apesar dos cuidados que tomava, engravidei. Mario continuava na direção artística da OVC, que não ia muito bem com a morte do principal auxiliar de Vitor Costa e pouco tempo depois com a morte do próprio Vitor Costa. Mario tinha levado nossa Mercury para consertá-la com um bom mecânico de São Paulo.

Enquanto foi possível ainda fiz alguns teleteatros, mas logo fiquei trabalhando apenas no programa de entrevistas comandado pela Hebe Camargo chamado *O Mundo é das Mulheres*. Naquela época havia três grávidas no elenco da Continental: Nicete Bruno, Nair de Souza, mulher do Jackson e eu. Nossas crianças nasceram com poucos meses de diferença umas das outras.

Em 1960-61, os salários começaram a atrasar e a situação financeira de todos foi se deteriorando juntamente com o Canal 9.

Um dia, quando cheguei em casa já com uns sete meses de gravidez, recebo da afilhada de minha avó a notícia de que ia embora porque não tinha paciência para cuidar de bebês. Fiquei desesperada. Inútil tudo que implorei para que ficasse, pelo menos até meu filho,Roberto, nascer. Eu tinha certeza que seria um menino... Palpite puro.

Diante da radicalidade da decisão de Elisa, me lembrei que minha amiga Myriam Pires, morava sozinha nas Casas Casadas, em Laranjeiras, ao lado da Continental. Contei o que tinha acontecido e pedi que ela fosse morar comigo até que o processo trabalhista por atraso de pagamento que ela movia contra a Continental terminasse. Enquanto isso meu filho nasceria e ela ficaria com a Lys enquanto eu estivesse na maternidade.

Myriam, colega formidável aceitou e foi morar comigo. Minha filha ia comigo para toda parte e adorava ir para a TV. Ela assistia aos programas infantis que eram levados à tarde e era muito bem tratada por todo o elenco.

Mario tinha filmado em São Paulo, *Bruma Seca*, de Mario Civelli e o filme estreava em maio.

Assisti a filmagem de inúmeras cenas de *Bruma Seca* realizadas no Zoológico de São Paulo. Os cenários foram construídos numa parte do terreno do Zôo. Foi em *Bruma Seca* que conheci pessoalmente Ruth de Souza, a extraordinária atriz de quem fiquei fã desde que a vi nos filmes da Vera Cruz. Também conversei muito com o compositor Adoniran Barboza que trabalhava como ator no filme do Civelli. Admirava as letras das músicas que cantava, a pedido, nos interva-

los da filmagem. Eram fantásticas! Fantásticas também eram as demonstrações de carinho que Mara, a elefanta do Zoológico, dispensava ao Civelli quando ele aparecia perto do espaço que ela ocupava.

Nessa época conheci as meninas Patrícia (com uns 7-8 anos) e Marina (com 5-6 anos), ambas umas graças, muito lourinhas e com enormes olhos azuis. Eram as filhas do Civelli que foram visitar o pai na filmagem levadas pela mãe, a roteirista Póla Civelli. Muitos anos depois encontrei Patrícia, já casada com o professor Mario César Cabral Marques, ambos lutando pela restauração da filmografia deixada pelo pai, isto é, pela memória do cinema brasileiro. Tornamo-nos grandes amigas.

Quando *Bruma Seca* foi lançado, a pedido de Mario, compareci à estreia em São Paulo, no dia 24 de maio. Depois, felizes com os aplausos recebidos, fomos jantar com toda a equipe e no dia seguinte, folga do Mario na OVC, viemos para o Rio de Janeiro. Mario retornou ao trabalho em São Paulo no dia 26.

Eu não tinha amanhecido muito bem e decidi telefonar para o meu médico. Depois de me ouvir o dr. Campos da Paz pediu que eu fosse imediatamente ao seu consultório. Então, da

casa de mamãe onde tinha ido com Myriam buscar minha filha, fomos de táxi para Copacabana e saltei no consultório do médico. Myriam e Lys seguiram para Ipanema.

O dr. Campos da Paz constatou que eu estava em trabalho de parto e recomendou que fosse para o hospital mais ou menos às 22 horas e telefonasse para ele ao chegar no hospital. Ele iria em seguida.

Fui para casa tonta e preocupada com a ideia de ir sozinha para a maternidade. Myriam, porém, não admitiu que eu fosse sozinha. Pediu à empregada que dormisse em casa naquela noite e ela e Pietro Mario, seu namorado na época, me acompanharam. Liguei para São Paulo e pedi ao secretário que avisasse ao Mario que o nenê ia nascer naquela noite.

Eu sentia muito frio no quarto do hospital, mas não havia cobertores suficientes. Myriam pediu à mamãe que trouxesse cobertores de casa. Quando o médico chegou ficou horrorizado com a decadência de um hospital tão novo. As contrações aumentavam em ritmo descontrolado. Dessa vez, sofri muito. Minha mãe e Myriam estavam ao meu lado dando-me apoio. Já sem forças, percebi um movimento estranho no centro cirúrgico e perguntei para

minha mãe: Vai ser cesariana? Ela apenas confirmou com a cabeça. Recebi anestesia e não vi mais nada.

Dizem que depois eu perguntava a cada minuto, grogue ainda da anestesia: *É menino ou menina?* Respondiam: Menina. Eu dava um sorriso de satisfação e depois fazia uma cara de choro e dizia: *Mas eu queria um menino...*

Aos poucos fui ouvindo a voz de Mario ao telefone avisando aos amigos sobre o nascimento de Márcia. Todo feliz, depois de ter viajado de carro a noite inteira de São Paulo para o Rio, ele dizia ao telefone fulana! Nasceu! Sou mãe. É uma menina... E ria aquele riso gostoso e tão sedutor que tinha.

Márcia nasceu no dia 27 de maio de 1961, também 15 dias antes do calculado. Uma criança saudável, perfeitinha, uma gracinha, apesar de prematura de peso. Pesava 2 quilos e 850 gramas e tinha 52 cm. Nasceu no Hospital do Radialista, no Humaitá, uma obra imaginada e batalhada pelo radialista Manoel Barcelos, construído com dinheiro da classe, das coletas feitas com *shows* de cantores famosos, mensalidades pagas por todos da área, um trabalho extraordinário que infelizmente teve curta duração.

Com o nascimento de Márcia e a morte de Victor Costa, Mario decidiu voltar de São Paulo e, de novo, retornou à *Rádio Nacional*.

Em 1963, o dr. Saraiva, diretor-geral da *TV Nacional de Brasília, Canal 3*, veio ao Rio convidar Mario para dirigir artisticamente a emissora de Brasília. Mario era contratado da *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro e meditou muito antes de aceitar o excelente convite. Finalmente, após os acertos profissionais necessários e os entendimentos com a direção da *Rádio Nacional* do Rio, foi cedido para a *TV Nacional de Brasília*.

Nessa época, eu trabalhava no Teatro Mesbla na peça *Três em Lua de Mel*, estrelado por Daisy Lucidi, Rodolfo Mayer e André Villon. A direção era do Floriano Faissal. Faziam parte do elenco Yara Cortez, Manuel Pêra, Agnes Fontoura e eu. A comédia fez um enorme sucesso e ficou três ou quatro anos em cartaz.

De terça-feira a domingo, a competente advogada e ex- radialista Nair de Barros, grande amiga de Daisy desde os tempos da *Rádio Globo* e sua madrinha de casamento com o Luiz, ia para o Mesbla quando saia do escritório onde trabalhava. Além de ser um papo excelente, Nair era a companhia de Daisy no retorno para casa, no final do espetáculo.

Depois da segunda ou terceira semana de espetáculo, como fazíamos nove sessões por semana, as roupas que usávamos em cena eram levadas pela contrarregra para a tinturaria. Quando chegávamos na terça, as roupas estavam lavadinhas, limpinhas e penduradas nos nossos camarins.

No dia da primeira lavada da nossa roupa de cena, depois de conversar com os colegas, como sempre fazia fui para o camarim me preparar para a sessão. Peguei meu robe e vi que o único vestido que usava na peça já estava penduradinho no armário do camarim. Tirei a calça jeans com que fora trabalhar, vesti o robe e comecei a me maquiar. Nair chegou, conversou com a turma e depois veio bater um papo comigo. Quando soou o terceiro sinal tirei meu robe e peguei o vestido de cena para vestir. Mas, horror dos horrores! Ele não entrava mais em mim. Tinha encolhido!!! Desesperada, sem saber o que fazer porque a cortina já ia abrir, olhei para a Nair que, como sempre, estava bem vestida e, apesar dela ser muito mais baixa que eu, não titubeei e disse: *Tira a roupa, Nair!*. Numa fração de segundos coloquei o vestido da Nair, ela o meu robe e na hora exata entrei em cena. De minissaia. O maravilhoso ator que era o André Villon ao virar-se para mim e me ver vestida com uma roupa que não era a de cena, frouxo como

era para rir, não se segurou. Foi um horror porque também fiquei com vontade de rir ao ver a cara que o André fez quando me viu. Daisy e Rodolfo aguentaram a situação. Os dois não riam nunca em cena.

Com a proposta irrecusável não somente para Mario, mas para mim também como atriz, tive que pedir substituição ao Floriano Faissal, nosso querido diretor e me despedir de um elenco que eu adorava.

Capítulo XVIII

Brasília

A chegada em Brasília, por mais que tivéssemos visto fotos de sua construção desde o início e da festa de inauguração foi, assim mesmo, uma enorme surpresa.

Arquitetonicamente era diferente de qualquer outra cidade e as superquadras eram organizadas para que a imensa maioria dos serviços ficasse dentro delas. Todas teriam uma escola pública e o supermercado ficaria sempre entre duas superquadras. Mas os canteiros, recém-plantados de grama, ainda não estavam cobertos e o barro vermelho do planalto ainda dominava todos os lugares. De repente surgia um vento tipo ciclone, chamado na época de lacerdinha, que inundava a casa com o fino barro vermelho do cerrado.

A vida era muito boa nas superquadras, em termos de segurança. Tudo muito bem planejado. Não havia ruas com nomes, apenas numerações das SQS (superquadra sul) ou SQN (superquadra norte) se estivessem localizadas na asa norte ou sul do enorme avião que definia a cidade como Asa Sul e Asa Norte. Letras marcavam os blocos

de cada superquadra. Parecia endereço de cemitério... Uma cidade sem esquinas e dividida por espaços específicos, por profissões. Era como se fossem guetos modernos separando e ao mesmo tempo unindo, pela facilidade do trânsito, na passagem para uma ou outra superquadra.

Tínhamos saído do Rio no auge das greves e das filas por alimentos, nos mercados. Essa foi a minha primeira grande alegria: não havia filas nem faltava nada no lugar.

Matriculei Lys na Escola Classe, na superquadra ao lado da nossa e ela recebeu uma excelente iniciação escolar. Márcia, ainda pequenina, brincava no pátio da quadra onde morávamos acompanhada ou por mim ou pela babá.

Mario iniciou seu trabalho na direção artística da *TV Nacional de Brasília*. Muito rápido tivemos a primeira surpresa: a emissora passava por problemas financeiros graves e os salários estavam atrasados. Foi necessária uma conversa muito séria entre Mario, o diretor artístico, Saraiva, o diretor-geral e Aníbal, o diretor-financeiro. Esses informaram que as verbas estavam para sair e tudo ficaria como combinado. Aquele era apenas um momento que estava terminando. Na realidade, as primeiras verbas saíram pouco

tempo depois, o que deu credibilidade à nova direção artística que acabara de chegar.

Imediatamente começamos a preparar o lançamento de um teledrama semanal, nos moldes dos que eram levados na *TV Continental* do Rio de Janeiro.

Estreamos com *E o noroeste soprou*, do Isaac Gondim Filho, que foi um grande sucesso, apesar das cobras-corais que apareciam de vez em quando no estúdio. A seguir levamos *A Ilha das Cabras*, do Ugo Betti. Ensaiávamos uma peça por semana e a audiência começou a subir. Meu salário só foi pago uma vez e recebi, três meses depois, um vale de Cr$ 50,00.

Para ganhar algum dinheiro, decidi montar uma peça de teatro e vender um espetáculo para a prefeitura. Junto com outros atores cariocas que conhecia bem e que eram funcionários transferidos para Brasília, encenamos *Irene*, de Pedro Bloch, agora sob minha direção embora baseada na de Dulcina, na Escola Parque. Foi um sucesso muito grande e repetimos a sessão. Naquela época quase não chegavam companhias teatrais vindas do Sul para a nova capital. O sucesso da experiência nos levou a criar a primeira Cia. Teatral fixa e feita exclusivamente com atores que moravam em Brasília. Seria um embrião teatral que poderia

A Grande Estiagem*, de Isaac Gondin Filho, com Brasini, na TV Rádio Nacional de Brasília*

dar frutos no futuro de uma capital que nascia. Fundamos o Teatro Permanente de Brasília onde montamos *O Rapto das Cebolinhas*, da Maria Clara Machado, *O Noviço*, de Martins Pena, *Um Raio de Sol*, de Berretti, *Diabinho de Saias,* etc. Enquanto isso a *TV Nacional* ia de mal a pior por falta de pagamento.

Brasini então foi requisitado para assessorar o Ministro da Educação, dr. Júlio Sambaqui, e dirigir a *Rádio Educativa* de Brasília continuando, no entanto, a dar assistência também à *TV Nacional*. Ao mesmo tempo, o chefe da Casa Civil da Presidência da República, Prof. Darcy Ribeiro, atendendo ao pedido do diretor da Universidade Federal de Brasília, autorizou a contratação de Brasini para criar o Núcleo de Rádio, Cinema e Televisão da UnB. O projeto foi realizado e entregue, com aplausos e elogios.

Era uma correria louca para ganhar algum dinheiro e sobreviver para tentar reconstruir uma carreira. Mesmo continuando o trabalho na *TV Nacional* até o fim, ela ficou nos devendo mais de 10 meses de salário.

Trabalhávamos muito. Nesse meio tempo, o embaixador Paschoal Carlos Magno, que estava no Ministério da Educação, lançou o seu projeto Caravana da Cultura, uma idéia brilhante, que

A Ilha das Cabras*, de Ugo Betti, na TV Nacional de Brasília*

levaria cultura ao interior do Brasil durante os 30 dias que duraria a excursão, usando funcionários públicos residentes em Brasília em sua maioria absoluta e outros, vindos de fora. Todos, ou quase todos, seriam voluntários nessa aventura. Teríamos apenas uma diária para cigarro, água ou refrigerante e, finda a excursão, os salários estariam garantidos e à disposição, como se não tivessem saído de seus postos.

Vieram os atletas da Força Pública de São Paulo, a 1ª bailarina Beatriz Consuelo e seu marido, recém-saídos de Paris, do Ballet Marquis de Cuevas, as alunas de balé de Leda Yuqui, Sergio Cardoso, Wanda Oiticica, Nilson Pena, o Quinteto Villa-Lobos, Sylvia Ortoff com seu teatro de marionetes, nós com o Teatro Permanente de Brasília, conferencistas famosos que fariam palestras sobre cinema e TV, maquinistas, iluminadores, enfim, eram duzentas e tantas pessoas em cinco ônibus cedidos pelo governo, mais os carros particulares.

Saímos do prédio do Ministério da Educação no Rio de Janeiro e subimos a serra, onde o presidente João Goulart nos aguardava no Palácio Rio Negro. Após a fala do embaixador Paschoal Carlos Magno e a apresentação de toda a troupe, Jango despediu-se de nós desejando sucesso e boa sorte. A seguir apertou uma a uma as mãos de cada componente da Caravana. Saímos do Palácio

Antes do Café, *Monológo de O`Neil, TV Nacional de Brasília*

Rio Negro à tardinha com as motocicletas dos batedores da Polícia Rodoviária à nossa frente. Um longo caminho se iniciava.

A programação da Caravana era a seguinte: se ficássemos apenas um dia, além dos trabalhos dos grupos pela cidade, haveria um grande *show* à noite. Montava-se um enorme tablado no centro da cidade, e na hora marcada as luzes se acendiam sobre ele e Sérgio Cardoso entrava em cena declamando *Operário em Construção*, de Vinicius de Moraes. Sergio era entusiasticamente aplaudido. Depois havia um solo de balé clássico com Beatriz Consuelo e seu marido; a seguir vinham as danças das excelentes alunas de balé da Leda Yuki; depois um espetáculo de acrobacias realizado pelos guardas da Força Pública de São Paulo; um número do Quinteto Villa-Lobos; uma área de ópera cantada por Wanda Oiticica e por último, Sylvia Ortoff com seu teatro de marionetes. O público delirava e os aplausos eram longuíssimos.

A primeira cidade visitada foi Leopoldina, terra natal do poeta Augusto dos Anjos. Quando chegamos, mais ou menos às 10 horas, a cidade nos recebeu em festa e foi assim em todas as outras. As prefeituras decretavam feriado naquele dia. Depois assistíamos à santa missa que nos esperava em todas as cidades. Seguia-se o almoço

Ônibus da Caravana da Cultura, que em março de 1964 atravessou a BR 116 (Rio-Bahia) durante 30 dias se apresentando nas cidades à beira da estrada

e o trabalho vinha em seguida após deixarmos nossa bagagem nos locais onde dormiríamos: casas de família, orfanatos, conventos, quartel da polícia, do exército... Éramos muitos e os hotéis poucos e pequenos para abrigar aquela multidão... de idealistas.

Tudo muito rápido, porque imediatamente saíamos, cada grupo seguindo um roteiro, para um intenso dia de trabalho.

O Teatro Permanente de Brasília, nosso grupo, fazia *O Rapto das Cebolinhas* nas praças públicas, nos orfanatos, nos asilos de velhos, por todos os cantos das pequenas cidades.

O quinteto Villa-Lobos tocava e ensinava como usavam seus instrumentos, dando um *show* de competência com uma didática simplesmente maravilhosa.

As palestras eram dadas nas rádios por Paulo Emilio, falando sobre cinema, Nilson Pena, sobre cenografia e Luiza Barreto Leite, sobre teatro. Paschoal Carlos Magno agradecia a acolhida dada à Caravana da Cultura em seu próprio nome e em nome do governo brasileiro. A Caravana da Cultura deixava, como doação, em cada cidade visitada, uma biblioteca completa de livros sobre literatura brasileira. A rádio local era

Com o organizador da Caravana da Cultura Embaixador Pascoal Carlos Magno e Mário Brasini

Com Sérgio Cardoso e o elenco da Teatro Permanente de Brasília, chegando em uma das cidades onde se apresentou

agraciada com uma coleção de discos com músicas de Villa-Lobos e outros autores nacionais.

Se ficássemos dois dias, além do *show* da véspera, o Teatro Permanente de Brasília apresentaria *O Noviço*, de Martins Pena, no teatro local, à noite.

Foram dias inesquecíveis, de muito amor ao nosso povo, em lugares que jamais tinham assistido a nenhum evento artístico, especialmente nas proporções da Caravana.

Claro que todas as cidades à beira da Rio-Bahia, pela qual seguiríamos, tinham sido avisadas da chegada do projeto. Depois de nos apresentarmos em várias cidades de Minas Gerais e as da Bahia que ficavam à beira da estrada Rio-Bahia, a BR 116, passamos por Salvador e chegamos a Penedo, em Alagoas, atravessando o Rio São Francisco depois de furar a imensa fila de caminhões que esperavam sua vez de cruzar o rio. Ficamos dois dias em Penedo, e no 2º dia encenamos *O Noviço*, de Martins Pena, no belo Teatro Sete de Setembro, construído em 1884. Na manhã seguinte bem cedo seguimos viagem com o adeus emocionado da população. Terminamos a excursão em Maceió.

À noite, o governo de Alagoas homenageou a Caravana da Cultura no Palácio do Governo, com um belo jantar oferecido nos jardins do Palácio dos

Martírios. Foram apresentadas danças típicas e a folclórica *Pastorinhas* por grupos artísticos locais.

A nossa saída de cada cidadezinha era uma coisa muito comovente. Apesar de sairmos bem cedo, toda a população se despedia nas ruas e nas janelas, acenando lenços de todos os tamanhos. Muitos iam às lágrimas. Nós também, apesar de exaustos, nos emocionávamos muito.

Um mês depois voltamos para Brasília.

Após a apresentação de O Rapto das Cebolinhas, *em Angustura*

Capítulo XIX

Retornando ao Rio

A situação política tinha se agravado durante o mês que passamos fora. Líamos as notícias contra o governo, nos jornais. Lacerda no Rio de Janeiro, Magalhães Pinto em Minas Gerais, nem sei mais quem em São Paulo. Mas nada disso impedia a alegria que sentíamos por ter participado de projeto tão brasileiro e tão belo.

Paschoal, brilhante como sempre, continuava seu trabalho e preparava um outro projeto, que seria o do Caminho dos Bandeirantes. Sairiam de Brasília sete caravanas, seguindo os supostos caminhos desses desbravadores.

Fui convidada para trabalhar com ele das 12 às 17 horas. Levava comigo a Marcinha e a deixava na creche do Ministério da Cultura, que ficava no térreo e onde havia todo o material necessário para atender aos filhos pequenos de todos os funcionários. Foi uma lei que, como tantas, não pegou porque, pela lei, todos os ministérios e empresas grandes teriam que manter uma creche supervisionada para os filhos pequenos de seus funcionários e empregados.

Pouco tempo depois, os rumores de um golpe começaram a aumentar e a situação política

se agravava a cada minuto. Um belo dia, em poucas horas, os supermercados acabaram seus estoques de alimentos. A população tentava garantir sua sobrevivência.

Ao anoitecer do último dia de março, saindo da *TV Nacional*, onde mais uma vez tentávamos receber nossos salários atrasados, vimos do nosso carro um avião solitário levantar vôo da direção onde se encontrava a área militar que servia à presidência nas imediações do Palácio do Planalto. Meu coração disparou e disse para Mário: O Jango está indo embora, Mario... Paramos o carro e ficamos olhando a luzinha vermelha do pisca-pisca do avião se afastar e desaparecer na escuridão da noite. Não dissemos mais nenhuma palavra.Tínhamos quase a certeza de termos sido testemunhas de importante momento da verdade política do país. Demos a volta e retornamos à *TV Nacional*. Soubemos então, sigilosamente, que o general Fico chefe do comando militar de Brasília, tinha recebido ordens para prender o presidente, mas que ele desobedecera essas ordens e deixara-o partir o mais rápido possível.

Daí a algumas horas, a notícia se espalhou. O silêncio normal da cidade à noite ficou mais pesado, mais trágico, como o silêncio irreversível do cemitério. Silêncio quebrado de quando em vez, por angustiadas vozes roucas, doídas, de peões

candangos, trabalhadores-pelegos certamente, que se espalhavam solitárias pelo deserto do Eixo Monumental e da Rodoviária de Brasília: Jaaaangooo!!! Jaaaangooo!!! Jaaaaannnngooo!!!

Circulamos pela cidade e entramos no bambolê de retorno ao nosso apartamento, (hoje chamado de tesourinha), com uma sensação clara de que algo muito ruim estava acontecendo.

No dia seguinte, começou o horror. Prisões, delações, invasões de domicílios, fugas de amigos e de figuras importantes do cenário nacional. Vivi o medo sob as mais variadas formas: por nossas filhas pequenas, pelos conhecidos que se refugiavam nas embaixadas, medo de que fossem verdadeiros os boatos sussurrados sobre torturas em subterrâneos desconhecidos, medo pela vida de desconhecidos adolescentes – ou recém-saídos da adolescência em sua imensa maioria – perseguidos dentro da UNE no Rio e pelas ruas das cidades, medo terrível pela vida de Mario, meu companheiro muito amado.

Dias depois Mario recebeu ordem para voltar para o Rio e apresentar-se na *Rádio Nacional*, de onde fora cedido.

Dona Dulce, minha sogra, morava conosco havia quase um ano e estava muito mal, desenganada

mesmo. Então, decidimos que seria necessário levá-los para o Rio, primeiro as crianças e depois minha sogra. Mario ficaria com a mãe, a empregada, e o médico que assistia d. Dulce.

Achei melhor sair de Brasilia à noite, porque era uma reta só até Minas. Daí para a frente, a estrada começa a ter muitas curvas, e era melhor fazê-las com a luz do dia. Dirigi ouvindo pelo rádio as notícias do Rio de Janeiro, com Lacerda à frente dos lanterninhas, da ida do presidente para o Rio Grande do Sul e depois para o Uruguai, da perseguição aos subversivos... Só parava para abastecer o carro e alimentar as crianças.

Fui direto para a casa de mamãe, onde as crianças ficariam por uns tempos. A seguir fui à *Rádio Nacional* e soube pelo Floriano Faissal que a coisa era muito séria e que Mario teria que se apresentar o mais rápido possível na emissora.

Consegui convencer Cora, uma amiga da d. Dulce, a voltar comigo para Brasília e retornar depois para o Rio de avião com minha sogra que não aguentaria uma viagem tão longa de carro. D. Dulce foi para Brasília porque seu marido, o arquiteto Ferruccio Brasini, tinha ido, muito antes de seguirmos para Brasília, trabalhar para os padres salesianos, em Manaus. Sua obra inicial foi a construção da Igreja Matriz, uma bela obra

arquitetônica. Quando fomos para Brasília d. Dulce foi morar em Manaus, mas não aguentou o calor e veio morar conosco.

Voltei o mais rápido possível para Brasília. Mario estava desesperado e só se acalmou quando me viu chegar sã e salva trazendo a Cora comigo.

Conseguimos convencer, a muito custo, que d. Dulce fosse com a Cora para o Rio, de avião. No Rio ela iria passar uns tempos na casa do dr. Brando, marido de sua sobrinha Anita, a quem eu tinha pedido ajuda e de quem ela gostava muito. Finalmente embarcaram e chegaram bem.

Ficamos nós dois, sozinhos e tensos, aguardando a qualquer momento que as baionetas nos pegassem em casa. Contratamos a FINK para levar nossa mudança e fomos acolhidos por alguns dias na casa de nosso amigo e ator Luiz Carlos, que era solteiro e morava na Asa Norte.

Deixamos uma procuração com Marcos Lander, outro queridíssimo amigo, para que ele nos representasse na justiça trabalhista, reclamando os salários atrasados da *TV Nacional de Brasília*.

Finalmente, calculado o prazo em que nossa mudança seria entregue em Ipanema, saímos

de Brasília para o Rio à noite, muito tensos, mas decididos, cada um de nós dirigindo seu próprio carro. Tínhamos que ter dois carros em Brasília, já que o corpo humano, na capital da República dividia-se em cabeça, tronco e... rodas.

Durante a viagem íamos ouvindo pelo rádio as ações que estavam sendo realizadas para combater o comunismo que, segundo diziam, estava se instalando no País. Ouvimos o governador Magalhães Pinto, exaltando a população para, civicamente, colaborar com a campanha *Dê Ouro Para Salvar o Brasil*. E ouvíamos o relato das doações preciosas que a família mineira colocava no saco da campanha para receber em troca um simbólico anelzinho de lata onde estava escrito *Eu dei ouro para salvar o Brasil*. Que terá sido feito daquele tesouro...

Tensa como estava inutilmente procurava ouvir alguma emissora que transmitisse música. As que entravam no rádio do carro só transmitiam notícias do golpe que tinha deposto o presidente João Goulart.

Seguimos direto para o encontro de nossas filhas na casa de minha mãe. Elas estavam com muitas saudades e nós... nem se fala.

Telefonamos para a FINK para saber sobre a chegada da mudança. Como tinha tido muito movimento de Brasília para o Rio, a nossa mudança ainda ia demorar mais uns dias.

Procurei a minha comadre e amiga Ivette, madrinha da Lys, que morava na Av. Atlântica, ao lado do Copacabana Palace, para pedir que ficasse com a Lys enquanto a mudança não chegava. Lys não podia parar de estudar e no Lido tinha uma escola pública onde eu poderia matriculá-la. Ivette e Billa ficaram contentes em ter a afilhada com eles por uns tempos. Lys estudou por alguns meses na escola pública da Praça do Lido (na antiga, caindo aos pedaços...).

Dividíamos nosso tempo entre a Tijuca, onde estava d. Dulce, São Cristóvão, onde estava a Marcinha, Copacabana, onde estava Lys e Ipanema, à espera da FINK com a mudança.

Mario se apresentou imediatamente na Nacional e de lá foi expulso e quase foi preso. Tinha sido delatado pelo César de Alencar juntamente com mais 32 colegas. Respondeu a IPM (Inquérito Policial Militar) e todos os delatados pelo César de Alencar foram cassados pelo AI-1. Suas carteiras de trabalho, regidas pela CLT, ficaram em aberto durante 17 anos. Todos os cassados foram terminantemente proibidos de entrar no prédio da *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro.

Na peça Seis Personagens à procura de um autor,
no Teatro monumental de Lisboa. Companhia Tonia Carrero-Paulo Autran.

Capítulo XX

Europa pela Segunda Vez

Foi um tempo muito difícil. Mario tinha certa dificuldade em voltar a trabalhar, porque, comunista e cassado pelo AI–1 como era, alguns colegas tinham medo das represálias político-militares que poderiam advir de alguma contratação. Escrevia sob pseudônimo e recebíamos algum auxílio de outros colegas.

Foi uma época de muitos sonhos, muitas desilusões, muita falta de grana e muita esperança no futuro.

O diretor Antonio de Cabo me convidou para trabalhar numa peça adaptada e dirigida por Sergio Viotti. Chamava-se *As Inocentes do Leblon* (*Les Chutes*, em francês). O teatro ficava em Botafogo, na Rua Senador Vergueiro, era pequenino e lindo e chamava-se Teatro Carioca. Por uns seis meses estávamos mais ou menos abastecidos financeiramente. Hoje, o Teatro Carioca não existe mais, como tantos, apesar de continuar existindo uma lei específica que exige a construção de outro teatro para substituir o que foi demolido ou desativado...

Nos dias de matinê, Mario levava Lys e Márcia ao teatro para lancharmos juntos antes da sessão da

noite. Às vezes ele ficava com as duas na platéia e no intervalo elas iam ao camarim para conversar e mexer na maquiagem da bancada. Um dia Márcia chorou muito porque queria entrar em cena comigo no final da peça para agradecer também. A camareira teve que trancar a porta do camarim para que ela não saísse.

Márcia era muito engraçada, muito esperta e faladeira como ela só. Em Brasília, durante a representação de *O rapto das Cebolinhas*, ela estava na primeira fila do auditório da *TV Brasilia* onde estávamos nos apresentando, quando o meu personagem, a menina da história da Maria Clara Machado chamou de vovôzinho ao personagem que Mario interpretava, ouvimos sua vozinha gritando: – *Vovôzinho, não. Ele é o papai, mamãe!!!* Foi uma gargalhada na platéia e um sufoco para o elenco. Até Mario que nunca ria em cena, fez força para não rir naquela hora.

Pouco tempo depois de terminar a temporada de *As Inocentes do Leblon*, Tônia Carreiro e seu marido César Tedim, nos convidam para fazer parte do elenco da Cia. Tônia Carrero–Paulo Autran, que sairia em excursão teatral para Portugal no final de dezembro. Aceitamos felizes e começamos a ensaiar. Íamos para o ensaio debaixo da chuva torrencial que desabou sobre o Rio provocando uma catástrofe na cidade.

Com Paulo Autran, Mário Brasini, Luis Tito Seis e figuração em Seis Personagens à procura de um autor, *Lisboa. Direção de Carlos Kroeber*

Com Tonia Carreiro e Souza Lima em Seis Personagens à procura de um autor*, Lisboa*

Muitos barracos desabaram junto com grandes pedaços de morro. Houve tanto desabamento que uma faixa grande do mar ficou tingida de marrom por vários dias.

Ensaiamos a peça do Pirandello, *Seis Personagens à Procura de um Autor*, no grande apartamento *duplex* de minha ídola, Mara Rubia, que ficava quase na esquina da Av.Copacabana com Santa Clara.

Foi difícil conseguir o visto para o passaporte do Mario. Não queriam permitir que um subversivo cassado pelo AI-1 recebesse autorização para sair do Brasil. A muito custo ela foi obtida pela habilidade e carisma de Cesar Tedim, que tinha muitos amigos e bom trânsito entre conhecidos importantes.

Tônia Carrero, Paulo Autran, Mario Brasini, Monah Delacy, Dirce Migliaccio, Benedito Corsi, Souza Lima, Simon Koury e eu, dirigidos pelo Carlos Kroeber ensaiamos no Rio. Foi durante um verão escaldante com chuvas torrenciais de efeitos terríveis. Os fenômenos metereológicos daquele ano produziram tragédias brutais. Houve muitos desabamentos de grandes trechos das favelas levando, junto com o barro dos morros, os humildes barracos muitas vezes ainda não abandonados por seus moradores.

Vários dias, quando íamos para o ensaio passando pela Avenida Atlântica víamos aterrorizados que o mar agora estava marrom por uma longa extensão antes de voltar a se tornar verde de novo. Isso nos dava a exata noção do tamanho da tragédia provocada pelas chuvas que se abateram sobre a cidade.

Finalmente seguimos viagem num avião a jato, um Boeing, a maravilha do momento. Algumas horas depois de termos decolado e já imaginando estarmos sobrevoando quem sabe a Bahia ou Recife, diziam alguns colegas que identificavam aqueles Estados pelas *luzezinhas* que víam lá embaixo pelas janelinhas do avião. De repente a voz de um tripulante nos avisa, pelo auto falante de bordo, que dentro de alguns instantes estaríamos pousando no... GALEÃO... por motivos técnicos. Um silêncio sepúlcral se instalou entre nós. Apenas ouvíamos as batidas de nossos corações...O melhor que eu tinha a fazer era rezar... Aterrissamos sem problemas porque os tanques da aeronave já estavam vazios; O querozene tinha sido totalmente gasto para podermos aterrissar sem medo de um acidente muito grave. Após horas de espera finalmente seguimos viagem no mesmo avião. Claro que alguns passageiros foram praticamente carregados para bordo. Tinham bebido demais durante a

longa espera. O problema que nos fez voltar ao Galeão e esperar até altas horas da madrugada, continuou desconhecido por nós até hoje.

A viagem foi muito boa, mas assim que desembarcamos no Aeroporto da Portela, o alto-falante do aeroporto solicitava *a presença imediata do Sr. Mario Brasini no balcão da PIDE,* a temida polícia política portuguesa. O primeiro susto do outro lado do Atlântico...

Mario encaminhou-se para o local anunciado e nós todos, muito assustados, ficamos aguardando seu retorno. Ou não... Depois de um tempo, Mario finalmente retornou. A PIDE queria saber se um passaporte que Mario tinha perdido há alguns anos, fora encontrado.

Em Lisboa, o elenco ficou completo com a entrada do ator brasileiro há muito radicado em Portugal, Luiz Tito, no papel do primeiro ator da peça *Seis Personagens*.

A montagem, a luz de cena, a suposta caixa do teatro onde a peça acontece, a marcação e o trabalho dos figurantes portugueses ensaiados pelo querido Carlão, resultou num espetáculo que em nada ficou devendo à montagem dos *Seis Personagens*, levada alguns anos antes sob a direção do genial Adol-

fo Celi. O público que lotou o enorme Teatro Monumental na noite da estréia aplaudiu tanto que as cortinas se abriram mais de 15 vezes. Um sucesso inquestionável.

Recebemos na caixa do teatro e nos camarins a visita de colegas portugueses, de autoridades brasileiras, de diplomatas servindo em Lisboa, de figuras da sociedade, das artes todos risonhos e felizes com o que tinham acabado de assistir. Dentre eles, um simpático e sorridente senhor que após cumprimentar efusivamente Paulo Autran, pediu que ele o apresentasse ao senhor Mario Brasini. O que foi feito. Conversou muito, falou sobre o trabalho de Mario no espetáculo e a seguir fez alguns comentários sobre alguns textos de meu marido e, em especial, sobre *A Guerra Mais ou Menos Santa*. Muito simpático, finalmente perguntou o que pretendíamos fazer no dia seguinte. Mario respondeu que tencionávamos dar uma volta na cidade e ir ao Castelo de São Jorge. – *Pois, pois. Um belo passeio. Aproveitem*, respondeu o visitante. Despediu-se e foi embora.

No dia seguinte, encontramos o senhor que, por acaso tinha ido ao Castelo de São Jorge... Daí em diante, ele sempre nos visitava no teatro e sempre perguntava aonde iríamos no dia seguinte. Claro que sempre o encontrávamos onde quer

Com Antônio Patiño e Beatriz Veiga, durante a inauguração do Teatro Princesa Isabel, na peça A Guerra Mais ou Menos Santa*, Mário de Brasini.*

Com Henriette Morineau, em pré-produção da A Guerra Mais ou Menos Santa

que estivéssemos. Nós o apelidamos de Pidão. Até que um dia, quando subíamos as escadas do metrô nas proximidades do Teatro Monumental, damos de cara com o Pidão, que descia as escadas. Ele levou um susto e disse: – *Desta vez não foi de propósito!... Desta vez não foi de propósito...* Não pude me controlar e quase rolei as escadas de tanto rir. Nossas suspeitas foram confirmadas pelo próprio.

Apesar das críticas fantásticas que o espetáculo de estréia recebeu e das sessões esgotadas, com a chegada do carnaval, Tonia, Paulo e César foram aconselhados a tirar Seis Personagens... de cena para, em seu lugar, colocar uma peça mais leve. Isso porque durante o carnaval o público português costuma ou costumava (não sei se ainda continua a ser assim) ir ao teatro para brincar com os que estão trabalhando. Jogam serpentinas em cena, balas, saquinhos com areia, caramelos, levantam, saem e entram, comportam-se de maneira jocosa e inusitada. Para nós, pelo menos.

A peça escolhida para esse momento foi *Um Deus Dormiu lá em Casa*, do Guilherme Figueiredo. Foi nessa peça que, muitos anos antes, Tonia e Paulo estrearam no teatro. Porém, em Portugal, a peça não teve a mesma aceitação da estréia no Brasil. Como o terceiro espetáculo que ensaiávamos para

substituir *Um Deus*... ainda precisava de tempo e as casas estavam muito fracas, *Seis Personagens*... retornou a toque de caixa.

Na peça *Seis Personagens*... o público entra e encontra as cortinas do palco abertas. A história se desenrola num palco teatral onde um grupo de atores se prepara para iniciar um ensaio. Um pouco antes do ensaio começar o palco é invadido por uma família composta de pai, mãe, filha, filho e uma criança de uns seis anos. Um sexto personagem vai aparecer durante a narração da história. Essas pessoas, ou melhor, esses personagens querem que o diretor os ouça contar a sua história garantindo que ela dará um belo espetáculo. Essa peça tenta mostrar que a realidade e a ficção têm estruturas semelhantes. A peça é muito boa, mas não tem um enredo simples.

Seis Personagens... começa com os atores chegando para o tal ensaio pelas laterais do palco. Entram naturalmente, conversando uns com os outros por um tempo até que, pelo fundo da platéia ouve-se a voz do diretor e o riso da afetada primeira atriz daquela companhia, uma diva, que vem com seu cachorrinho no colo. Mario fazia o diretor e eu a primeira atriz. Diretor e primeira atriz sobem no palco, etc. e o texto pirandeliano prossegue.

Em todas as sessões, desde a primeira estreia da peça, aguardávamos Mario e eu, a hora de nossa entrada escondidos do público no fundo da plateia sob a guarda de um solícito e educado lanterninha do teatro. Quando *Seis Personagens*... voltou à cena depois do carnaval, ele se dirige para nós e fala baixinho: – *Sr. Brasini, esta peça sim, é muito boa. A outra, a histórica, não. A histórica era muito fraca... Mas esta... Esta sim...* Ele faz uma pausa e prosseguiu: – *Eu ainda não entendi direito, mas ela é muito boa...* Foi um horror. Não consegui segurar o riso e quase não consigo falar o texto de minha entrada em cena...

Com *Seis Personagens*... temos muitas histórias... Levamos *Seis Personagens* em Setúbal antes da estreia da terceira peça da temporada e, em Setúbal, houve um incidente tragicômico. Foi assim. O tempo estava mudando e ameaçava chover. O César Tedim contratou um caminhão para levar as tapadeiras, caixotes, cadeiras, enfim todo o material que fazia parte do espetáculo. Porém, antes de contratar os serviços perguntou ao dono do veículo se o caminhão tinha lona para cobrir o material que iria transportar já que o tempo estava ameaçador.. Com a resposta afirmativa do homem o negócio foi fechado. Conforme ameaçara, a chuva caiu durante a via-

gem. Já em Setúbal, quando César foi examinar o material de cena, viu que ele estava encharcado. Louco da vida, falou : *Mas que droga! Você não me disse que o caminhão tinha lona? Como é que está tudo molhado? E o camioneiro responde: – Tem lona, sim senhor. Está furada, mas tem!* César desistiu de brigar...

Seguimos para o Porto e os ventos do desagrado já tinham chegado àquela praça. Resumindo: a temporada teve que terminar antes da hora prevista. Uma lástima!

Mario e eu ficamos na Europa e viajamos durante um mês de Eurailpass, um bilhete de trem de 1ª classe, naquela época vendido apenas para as Américas. Ivette e Billa enviaram a chave do apartamento que possuem em Paris e levamos a Dirce Migliaccio conosco para ficar uns dias nesse hotel grátis e de cinco estrelas... Dirce ficou poucos dias em Paris. Teve que voltar por causa de problemas familiares no Brasil. O apartamento ficava na Rue du Ponthieu, no coração da Cidade Luz.

Foram dez dias de chuva, no melhor hotel do mundo, mas não perdemos um minuto saindo cedo e voltando bem tarde com guarda-chuva e sapatos à prova d´água. Paris vale a pena e é linda com qualquer tempo. Andamos a pé e de Metrô por toda a cidade. Fomos ao Moulin

Rouge assistir *Zizi Jeanmarie*. Espetáculo maravilhoso! Depois fomos ao Louvre, à Torre Eiffel, andamos durante dez dias em todos os lugares possíveis. Depois fomos a Versailles e, muito rápido à Côte D´Azur.

Da França fomos para a Itália (Piza, Nápoles, Veneza e Roma), Espanha (Barcelona, Madri, Sevilla, Palos e Algeciras). Em Algeciras, pegamos um navio e atravessamos Gibraltar, desembarcando no Marrocos. Foi uma viagem de sonhos, apesar do pouco dinheiro de que dispúnhamos. Acompanhamos o florescer da Primavera, através das janelas do trem. Esse espetáculo da transformação da natureza é muito forte no hemisfério norte. E é magnífico.

De volta a Lisboa, decidimos trocar nossas passagens de avião por outras de navio. Voltamos para o Brasil no transatlântico Augustus, da Linea Italiana. A viagem de navio foi maravilhosa e nossa mesa era composta de brasileiros encantadores. Ganhei num sorteio de bordo uma caixa de vinhos italianos sensacionais que viraram presentes para conhecidos queridos.

Quando chegamos, fui convidada pelo Antonio de Cabo para excursionar no Sul, com *As Inocentes do Leblon*, peça que tinha feito durante muitos meses no Teatro Carioca, na Rua Senador Vergueiro.

Com Leila Krespi e Margot Baird na estréia nacional de As Inocentes do Leblon*, no Teatro Carioca, em Botafogo, Rio de Janeiro. Direção de Sérgio Viotti*

Com Leila Krespi e Norma Blum em As Inocentes do Leblon, *encenada no Rio de janeiro, Porto Alegre e São Paulo. Direção de Antonio De Cabo*

O salário era excelente e, mesmo morta de saudades das filhas, do marido, da família e da minha casa, essa viagem era uma questão de sobrevivência. Estávamos desempregados os dois.

O hotel de Porto Alegre com seu ótimo café da manhã, era pago pela Cia. Minha despesa era mínima, somente a condução para o Teatro Leopoldina e o jantar. Consegui juntar uma boa quantia que trouxe para casa. O frio era tremendo. Nesse ano vivi dois fortes invernos, um em Portugal e outro no Rio Grande do Sul. Naquele tempo, havia uma corrente de ar que invadia o enorme palco do Leopoldina. Pois uma noite, fiquei tão gelada em cena que quase não consegui articular a fala do final do segundo ato. Minha mandíbula ficou travada de tanto frio...

Íamos ficar apenas uma semana em Porto Alegre, fazer um espetáculo em Pelotas, depois Curitiba, Florianópolis e São Paulo. Porém, a peça fez tanto sucesso que desmarcamos Florianópolis e Curitiba e ficamos um mês inteiro em Porto Alegre. Fomos a Pelotas onde em vez de um, tivemos que fazer dois espetáculos. Do elenco original magistralmente dirigido por Sergio Viotti continuavam a lindíssima Leina Krespi em brilhante fase artística, Yolanda Cardoso, Paulo Lima, o querido Moacyr Deriquém (que, além de atuar na peça, por precaução, tomava conta do dinheiro que entrava na

bilheteria...) e eu. Luiz Carlos Parreiras substituíu Dorival Carper e a excelente e linda Norma Blum substituía Margot Baird. Nosso guarda roupa era belíssimo, do famoso costureiro Hugo Rocha, a produção era de um norte-americano Thomas Smith e a direção do Antonio de Cabo, seguindo a original de Sérgio Viotti. Todos ganharam muito dinheiro, menos o pobre do Thomas.

Apesar da alegre companhia dos queridos colegas e do imenso sucesso que *As Inocentes do Leblon* alcançou, as saudades de casa eram terríveis. O dinheiro que tinha juntado me deu coragem para pedir substituição no final da temporada em Porto Alegre. Faria a estreia em São Paulo e, o mais rápido possível, queria voltar para casa. E assim foi feito. Depois da primeira semana, Mario me telefonou dizendo que tinham me chamado da *TV Globo*.

Segui para o Rio de Janeiro de ônibus leito, na noite de domingo e na segunda-feira me apresentei na Globo. Fui contratada por seis meses com dois de opção, para estrear o horário das 20 horas, com uma novela de Moisés Weltman, chamada *O Rei dos Ciganos*, ao lado do querido colega Carlos Alberto, que era o maior sucesso do momento. Voltei a São Paulo para a última semana de minha atuação. Fui brilhantemente substituída pela atriz Maria Helena Dias.

Como Svetlana , na novela O Rei dos Ciganos*, de Moisés Weltman, sua estréia na TV Globo*

Capítulo XXI

TV Globo

Meu cabelo estava curto e procurei o Erik Rzpecki, que além de ser um grande maquiador fazia, com cabelo natural, as melhores perucas da época. Encomendei uma meia peruca comprida para usar na minha cigana Svetlana.

Na sala de maquiagem estava o fotógrafo italiano Amleto Daisse que, depois de me olhar um tempo, disse: *Fô molto bonita esta menina!* e repetiu*: Fô molto bonita....* Fiquei arrasada. Fui?... Saí de lá muito triste mas, enfim, eu ainda era jovem. Alguma coisa eu devia ter para ter sido contratada.

O Arlindo Rodrigues, amigão do peito, estava na Globo e fez os figurinos da novela e o Fernando Pamplona os cenários. As externas da novela foram montadas no antigo terraço da emissora, na Rua Von Martius. Lá estavam as belas carroças e o acampamento dos ciganos. Minha roupa, como filha do chefe dos ciganos e noiva de Wladimir (Carlos Alberto), era belíssima.

Quando me vesti, coloquei minha peruca, me maquiei, seguindo as indicações do Erik e me olhei no espelho gostei do que vi. Era uma cigana

Svetlana, em O Rei dos Ciganos

perfeita... Fui para o terraço e fiquei deslumbrada com o luxo da produção.

Eu vinha da Tupi, que alugava as roupas do Mundo Teatral e as toalhas e enfeites eram de plástico, tudo muito baratinho... As nossas carroças eram enfeitadas com *passementerie* da melhor qualidade, as fitas coloridas eram de cetim e veludo, enfim, tudo era riquíssimo. Imaginei que estava recomeçando minha carreira em Hollywood...

A novela era dirigida por Ziembinsky, e Carlos Alberto, que formara uma bela dupla com Ioná Magalhães na novela *Eu Compro Essa Mulher* – que infelizmente não assisti porque estava na Europa – era o carro-chefe e a grande atração para o lançamento daquele novo horário. O outro horário já consagrado, o nobre, era o das 22 horas.

Zimba fazia o meu avô. Não esqueço nunca de uma cena, já no final da novela em que o avô estava morrendo, deitado na cama e a neta Svetlana, que gostava muito dele, em pé ao seu lado, dizia coisas lindas para o avô querido. A marcação do querido Zimba foi assim : *Close: Zimba; Pan: Svetlana.*

No horário das 22 horas, estava no ar *O Sheik de Agadir* com Henrique Martins, louro de olhos

Com Carlos Alberto, o Wladimir de O Rei dos Ciganos

Com Carlos Alberto e José de Arimatéia

azuis e com apelido de alemão, fazendo o Sheik, Ioná Magalhães, Emiliano Queiroz (fantástico como o nazista Von Stauber), Márcia de Windsor, Cláudio Marzo, Leila Diniz como os personagens da resistência francesa da 2ª Guerra Mundial, Marieta Severo que no final era o famoso espião Rato da novela... Enfim, um elenco enorme, um belo espetáculo e um grande sucesso.

Quando terminou *O Rei dos Ciganos*, de todo o elenco, somente Rubens de Falco e eu fomos recontratados para uma nova novela. Chamava-se *A Rainha Louca*. Foi escrita por Glória Magadan, baseada num romance de Dumas e na vida da Imperatriz Carlota e seu marido, o Imperador austríaco Maximiliano de Habsburg, que foi fuzilado pelos mexicanos. *A Rainha Louca* foi a primeira novela brasileira que teve cenas gravadas no exterior, no castelo de Chapultepec, no México onde os imperadores Carlota e Maximiliano moraram. Nunca entendi o porquê do nome da novela. Rainha?... Carlota era Imperatriz.

Nathalia Timberg, que vinha do enorme sucesso da novela cubana *O Direito de Nascer*, era Carlota, a imperatriz, e tinha uma sósia mexicana; o belíssimo Rubens de Falco era o Imperador Maximiliano; Amilton Fernandez fazia um oficial espanhol apaixonado pela Imperatriz; Cláudio Marzo fazia um índio chamado Robledo e eu

Com Rubens de Falco, Natália Thimberg e Susy Arruda em A Rainha Louca

era uma jovem da nobreza, dama de companhia da Imperatriz chamada Maria de las Mercês Moreno, por quem Robledo era apaixonado; Paulo Gracindo fazia um conde, de nome Demetrius, estranho personagem que adivinhava o futuro e, quando queria, hipnotizava as pessoas, até mesmo a distância. Depois de alguns capítulos, o medo começou a tomar conta do público, segundo pesquisa que a Magadan fazia e, algum tempo depois, o conde passou a não adivinhar mais nada. Paulo Araújo fazia um oficial e era meu irmão, na novela.

Ziembinsky começou a dirigir *A Rainha Louca*. A direção estava muito lenta, sem ritmo. Daniel Filho, nosso colega ator e aficionado pelo cinema, dirigia na *TV Excelsior* o quadro do casal de bonecos que ele e sua mulher Dorinha Duval interpretavam magistralmente. Daniel foi chamado por Boni e Walter para assumir a direção da novela. Inegavelmente Daniel deu nova dinâmica às gravações, instituindo, com seu grande talento, o padrão de novelas que a Globo mantém até hoje e aprimora a cada novo desafio.

O sucesso de *A Rainha Louca* foi imenso. Naquele tempo havia corte de luz que se alternava por todo o município. A novela entrava no ar às 22 horas, mas muitos bairros, sem luz, perdiam o

Como Maria de las Mercês na novela A Rainha Louca, *de Glória Magadan, na TV Globo*

Com Natália Thimberg, em A Rainha Louca

capítulo. E os telefonemas não paravam. A luz somente voltava entre 1 e 8 horas da manhã. Esse era o nosso horário de gravação. Walter Clark, que já tinha contratado Boni para a Globo, decidiu então fazer um novelão com os capítulos iniciais e relançar a *Rainha Louca* a partir da 1 hora da manhã. O Ibope foi enorme. A novela teve 11 meses de gravações. Um sucesso absoluto.

Graças à intervenção de Daniel com a direção geral, nossos salários, o meu e do Cláudio Marzo, novo par romântico da casa, foram dobrados.

Glória Magadan era muito atenciosa comigo. Eu não a conhecia pessoalmente, mas no primeiro dia de gravação da *Rainha Louca* ela, que estava assistindo à gravação da técnica, foi ao estúdio me dar os parabéns pela difícil cena que eu acabara de gravar. Quando a novela estreou e quando terminou recebi flores em minha casa, com belos cartões assinados por ela.

Daniel, oriundo do teatro de revista, era filho único e trabalhava com seus pais, o belo casal de atores Juan e Mary Daniel. Conheci Daniel no Teatro Moinho de Ouro, do Victor Berbara, da *TV Rio*, numa peça que eu estrelava. Era a primeira vez que ele fazia televisão, conversamos muito, ele admirava o meu trabalho e ficamos amigos. Trabalhamos também na Tupi, e, muitas vezes,

Com Cláudio Marzo, em A Rainha Louca

Com Amilton Fernandes e Paulo Gracindo, em
A Rainha Louca

duros os dois, dividimos os táxis da Urca, onde tínhamos acabado de trabalhar, para Copacabana, para chegar na hora marcada para o ensaio do *Câmera Um*, sucesso televisivo do Jacy Campos. Naquele tempo éramos muito unidos, Daniel, Herval Rossano, Alberto Perez, Dary Reis, Sabag, Moacyr Deriquém, Myriam Pérsia, Myriam Pires, Paulo Padilha, Edson Silva, Zilka Salaberry, vivíamos correndo de estação para estação, para ganhar mais um cachê. Nos queríamos muito bem, nos ajudávamos uns aos outros e éramos fanzocas do trabalho de cada um.

Quando Daniel assumiu a direção da *Rainha Louca*, fiquei felicíssima e a amizade antiga continuou. Nos elogiávamos muito e eu ficava encantada com as inovações e marcações televisivas, absolutamente novas, que ele fazia. Várias vezes disse para o Daniel que a direção dele parecia um bom cinema. Eu admirava muito toda criatividade que tinha o trabalho dele. Isso acabou atiçando os ciúmes, absolutamente infundados, de sua mulher Dorinha Duval. Acabei me desentendendo com ela e, a partir daí, minha relação fraternal com Daniel nunca mais voltou a ser a mesma. Sempre torci pelo seu sucesso e, merecidamente, ele conquistou postos altíssimos na *Rede Globo*. É um talentoso e grande diretor.

Daniel e Dorinha tinham uma filhinha chamada Carla, que era uma gracinha. Quase todos os dias ela vinha com a mãe à TV, muito bem vestida e penteada. Parecia uma bonequinha. Ela me abraçava e beijava sempre com muito carinho e parecia gostar muito de mim.

Depois de *A Rainha Louca*, entrei em nova novela chamada *Sangue e Areia*, baseada no famoso romance de Blasco Ibañes e escrita por Janete Clair.

A Globo continuava sua batalha pela conquista do mercado paulista e para isso investia na contratação de atores de São Paulo. Para essa nova produção, que teria cenas gravadas no México, contrataram o belo casal Gloria Menezes e Tarcísio Meira.

Tarcísio era o toureiro Juan Gallardo, interpretado no cinema por Tyrone Power; Gloria era Dueña Sol, vivida no cinema por Rita Hayworth e eu fazia Pilar de Alarcón, a noiva de Gallardo, interpretada no cinema por Linda Darnell. O elenco era enorme com Amilton Fernandes, Claudio Marzo, Paulo Gracindo, Gracindo Junior, Antonio Patiño, Paulo Padilha, Zilka Salaberry, Ana Ariel, Leila Diniz, Ida Gomes, Nildo Parente...

Lançamento da novela Sangue e Areia *na mídia.*

Infelizmente, o querido colega Amilton Fernandez, o Albertinho Limonta do famoso *Direito de Nascer*, sofreu um acidente de carro e faleceu alguns dias depois, na Casa de Saúde São Sebastião, no Catete. Foi um transtorno para a novela e uma dor imensa para todo o elenco e o público. Mas o *show* tem que continuar e prosseguimos o trabalho.

Os lançamentos das novelas da *TV Globo* sempre foram extraordinários. Depois do sucesso da *A Rainha Louca*, o lançamento de *Sangue e Areia* foi hollywoodiano. Mais uma vez o México, com suas touradas, foi escolhido para receber parte do elenco e da produção. A *TV Globo* inteligentemente prometia ao telespectador apenas *três anúncios por intervalo* e uma grande produção televisiva. Mais ainda: em fevereiro, uma *programação normal e o melhor do carnaval* . Os cartazes do lançamento na mídia mostravam as fotos dos quatro principais atores do novo folhetim cujo sucesso firmou Tarcisio e Glória como o terceiro casal de atores, cuja química era perfeita: Carlos Alberto e Ioná Magalhães, Claudio Marzo e Theresa Amayo e agora, Tarcísio Meira e Glória Menezes.

A Tupi resolveu enfrentar a concorrente e contratou Mario Brasini para a direção artística da *TV Tupi do Rio*. Mario escreveu várias novelas

Como Pilar de Alarcon, na novela Sangue e Areia*, de Blasco Ibañez, readaptação de Janete Clair, na TV Globo*

Com Tarcísio Meira (Juan Gallardo) e Glória Menezes (Doña Sol) em Sangue e Areia

de sucesso e a nossa vida ia muito bem, apesar de algumas perseguições políticas que ainda existiam, especialmente depois do AI-5 (Ato Institucional número 5).

Depois de *Sangue e Areia*, a Globo decidiu separar os casais colocando-os nos dois horários nobres existentes: Tarcisio e Ioná foram fazer *A Gata de Vison*, escrita por Glória Magadan, às 22 horas e Gloria Menezes foi fazer par com Carlos Alberto, em *Passo dos Ventos*, às 20 horas, escrita por Janete Clair. Como não havia um terceiro horário de novelas na casa fui escalada para fazer nessa história, um segundo papel, mas muito bom, de uma chinesa má, chamada Lien, por quem Mario Lago era apaixonado.

Mário Lago quando viu a ordem dos créditos disse: *Me passaram de cavalo a burro.* Pensei o mesmo, mas não disse nada. O futuro confirmaria meu pensamento... A novela foi razoavelmente bem.

Ao mesmo tempo eu ensaiava sob a direção de Antonio de Cabo, o musical *Irma la Douce*, de Alexandre Brefford e músicas de Marguerite Monnot. A coreografia ficou a cargo da bailarina Sandra Dickens e o maestro Oswaldo Borba foi o responsável pela parte musical.

Equipe artística e técnica de Sangue e Areia*. Da esquerda para a direita: Tarcísio, Patiño, Zilka Salaberry, Glória, Sulamita Yare, Arlete Salles, Paulo Padilha, Thereza, Amilton Fernandes, Myrian Pérsia, Antonio Carlos, Claudio Marzo, Guerreiro, Nelson Xavier, Paulo Gonçalves, Ana Ariel, Juan Daniel, Sr. Silvio, Daniel Filho, Rosenberg e técnicos*

Com Tarcísio Meira em Sangue e Areia

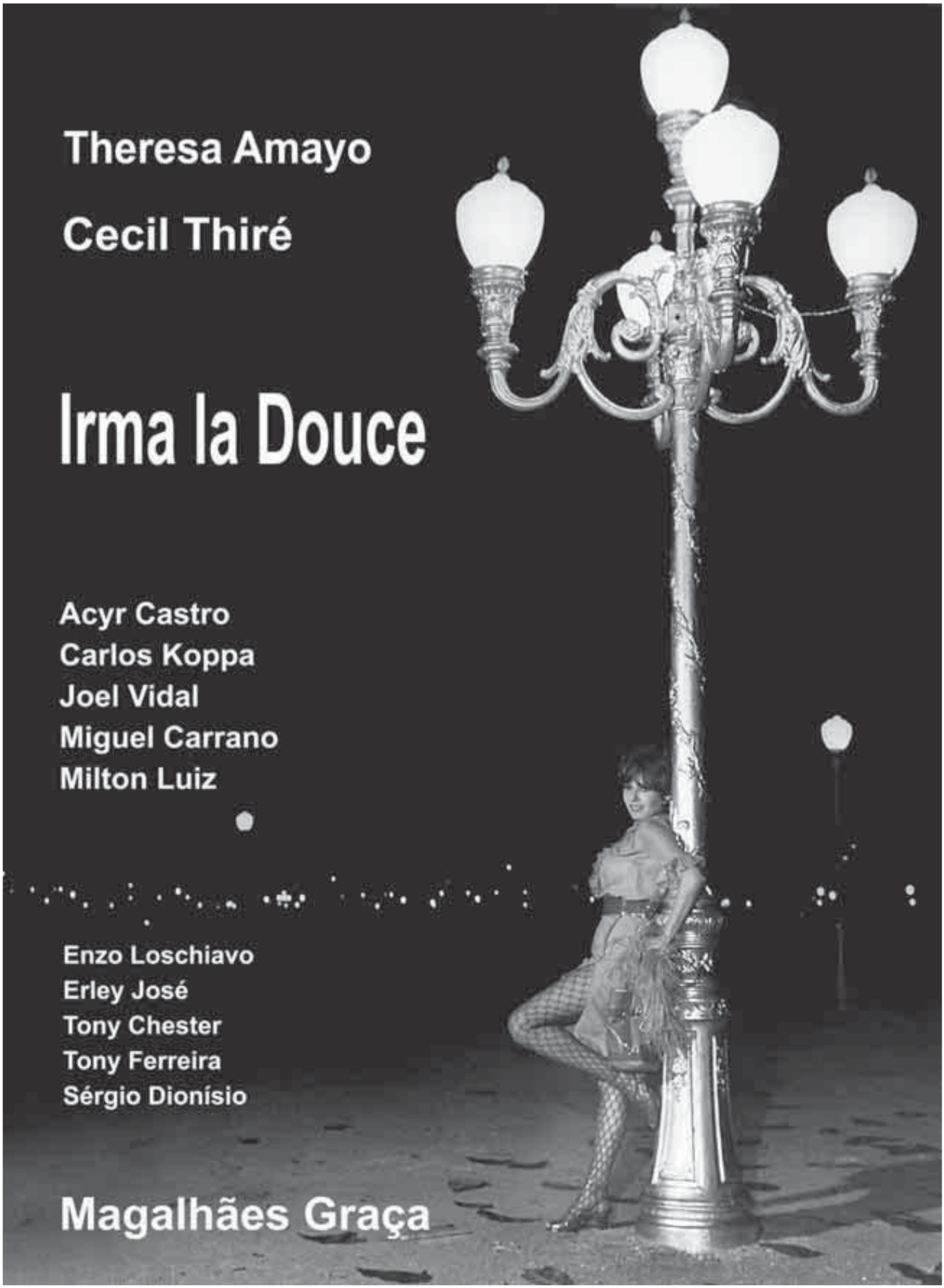
Como a chinesa Lien, na novela Passo dos Ventos*,*
de Janete Clair, na TV Globo.

Com Glória Menezes e Ênio Santos em Passo dos Ventos

A publicidade foi muito bem feita e finalmente estreamos no Teatro Ginástico. A estreia foi um sucesso e tínhamos casas lotadas diariamente.

No final da década de 1960, não existiam os maravilhosos microfones de lapela usados hoje nos musicais. O máximo de tecnologia da época, pelo menos aqui no Brasil, era um único microfone pendurado no alto do proscênio. Assim graças ao esforço de cada um e ao talento de maestro Borba, as vozes saíram durante os ensaios e o esforço que fizemos para cantar no gogó, felizmente deu ótimos resultados.

Foi uma alegria imensa participar desse musical. Adoro cantar, adoro música e adoro fazer comédias. *Irma La Douce* tinha tudo isso: era uma comédia musicada, muito alegre, engraçada e até um pouco ingênua, apesar da personagem ser uma prostitutazinha....Além do mais fui paparicadíssima nesse espetáculo, não só pelo meu queridíssimo Antonio de Cabo, como pelo assistente da direção Hypólito Geraldes, pelo maestro Oswaldo Borba e os músicos da orquestra mas, em especial, pelos queridos colegas do elenco cujos nomes faço questão de assinalar aqui como um preito de gratidão: Magalhães Graça, Tony Ferreira, Miguel Carrano, Milton Luiz, Sergio Dionísio, Acyr Castro, Joel Vidal, Carlos Koppa, Enzo Loschiavo, Erley José, Tony Chester e o galã, Cecil Thiré.



Capa do programa do musical Irma la Douce, *Teatro Ginástico e Teatro João Caetano, Rio de janeiro*

O sucesso de *Irma La Douce* no Ginástico foi grande mas, apesar disso, quase apanhei na rua, em função das maldades de Lien...

Acontece que o Antonio de Cabo assinou um contrato de dois meses com o Teatro Ginástico que já tinha programado seu festival de teatro. Depois desse tempo teríamos que mudar para o Teatro João Caetano. Fiquei muito triste quando soube do péssimo negócio em que eu e todo o elenco tínhamos entrado. Toda a publicidade investida na estreia anunciava *Irma La Douce* no Ginástico e não no João Caetano, e obviamente não havia mais verba para um relançamento... O desastre foi completo. Uma lástima!

Meus contratos com a Globo passaram a ser anuais. Com o dinheiro que ganhei na *TV Globo* comprei meu apartamento em Ipanema. Depois um Karmann-Ghia vermelho, o carro mais lindo da cidade...

Depois da *Irmã la Douce*, estreei no Teatro Santa Rosa (que também não existe mais...), com a peça *Adultério Adulterado* (Pepsi em francês), com direção do Leo Jusi. O elenco era composto por Paulo Araújo, Sonia Maria, Arthur Costa Filho e Maurício Barrozo. A peça fez uma boa temporada.

Como Irma, no musical Irma la Douce

Em Adultério Adulterado *(Pepsie), no Teatro Santa Rosa, em Ipanema. Direção de Leo Jusi.*

Naquele tempo gravávamos três dias por semana. Dois dias no estúdio da Von Martius e um dia em externa.

Fui escalada para a novela de Glória Magadan *A Última Valsa*, no horário das 22 horas tendo Cláudio Marzo como galã. O lançamento da novela no Rio de Janeiro foi, como sempre, muito bem feito e lindo, tanto na TV como no jornal.

Encabeçando a bela foto que ocupava a página inteira do jornal *O Globo* estavam o nome do Claudio e o meu seguidos dos nomes dos demais atores do elenco, mas muitas surpresas me esperavam no lançamento da novela em São Paulo. Achei muito estranho os outdoors que vi pelo caminho do aeroporto de Congonhas até o hotel onde me hospedaram. Anunciavam Geraldo del Rey e Cláudio Marzo em *A Última Valsa*, com as fotos dos dois, só isso... Mas a surpresa maior veio depois quando abri a *Folha de São Paulo* e vi, também em página inteira a mesma foto publicada n´*O Globo*, Cláudio e eu abraçados, mas... o meu nome não constava no elenco. Foi um golpe terrível! Fiquei sem saber o que fazer, mas, não pedi, nem me deram nenhuma explicação para esse terrível... lapso?

Num determinado momento da novela a condessinha Yolanda (era assim mesmo, condessi-

nha...), meu personagem, apresenta sua filha de uns três ou quatro anos. Sugeri ao Daniel que desse à Carlinha, sua filha, o papel da menina. Ele relutou um pouco, mas Dorinha e eu o convencemos. Muito nervoso, dirigiu a filha que fez tudo direitinho. Ficamos todos felizes.

Hoje Carla Daniel é uma bela atriz, casou e teve uma filhinha. Outro dia soube que o nome de sua filha é Lys, como era o nome de minha primeira filha. Achei isso maravilhoso e posso dizer, para mim mesma, que sou avó postiça dessa nova Lys que a Carlinha botou no mundo.

FINALMENTE VOCÊ VAI SABER
PORQUE NÃO SOBRA NINGUÉM

ESTRÉIA HOJE ÀS 9:30

A ÚLTIMA VALSA

THEREZA AMAYO E CLAUDIO MARZO
— A dupla romântica de A RAINHA LOUCA, em um amor ainda maior.

GERALDO DEL REY - GLAUCE ROCHA - RUBENS DE FALCO - NORMA BLUM
JOANA FOMM - PAULO PADILHA - EDSON SILVA - IDA GOMES - ZILKA SALABERRY
Novela de Glória Magadan - Direção de Fábio Sabag

REDE GLOBO DE TELEVISÃO

Em Adultério Adulterado *(Pepsie), no Teatro Santa Rosa, em Ipanema. Direção de Leo Jusi.*

A MAIS LUXUOSA NOVELA DA TV

ESTRÉIA AMANHÃ ÀS 7 HORAS

A ÚLTIMA VALSA

com CLÁUDIO MARZO

O Galã que conquistou S. Paulo em "A GRANDE MENTIRA"

GERALDO DEL REY - GLAUCE ROCHA - RUBENS DE FALCO - NORMA BLUM
JOANA FOMM - PAULO PADILHA - EDSON SILVA - IDA GOMES - ZILKA SALABERRY

Novela de Glória Magadan - Direção de Fábio Sabag

CANAL 5 RÊDE GLOBO DE TELEVISÃO

Com Cláudio Marzo em A Última Valsa

Como Condessinha Yolanda na novela A Última Valsa*, de Gloria Magadan, na TV Globo*

Capítulo XXII

A Ferida Narcísica

Nossas filhas cresciam estudando muito, principalmente Lys. Coloquei-a, pequena ainda, na Cultura Inglesa, no *children* e no balé. Ela dava conta de tudo, sempre foi muito estudiosa. Zelinda, minha irmã de criação, veio morar conosco, em Ipanema, para supervisionar a babá, a cozinheira e a passadeira. Era uma espécie de governanta.

Lys aprendeu a falar húngaro e alemão com os avós paternos. Quando entrou no ginásio, matriculei-a na Aliança Francesa. Sua enorme vocação para aprender idiomas era uma coisa fantástica. Ela estudava realmente e aprendia rápido. Já adulta, Lys aprendeu espanhol e italiano passando assim a falar, fluentemente, sete idiomas: português, inglês, francês, alemão, húngaro, espanhol e italiano. Foi uma adolescente lindíssima.

Márcia era mais malandrinha em relação aos estudos, apesar de ser muito inteligente. Também a matriculei na Cultura Inglesa, mas ela não queria nada. Tínhamos que sentar com ela para ajudá-la nos estudos. Desde pequena gostava de

desenhar e fazer trabalhos manuais (bichinhos, bonequinhas, etc.). Era um encanto de criança.

Fui escalada para fazer uma novela chamada *Véu de Noiva*, da Janete Clair. O galã seria de novo Cláudio Marzo.

Daniel então decidiu mudar a minha imagem. Pediu que eu clareasse um pouco os cabelos. Estava passando no cinema o filme *Crown, o Magnífico*, com Steve Mc Queen e Faye Dunnaway. Daniel pediu que eu visse o filme porque ele achava que eu me parecia com a Faye Dunnaway. Ele queria fazer a abertura da novela *Véu de Noiva* absolutamente diferente de todas as outras. Fiquei encantada com a idéia. Não entendi na ocasião, a clara mensagem que estava recebendo...

Vimos as roupas, a produção estava adiantada e, enquanto isso, eu fazia *Adultério Adulterado*, no Teatro Santa Rosa, em Ipanema. Tudo ia muito bem. Pintei o cabelo conforme solicitado pelo diretor. Ficou muito bonito, mas eu me sentia outra pessoa, muito diferente. Eles gostaram da transformação e as gravações externas iam começar em breve.

Fomos, os principais atores do elenco, ao autódromo do Rio de Janeiro onde tiramos as fotos

de publicidade nos carros de corrida. A novela era muito boa. Já tinha começado a decorar os 25 primeiros capítulos que me deram.

No Teatro Santa Rosa, o ator Paulo Araújo, que trabalhava na Globo e na peça, começou a me informar que muitas coisas estavam mudando na *TV Globo*. Já tinham começado as gravações no estúdio. Que ele achava bom que eu fosse até lá... *Fazer lá o quê?*, respondia. Meu cenário ainda não tinha ficado pronto. De qualquer forma resolvi telefonar perguntando quando ia começar a gravar e responderam, com muita delicadeza, que quando o cenário ficasse pronto me avisariam.

Notinhas maldosas começavam a pipocar nas fofocas de alguns jornais. Finalmente fui chamada pela direção da emissora. Tinham contratado Regina Duarte para fazer o meu papel em *Véu de Noiva*, porque São Paulo precisava ser conquistado pela Globo. Eu entraria em outra novela, em novo horário a ser lançado. As coisas tinham corrido em segredo, nada podia ser revelado enquanto o contrato de Regina, na *TV Excelsior*, não fosse quebrado por falta de pagamento. Mas eu era uma atriz de quem todos gostavam muito, não era nada pessoal e eu não seria prejudicada, etc. Foi um choque terrível para mim. A única coisa que disse é que eu entendia a necessidade da conquista de São

Por solicitação do diretor Daniel Filho, com a nova coloração do cabelo para a novela Vêu de Noiva*, de Janete Clair*

Paulo, mas que o mínimo que eu merecia era ter sido informada em primeiro lugar e não ficar sendo a última a saber. Mas tudo bem.

Chorei muito em casa. Os boatos eram que Regina Duarte tinha sido contratada para me substituir porque, além de ser paulista, tinha vinte e poucos anos e eu já era uma trintona. Estava velha. Velha??? Com trinta e poucos anos??? E aparentando e fotografando muito menos??? Isso me doeu muito.

Ainda com sete meses de contrato para serem cumpridos, fui chamada para fazer a novela do Dias Gomes, *Verão Vermelho*. Recebi os capítulos e, apesar de a novela ser muito boa, magoada narcisicamente como estava desde o lançamento de *A Última Valsa*, em São Paulo, não aceitei a renovação de dois anos, que a Globo me oferecia. Decidi, infantilmente, pedir que os sete meses restantes de meu contrato fossem rescindidos. A direção não entendia porque eu queria sair da casa. Disse que estava cansada, que queria fazer teatro, descansar a minha imagem. Depois eu voltaria, se eles me chamassem. Assinamos a rescisão. Dina Sfat, que já estava no elenco num segundo papel, passou para o que era meu. Foi assim que tudo aconteceu... Regina Duarte me substituíu em *Véu de Noiva* e, de certa forma, dei para Dina Sfat, o meu papel em *Verão Vermelho*.

Pouco depois assinei contrato com a *TV Tupi*, para uma novela de Glória Magadan que, aproveitando-se do meu conhecimento, procurou Mario Brasini e ofereceu à Tupi o contrato da Colgate-Palmolive, que ela detinha. Para a Tupi, era um anunciante irrecusável. A novela chamava-se *E Nós, Aonde Vamos?* e foi dirigida por Sergio Brito. Marieta Severo, recém-chegada da Itália com Chico Buarque e sua filhinha Sylvia, foi contratada.

Glória Magadan começou a perseguir Mario na tentativa de assumir a direção artística da Tupi. Mario soube da história por um diretor da estação, muito seu amigo. Fiquei magoada com essa espécie de traição e mudei meu comportamento em relação a ela a partir daquele momento. Ela ficou ofendida comigo e meu papel foi desaparecendo. O Ibope não correspondeu ao esperado e finalmente a novela acabou. Os esforços de Glória para conseguir a direção artística da *TV Tupi* não deram resultado e ela terminou voltando para Miami.

A *Rádio Nacional*, com as novas direções gerais colocadas depois do golpe militar de 64, começou a decair lentamente, apesar de ainda manter alguma audiência. Daisy Lucidi assumiu a direção do rádio teatro e me convidou para gravar uma novela do Amaral Gurgel, chamada *Inocência*,

que duraria dois meses no ar. Contratou também o Cláudio Cavalcanti e lançou como ator Cauby Peixoto, um encanto de pessoa. Acertamos um preço camarada porque queríamos ajudá-la a manter a audiência da estação e tentar manter seu excelente radioteatro. Começamos as gravações e a novela foi muito bem. Quando fui receber meu salário, o milico que dirigia a estação disse que eu não tinha nada a receber. Aquele trabalho pagava o aluguel que tínhamos ficado devendo, eu e Mario, do apartamento que ocupamos em Brasília antes da Revolução. Disse a ele que aquele preço eu tinha acertado com minha amiga Daisy Lucidi e que o apartamento de Brasília fazia parte do contrato de meu marido Mario Brasini. Que estávamos na Justiça Trabalhista em Brasília, para receber os mais de 10 meses de salários atrasados pela *TV Nacional de Brasília*. Para mim aquilo era um confisco.

Saí da sala do milico e falei com Daisy sobre o ocorrido. Daisy me ouviu boquiaberta. Apesar de muito aborrecida com esse fato tão grave, infelizmente ela não tinha poder para desfazer aquela usurpação. Mais uma vez senti na pele a força do arbítrio que se instalara na nação e na cultura, como um todo.

Capítulo XXIII

Europa pela Terceira Vez

Com nossas filhas Lys e Márcia, fomos à Grécia (Atenas,Santorini, Chipre); Holanda (Amsterdam, Madurodan); Itália (Roma, Veneza, Pompéia, Nápoles); Suíça e seus cantões; Londres, Dinamarca, Paris. Foi um passeio belíssimo com as meninas e de Paris seguimos para New York e Miami. Foram quase quatro meses de viagem. Antes de viajar, fizemos uma espécie de testamento, que deixamos com Spyros, caso nos acontecesse alguma coisa. Nossos pais e Zelinda deveriam ficar amparados. Deixamos cheques assinados sob a guarda do Spyros, sócio e grande amigo de Mario, naquele tempo.

Quando voltamos, Spyros, muito sorridente, falou: *Tudo que vocês gastaram no passeio está pago.* Ele resolveu comprar ações do Banco do Brasil e foi um *boom* daquela empresa. As ações compradas a Cr$ 1,00 valorizavam-se a cada minuto. As pessoas ficavam amontoadas nas portas das casas de câmbio, acompanhando o aumento do valor das ações. Estávamos ricos! Parecia milagre!

Com as filhas em Paris

Com as filhas, no passeio de barco pelo rio Tâmisa, em Londres

Com as filhas Lys e Márcia, nas ruínas do Parthenon da Acrópole de Atenas

Toda a família em Liberty Island, Nova York

Assim que cheguei fui convidada por Antonio de Cabo para interpretar uma comédia policial de Agatha Christie chamada *Teia da Aranha*, no Teatro Mesbla. O elenco era composto por Beatriz Lyra, Labanca, Antonio Patiño, Almir Teles, Nelson Caruso, Célio Coutinho, Jorge Cherques, Roberto Meira e uma atriz baixinha, maior de idade que fazia uma menina de uns 10 anos. A direção era do Antonio e a produção era de Clorys Day e seu marido.

A peça foi razoavelmente bem, apesar de ter estreado em meados de outubro. Sempre o final do ano costuma ir enfraquecendo as casas por causa da aproximação das festas natalinas e Ano Novo. Janeiro melhora e fevereiro é um desastre em razão do carnaval.

Márcia ia sempre ao teatro comigo quando tinha matinê e Lys, de vez em quando. Meu sobrinho Mário Jorge também gostava de ir ao teatro com a prima Márcia por causa de uma porta secreta que havia no cenário, disfarçada em uma estante com livros.

Márcia, uma criança adorável, era mimada pelo elenco e durante o espetáculo ela e o Mário Jorge, mais ou menos da mesma idade, em silêncio, mas sem parar, ficavam mudando de cadeiras no fundo da platéia. Eu via o movimento de cena e ficava nervosíssima...

A aristocrata do policial de Aghata Christie,
A Teia da Aranha*, Teatro Mesbla. Direção do espanhol*
Antonio de Cabo

A porta secreta de cena tem história. Era nela que meu personagem, no começo da peça, depois de um grande susto, escondia o cadáver que encontrava caído na sala. Como ela supunha que o assassino era uma criança de 10 anos que aparecia chorando na cena e dizendo que não fora ela que fizera aquilo, para proteger a criança que era sua enteada, ela escondia o morto na tal porta secreta. Os convidados para uma reunião começavam a chegar e logo depois a polícia também chegava. Alguém tinha telefonado avisando da ocorrência de um assassinato naquela casa. Todos negam o fato, mas a policia vistoria a casa e, não encontrando nada, chama os empregados para interrogá-los. A jardineira pergunta aos policiais se eles examinaram todos os cantos da casa. Diante da afirmativa policial ela pergunta: E a porta secreta? apertando o botão. A porta se abre e o cadáver cai para a frente. Fim do ato. Até que um dia, na hora que a porta se abre, o ator que fazia o assassinado, o morto, não estava atrás da porta secreta onde tinha sido colocado no início da peça. Ficamos sem ação. Começou o zum-zum na platéia, a cortina demorou a fechar porque não tinha o cadáver. Enfim, um horror. Vimos o ator que fazia o assassinado aparecer correndo na coxia e muito assustado. Ele tinha ficado conversando fora de cena e se distraiu... Pano rápido... Zum,

Elenco da estréia de A Teia de Aranha*, ainda sem a participação de Márcia*

zum da platéia... O quê fazer??? Com a cortina fechada e em desespero, não sabíamos como explicar à platéia o que acontecera. Um colega mais velho nos acalma e se oferece para dar uma explicação ao público. Abre a cortina com as mãos, passa para o proscênio e o zum-zum-zum diminui. Ele então pede desculpas pelo incidente e sai-se com esta: Vamos recomeçar de tal pedaço. Desculpem o transtorno, mas acontece que... que o morto... estava passando mal. Foi uma gargalhada tremenda da platéia. E nossa, por

trás da cortina. Demos um tempo para prosseguir com o espetáculo, mas foi muito difícil.

Um dia a atriz que fazia a menina, pede para sair em uma semana. Ela tinha fechado negócio com outro grupo. Ficamos em pânico. Os salários estavam atrasados e resolvi comprar a produção. Achava que em janeiro as coisas iam mudar.

Enquanto pensávamos numa atriz miúda e maior de idade para fazer o papel, o elenco inteiro me perguntou: *Porque você não põe a Márcia para fazer a Pipa?* (nome do personagem da garota). Ela sabe a peça de cor e vai ser mais verdadeira porque é uma criança de verdade. Experimenta a Márcia. Fiquei tonta com a proposta e falei com Mario. Nenhum dos dois se sentia capaz de julgar se Márcia podia ou não fazer o papel. Resolvi chamar a Dulcina para fazer o teste com minha filha. Márcia foi perfeita. Pedimos autorização ao Juiz de Menores, Dr. Alyrio Cavalieri que autorizou imediatamente. Dulcina ensaiou a Márcia e nos disse: *A Marcinha é um talento! Será um sucesso!* E foi. A mídia foi chamada para a estréia e realmente as casas encheram. *A filha de Theresa Amayo e Mario Brasini estreava no teatro, aos 9 anos, ao lado da mãe. Tinha o mesmo talento dos pais, etc.*

Logo depois Marcinha foi chamada para fazer um filme, *Amor, Verbo Intransitivo*. No elenco estava também a Fernandinha Torres, filha da Fernanda Montenegro, poucos anos mais nova que Marcinha. Mas a verba não saiu e o filme não foi feito. Foi uma grande frustração para as crianças e tive que administrar a da minha filha. Essa história foi filmada muitos anos depois com outras crianças e outros adultos. Foi um belo filme.

Dirigida por Dulcina, Márcia Amayo Brasini, estréia no Teatro Mesbla, na peça A Teia de Aranha

Ao lado de Sergio Viotti, Daisy Lucidi e Dulcina , elenco de Um Vizinho em Nossas Vidas (Lês bonhommes), estréia da Cia. Teatral Amayo- Brasini. Direção de Dulcina.

Capítulo XXIV

Cia. Amayo-Brasini

Depois da temporada no Mesbla decidi então montar a Cia. de Teatro Amayo-Brasini. Há muito conversava com Dulcina sobre a possibilidade de voltarmos a fazer teatro. Quantas vezes, pessoalmente ou pelo telefone eu dizia: *Du, seria tão bom se voltássemos a trabalhar juntas, não é? Só precisamos encontrar uma boa peça para começar e o plano é fazer um teatro de repertório como era antigamente, você não acha?* Dulcina concordava animadíssima com a ideia. Batíamos grandes papos pessoalmente e pelo telefone. Eu não pensava em outra coisa a não ser fazer um bom teatro...

Depois de ler uma centena de peças, meu amigo Sergio Viotti surge em nossas vidas com *Les bonhommes*, que ele tinha acabado de ver em Paris. Nos deu a peça para ler e adoramos o original. Ainda por cima a peça que era muito engraçada tinha só quatro personagens, um homem e três mulheres. Um verdadeiro achado!

Decidida a peça de estreia paguei o *a valoir* de *Les Bonhommes*, e pedi a Sergio Viotti que a adaptasse para o Brasil. *Les bonhommes* virou

Um Vizinho em Nossas Vidas. Dei à Dulcina o papel principal, em homenagem ao que ela tinha representado na minha vida artística, contratei Daisy Lucidi e Sergio Viotti para os demais papéis e assim, rapidamente reuni o mais harmonioso e querido elenco do mundo! A ideia era montar um repertório e depois das estreias no Rio viajar levando o melhor para os outros Estados.

Concorri ao Teatro Gláucio Gil. O grande cenógrafo e amigo Napoleão Moniz Freire dirigia a comissão e ganhei o teatro, de maio a agosto de 1971. O cenário era do Fernando Pamplona, a execução do competentíssimo Luciano Trigo, que me vira estrear no Dulcina e era pai da minha amiga Yara Trigo. Os figurinos eram de Hugo Rocha, as fotos de Sasso, a secretaria estava a cargo de minha irmã Lia e da atriz Pepa Ruiz, para programar a excursão que faríamos ao término da temporada em Copacabana.

Dulcina achava melhor que viajássemos com um repertório maior e concordei. Ela ficou de me ceder o Teatro Dulcina, alugado naquele momento para o Costinha e que fazia muito sucesso com um tipo de teatro que ela detestava. Então paguei o *a valoir* da segunda peça *Toi et te nuages*, traduzida por Mario.

Só que Dulcina renovou o contrato do teatro com o Costinha... Os teatros particulares cobra-

Com Daisy, Sergio e Dulcina na comemoração das 100 representações de Um Vizinho Mem Nossas Vidas *(Lês bonhommes).*

vam 25% da bilheteria e uma fortuna de mínimo. Fiz as contas e fiquei com medo de arriscar meu dinheiro numa espécie de roleta. Decidi então seguir o que tinha combinado com o elenco desde o início, isto é, levar o espetáculo para Brasília, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Depois de mandar confeccionar os cartazes e fazer mais fotos para a divulgação a nossa secretária de frente Pepa Ruiz seguiu viagem para fechar as praças, como de hábito.

Um mês antes de terminar a temporada, Daisy me avisou que foi chamada pela Nacional para fazer um programa que seria só dela e se chamaria *Alô, Daisy*! e que a viagem ficaria impossível porque o programa seria diário. Fiquei triste, mas entendi a situação. Sérgio Viotti, com toda a simpatia que tinha pelo projeto desde o início, também tinha problemas pois dirigia a *TV Educativa* de São Paulo. Somente poderia chegar no dia das estreias, de avião. Isso oneraria muito a produção. Fiquei em pânico. Finalmente Dulcina tentou me convencer de que tudo que estava acontecendo era um aviso para que eu não viajasse. Seria melhor continuar no Rio de Janeiro. Argumentei que eu já tinha investido muito nos cartazes, nas fotos, etc. e que a Pepa já tinha fechado as praças com a proposta do mesmo elenco do Rio. Infelizmente Dulcina respondeu

que precisava apressar a inauguração da Fundação Brasileira de Teatro em Brasília e por isso não poderia me acompanhar na excursão. Claro que entendi a necessidade da Du prosseguir na realização de seu antigo sonho, mas fiquei muito triste e muito decepcionada com os caminhos do Teatro no Brasil. Com o tempo a tristeza foi passando porque o imenso carinho que sempre senti pela Du, era maior do que qualquer mágoa que pudesse sentir por ela.

Para cumprir com a palavra dada quando Pepa fechou, em meu nome, as praças aonde iríamos representar enfrentei o enorme desafio de remontar todo o elenco. Contratei Beatriz Lyra para o papel da Daisy, Myriam Pérsia para o meu papel e eu passei a fazer o papel que tinha dado para Dulcina. O problema foi encontrar o único homem do elenco... Convidei todos os atores conhecidos para substituir o Sérgio Viotti e todos estavam compromissados. Finalmente Juju, um comediante com grande experiência em circo, substituiu Sergio Viotti.

Pepa Ruiz retornou às praças que estavam fechadas para avisar da modificação do elenco. Perdemos várias delas... O SNT (Serviço Nacional de Teatro), nos deu uma carta recomendando o espetáculo e pedindo hospedagem e alimentação para a Companhia. Os salários tinham que

ser aumentados na viagem e as passagens eram por conta da Companhia.

Havia uma máfia nas bilheterias dos teatros que usurpavam parte dos ingressos vendidos. Assim, fomos nos arrastando, o dinheiro acabando e, em Porto Alegre o *Hollyday on Ice* fazia enorme sucesso e levava todo o público aos seus espetáculos. Vendi quase todas as minhas ações na hora certa porque, uma semana depois de tê-las vendido, elas caíram e nunca mais voltaram a subir.

Voltei arrasada dessa experiência apesar do *a valoir* da peça *Toi et te nuages*, a segunda peça que pretendia montar já ter sido pago, o desgosto dos acontecimentos fez com que *Um Vizinho em Nossas Vidas* fosse o inicio e o fim da Cia. Amayo-Brasini.

Então resolvi voltar a estudar para ter uma profissão com a qual eu pudesse contar de janeiro a dezembro. Fiz cursinho, enfrentei o vestibular e entrei para a UFRJ. A Faculdade de Medicina dava o curso de Logopedia (ou Fonoaudiologia). No último ano, saiu um banzé e descobrimos que o curso não era da UFRJ e sim de uma instituição chamada IBRO, cujo funcionamento na federal tinha sido autorizado pelo diretor da instituição, um antigo e renomado médico, sem o aval do

Com Myriam Pérsia e Beatriz Lyra excursionando com Um Vizinho em Nossas Vidas

Ministério da Educação. Descobrimos que os carimbos da UFRJ de nossas inscrições e recibos de pagamento eram usados sem autorização oficial. Aquela era a terceira ou quarta turma e todos, até então, tinham sido enganados. Para mim aquilo foi mais um golpe terrível.

A melhor coisa que aconteceu naquela época foi a venda do meu apartamento de Ipanema e a compra de nossa cobertura em Laranjeiras onde moro até hoje.

Bem... e pensar que, apesar de tudo que tinha vivido sorrir ao lembrar do que ouvi quando estávamos, Mario e eu, na fila da seção eleitoral onde fomos votar para governador do Estado.. Um senhor se aproxima devagar e, após hesitar um instante se dirige a mim e pergunta: *Desculpe, mas você é a Theresa Amayo?* Respondi afirmativamente e ele, pasmo, completou – *Mas você é tão normal!...*

Há pouco tempo, ao ler a bela obra do Sergio Viotti *Dulcina e o Teatro de seu tempo* fiquei muito emocionada com o que está escrito nas páginas 549 e 550 que, com autorização de Sergio aqui reproduzo *Revi Dulcina. Ela me perguntou como a peça tinha ido, depois, com todas as substituições – Beatriz Lyra e Myriam Pérsia entraram, Theresa passou a fazer o papel*

de Dulcina. Disse,que correra tudo bem.(...) A Theresa ficou magoada comigo, disse. Ela ficou até zangada. Muito zangada. Pesou as palavras. Enfim... Um dia ela vai compreender... A raiva vai passar. Não é bom ter ressentimentos. Não é nada bom. É um peso. A gente deve viver levemente. Levemente, repetiu, abrindo os braços, como se fosse deixar o sofá e voar, com as pombas no quadro atrás dela.

Bacharelato, Licenciatura e Graduação em Psicologia pela Universidade Gama Filho

Capítulo XXV

Psicologia

Lys fez o vestibular unificado para Letras e aguardava o resultado.. Mario, Lys e Márcia me incentivavam a fazer o vestibular de psicologia que a Gama Filho tinha aberto. Eu pensava: *Estudar mais cinco anos? Deus me livre!*

No último dia das inscrições na Gama, peguei meu carro e fui me inscrever. Fiz o vestibular e passei em 10º lugar. Agora eu teria uma profissão reconhecida e regulamentada, pelo menos.

Na UERJ, um professor, ao ver o sobrenome de Lys, perguntou se ela era minha filha. O meu antigo mestre de português, do Pedro II, Neil Casses, era agora professor de minha filha. Mandou um lindo bilhete por ela, parabenizando-me pela Lys.

Devido às greves e más condições de ensino, Lys transferiu-se para a Universidade Santa Ursula, casou e foi morar no edifício quase em frente ao nosso. Queria ficar perto do ninho como costumava dizer.

Lys fez o Curso Rio Branco, o puxadíssimo vestibular para a carreira diplomática e passou para

o Itamaraty. Foi para Brasília com seu fusquinha amarelo fazer então os três anos do Itamaraty. Formou-se no dia 21 de abril de 1984, já grávida de 7 meses de sua primeira filha. Fui à sua formatura, feliz e orgulhosíssima de sua colocação, numa lista onde a diferença entre um e outro formando era de milésimos.

Fiquei alguns dias em Brasília depois da formatura. Da janela do apartamento de Lys pude admirar a luminosidade da cidade, seu céu azul e os 180º de horizonte. Constatei que a amplidão daquele espaço, bem calculado, até hoje persiste, apesar de seu crescimento. Como persiste ainda a imutável organização que a dividiu, num estranho viveiro de castas profissionais, digamos assim, acopladas dia e noite nas superquadras ou nas mansões das asas norte ou sul da capital da República.

Apesar dessa persistência, Brasília tinha mudado muito. Percebi que eu não a reconhecia mais, como se fosse um filho pródigo retornando ao seu passado, anos depois.

Ao ser levada por minha filha para passear na torre da TV, nos recantos artesanais dos Estados brasileiros, pelas W-3, W-4, pela esplanada dos Ministérios, para a Catedral, agora terminada,

senti nitidamente a inversão irreversível do tempo: agora era ela que dirigia o carro, que me guiava, que me levava para passear, em seu fusquinha amarelo, nos muitos locais de Brasília para onde, quase 20 anos antes, eu levava as duas, Lys e Márcia, quando eram pequenas.

Senti como se agora eu fosse sua filha e ela, a minha mãe. Visitei o Itamaraty, conheci seus colegas, seus mestres, a Câmara e seus imensos e atapetados salões, o Anexo, enfim, o núcleo do Poder Central da Nação.

Lys, orgulhosíssima com minha companhia, foi incansável em seu carinho. Vimos os móveis do quarto da criança que minha filha esperava, a primeira neta, arrumamos e enfeitamos com muito amor o quarto do serzinho que breve estaria morando ali. Rimos felizes com o resultado da decoração e, alguns dias depois, voltei para o Rio de Janeiro.

Após dois meses, Lys telefonou avisando que a nenê iria nascer. Peguei o primeiro avião e voei para Brasília. Queria ficar ao lado de Lys naquele momento mágico. Porém tinha sido um falso alarme e esperamos mais dez dias. Acabei voltando para o Rio porque não poderia deixar de atender aos meus analisandos, conforme tinha

prometido. Thais nasceu dias depois, de cesariana, no dia 25 de julho, às 19h25 min. Somente um mês depois, pudemos, Márcia e eu, seguir para o planalto central para conhecer Thaisinha, uma graça de criança.

Com a neta Thais

Com Eva Todor na primeira versão da novela Roque Santeiro *que não pode ser exibida pela Rede Globo... Direção de Daniel Filho*

Capítulo XXVI

TV Globo Cinco Anos Depois

Fui convidada pela *TV Globo* para participar do elenco da novela do Dias Gomes, *A Fabulosa Estória de Roque Santeiro e Sua Fogosa Viúva. A Que Era Sem Nunca Ter Sido*, maravilhoso título reduzido para *Roque Santeiro*. Fiquei felicíssima, fã que sou da obra do Dias. O papel que me tinha sido reservado – *Mocinha, a viúva virgem*, filha do prefeito Florindo Abelha (Lutero Luiz) e de dona Pombinha (Eva Todor) – era muito bom. Decidi então trancar por um tempo minha matrícula na Gama Filho onde me graduava em Psicologia e retomar minha carreira.

Durante a reunião de elenco, Dias falou que *Roque Santeiro* era baseada em sua peça *Berço do Herói* e no mesmo fato ocorrido em Patos de Minas que dera origem à peça do Brasini, *A Guerra Mais ou Menos Santa*.

O cômico fato divulgado no jornal era a prisão de um padre que carregava armas presas por baixo de sua batina para combater a prostituição em Patos de Minas. Mario achou essa notícia muito engraçada e guardou o recorte do jornal. Um belo dia, escreveu a *Guerra mais ou menos Santa*.

Na peça, um repentista, acompanhando-se ao violão, canta um fato ocorrido em fictícia cidade do interior do Brasil: a briga entre um padre intolerante e as prostitutas locais. Essa briga acaba transformando-se numa guerra cômica que ameaça desestruturar a vida social, política, econômica e afetiva da região.

A Guerra Mais ou Menos Santa tinha entrado em produção alguns anos antes com Mme. Henriette Morineau no papel principal, mas, por razões financeiras, acabou não sendo encenada na época.

Alguns anos depois *A Guerra Mais ou Menos Santa* inaugurou, com muito sucesso, o Teatro Princesa Izabel, no Leme. O elenco dessa estreia nacional era composto pela grande atriz Elza Gomes, no papel principal, além de Antonio Patiño, Martim Francisco, Lafayette Galvão, Beatriz Veiga, Arthur Costa Filho, Grace Moema e eu, sob a direção de Pernambuco de Oliveira.

Roque Santeiro, a superprodução da *TV Globo*, era dirigida por meu fraternal amigo Daniel Filho que, com seu imenso talento, transformara-se numa das principais peças da *network* em que a *TV Globo* se transformara nos últimos cinco anos. Era um profissional muito respeitado e poderoso e o pai coruja

de um lindo menino chamado João, fruto de seu casamento com Betty Faria.

Foi bom reencontrar Daniel, e todos os antigos colegas: Francisco Cuoco (com quem trabalhei muito na *Tupi do Rio*, no Teatrinho Trol, do Fabio Sabag), Betty Faria, Elisangela, Elza Gomes, Eva Todor, João Carlos Barrozo, Luiz Armando Queiroz, Emiliano Queiroz, Milton Gonçalves, Leina Krespi, Lady Francisco, Moacyr Deriquém, Rosamaria Murtinho, Gilberto Martinho, Maria Pompeu... e trabalhar com outros com quem eu nunca tinha atuado, mas dos quais era fã: Débora Duarte, Lima Duarte, Denis Carvalho, Lutero Luiz, Ilva Niño, Ivan de Almeida, André Valli, Sandra Barsotti e tantos outros, além do pessoal da técnica com quem trabalhei durante anos.

Infelizmente, com cinco capítulos fechados e quase 25 capítulos gravados e praticamente prontos, a censura podou a novela de tal maneira que era impossível colocá-la no ar. Foi um horror! Mas, rapidamente, Janete Clair preparou *Pecado Capital* e todo o frustrado elenco do Roque entrou na novela com uma garra maior ainda.

A história do motorista de taxi Carlão (Francisco Cuoco) que encontra um saco de dinheiro roubado de um banco escondido no seu carro e do

Como Vitória, a filha de Salviano Lisboa da novela Pecado Capital*, de Janete Clair que entrou no lugar de* Roque Santeiro*. Direção de Daniel Filho*

milionário Salviano Lisboa (Lima Duarte), infeliz pai de seis filhos problemáticos (Débora Duarte, Luiz Armando Queiroz, João Carlos Barrozo, Marco Nanini, Lauro Goes e eu) que se apaixona por uma operária de seu império econômico (Betty Faria). Foi um sucesso estrondoso.

Meu contrato era por obra fixa e não tinha papel para mim na nova novela que se seguia, *O Casarão,* de Lauro César Muniz.

Fui chamada pela *TV-S* (agora *SBT*) do Silvio Santos para fazer a primeira novela daquela emissora paulista, *O Espantalho*, de Ivany Ribeiro. A direção era do José Miziara e do David Grimberg. No elenco estavam meus amigos Nathalia Timberg e Jardel Filho, além de atores de São Paulo que conhecia somente de TV como Ester Góes, Guilherme Correia (recém-casado com Ana Rosa), Rolando Boldrin, Régis Monteiro, Fabio Cardoso, Jonas Mello, Carmen Monegal, Carlos Alberto Riccelli... Os cenários e figurinos eram de meu velho e querido amigo Campelo Neto com quem trabalhara na *TV Continental*.

Foram oito meses de idas e vindas a Suarão, onde eram as externas, o estúdio em Vila Mariana e a ponte aérea São Paulo-Rio/Rio-São Paulo. Exaustivo. A novela foi razoavelmente bem, mas não foi o sucesso que o Silvio esperava.

Cena de O Espantalho*, de Ivany Ribeiro, com Jardel Filho.*

Personagem Tônia de O Espantalho

Ester Góes me convidou para a remontagem de *Pequenos Burgueses,* de Maximo Gorki, com o renascido Teatro de Arena em São Paulo. Texto, direção, figurinos, cenário e elenco maravilhosos: Renato Borghi atuava e dirigia, Ester Góes, Raul Cortez, Etty Frazer, Chico Martins, Abrãao Farc, Carlos Alberto Ricceli, Elias Andreato, Beatriz Berg, Theresa Freitas e a jovem Juçara de Moraes. Cenário e figurinos do Gianni Rato. Foi um dos espetáculos mais bonitos em que atuei. O método de trabalho do grupo era fascinante. Houve uma pesquisa exaustiva do momento histórico em que a peça transcorria e debates acalorados com o objetivo de aprofundar o conhecimento da ideologia da peça visando à excelência da construção de cada personagem. Foi um prazer infinito participar desse trabalho.

Porém, um belo dia, a alegria de fazer a peça transformou-se em apreensão e angústia. Ao chegar ao teatro TAIB para mais uma sessão dos Burgueses, entre a correspondência que recebia encontrei umas cartas ameaçadoras assinadas pelo CCC (Comando de Caça aos Comunistas) de São Paulo. Apavorada, me lembrei do que tinha acontecido alguns anos antes com o elenco da peça *Roda Viva* e morri de medo! Confesso que não tenho a menor resistência ao sofrimento físico e, como as ameaças eram apavorantes,

fiquei em pânico, mas fingi que tudo estava bem. Os colegas a quem contei o fato riram e me acalmaram com sua tranquilidade. Felizmente, as ameaças não se concretizaram. Foi só terrorismo...

A saudade de casa foi piorando depois da estreia da peça porque, como só trabalhávamos à noite, eu ficava o dia inteiro rodando pelo apartamento de meu amigo Regis Monteiro onde estava hospedada, ou tentando, da telefônica, falar com minhas filhas e Mario. A comunicação telefônica ainda era difícil em 1976. Comprei uma linha de um vizinho de porta que se mudou e a Telesp levou cerca de quatro meses para fazer a transferência. Eu já estava quase voltando para o Rio, naquela altura.

Acabei pedindo substituição quatro meses depois. A excelente e querida atriz Yára Amaral – infelizmente uma das vítimas do naufrágio do Bateau Mouche anos depois –, entrou para o elenco e houve troca de papéis: Yára passou a fazer o papel que Ester fazia e Ester passou a fazer o papel que eu fazia, a Tatiana.

De volta ao Rio, fui chamada pelo Zimba para fazer um especial, mas seria preciso viajar. Quase desisti, mas quando soube que era para Portugal, aceitei imediatamente. Era um especial de Jane-

te Clair, chamado *Férias Sem Volta*, estrelado por Renata Sorrah, pelo ator português Tony Correa e Carlos Gregório. Eu fazia a prima da Renatinha que a acompanhava nessas férias. A direção era do Antonio Abujamra.

Em Lisboa, fui, com todo o elenco, pela primeira vez a um cassino, o do Estoril. Não tenho a menor atração por jogos, ao contrário do nosso queridíssimo diretor, de quem consegui salvar algumas fichas, porque vi que ele ia acabar perdendo tudo o que ganhara na roleta. Depois ele me agradeceu muito, porque foi o único dinheiro que sobrou...

Quando as gravações terminaram em Lisboa, dei um pulo a Madrid e encontrei meu querido amigo Antonio de Cabo que estava muito bem, dirigindo espetáculos de muito sucesso.

De Madri fui a Londres por alguns dias. Assisti *A Chorus Line* e *I Love my Wife*. Fiquei impressionadíssima com *A Chorus Line*. Trouxe o disco da peça assim como vários fados novos de Portugal, cantados por Carlos do Carmo, a quem conhecemos pessoalmente num *show* em Lisboa.

Na volta de Portugal, Herval Rossano me convidou para fazer a novela *Gina*, escrita por Rubens Ewald Filho. Minha filha Márcia faria *Gina* na

primeira fase e eu seria *Gina*, com 40 anos. Essa novela iria no horário das 18 horas da Globo.

Ficamos contentíssimas. Porém veio a contra-ordem e a querida, jovem e talentosíssima Christiane Torloni foi escalada para interpretar *Gina* nas duas fases da história, como adolescente (nos primeiros capítulos) e 30 anos depois (na maior parte da novela...) Eu passei a fazer um personagem chamado Mirtes, pseudo-amiga de *Gina*, muito má, que tenta prejudicá-la todo o tempo. Apesar da boa direção dada ao folhetim pelo Sergio Mattar, a escalação da novela foi um grande equívoco. Quando chegou a passagem de tempo na novela, pintaram mechas brancas no cabelo dos atores e as juvenis fisionomias receberam um trabalho de envelhecimento que não convenceu. TV é fotografia e os jovens e talentosíssimos atores Cristiane Torloni, Diogo Vilela, Tetê Pritzel, Fátima Freire entre outros, não fotografavam uma idade que não tinham. A novela não foi bem e jamais foi reprisada.

Depois dessa novela, reabri minha matrícula na Gama Filho e fui até o fim. Fiz três anos de estágio no Hospital Municipal Jesus e foi uma grande experiência participar do atendimento realizado num hospital geral. Foi no Jesus que

escrevi e apresentei, na jornada anual daquela instituição, o primeiro trabalho clínico que realizei com as crianças ali internadas.

Em 1979, sem abandonar a faculdade, voltei ao teatro ao lado de Mario Brasini e André Villon numa produção de Jorge Ayer. Era uma comédia de Brasini intitulada *Aqui e Agora*. Teve a direção de Cecil Thiré e ficou em cartaz por alguns meses, no Teatro Glória. Já no final da

Ao lado do grande comediante Ankito em Gina*, na TV Globo*

Com Paulo Ramos, em Gina*, na TV Globo*

temporada fizemos um espetáculo para a turma da faculdade e a querida professora Zezé também foi assistir. Quando o espetáculo terminou Zezé e muitos colegas fizeram questão de nos cumprimentar. Zezé muito carinhosa me disse: *Ah, Theresa, adorei. Eu podia ter convidado meus irmãozinhos.* Foi nesse dia que eu soube de sua família. Ela era uma Antunes Coimbra e seus irmãozinhos eram nada mais, nada menos que famosíssimos craques de futebol entre eles o *galinho de Quintino* Zico um dos maiores jogadores que o Flamengo, meu time do coração, já teve... Podia ter dado uma grande mídia a presença de Zico no nosso espetáculo.

Finalmente, em 1980 terminei o Bacharelato e a Licenciatura e em 81 a Graduação. Fui eleita oradora da turma na Licenciatura e Bacharelato, e um ano depois, na Graduação.

Com o advento do divórcio no Brasil, Mario e eu oficializamos nossa união no dia 26 de novembro de 1980. Como não abrimos mão dos 24 anos de vida em comum, um ano depois comemoramos, com muita alegria, nossas Bodas de Prata.

Em 1981, à 1h40 do dia 10 de abril, meu filho Rodrigo veio ao mundo.

O filho Rodrigo com seis meses

Capítulo XXVII

A Clínica e a Família

Comecei a trabalhar dividindo horários com uma colega, numa casa de vila, em Botafogo. Depois a sala ficou somente para mim porque o número de clientes aumentava muito.

Entrei para o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, de linha lacaniana, para a formação em Psicanálise. Além da formação fiz quase todo o Mestrado. Faltava apenas um período que não terminei. A percepção dos novos rumos da Instituição me fizeram abandonar o percurso que estava seguindo.

De vez em quando passava na Von Martius para ver os colegas que sempre estavam na sala da Guta. Era bom ficar um pouco com ela que nos atendia sempre com muito carinho. Sentia saudade da TV. Fiz alguns programas, de novo a cachê.

Herval Rossano me contratou para uma novela e o papel que ele supunha muito bom, não aconteceu. Ele mesmo pediu que não fizesse a novela.

Com o casamento de Márcia, nosso imenso apartamento ficava vazio o dia inteiro.

Rodrigo com 2 anos

Mario então sugeriu que eu trouxesse o consultório para a biblioteca cuja porta dava para o jardim de inverno e a entrada social, ficando independente do resto da casa. Isso me livraria do desgaste diário da procura de uma vaga para o carro nas imediações do consultório, em Botafogo.

Segui os conselhos de Mario e após tomar todas as precauções necessárias a esse tipo de mudança, recomecei o trabalho. Tudo ia caminhando relativamente bem até que um fato inesperado desestruturou um pouco a família. O marido de Lys, repentinamente, abandona o lar e a filhinha de ano e dois meses e vai viver com a secretária.

Apesar de muito abalada com aquele fato, minha filha entrou imediatamente com o pedido de divórcio. O ex-marido mudou-se para São Paulo e jamais cumpriu com as obrigações financeiras necessárias ao sustento de sua própria filha.

Lys, como era especialista em Ásia e Oceania, foi cumprir uma missão diplomática em Nova Delhi. Iria permanecer na Índia por uns meses, preparando a chegada do presidente João Figueiredo. Todos os preparativos foram inúteis porque o presidente acabou não indo àquele país.

Thaisinha, que estava começando a falar, depois que o pai foi embora de casa ficou sem dizer mais nenhuma palavra. Lys pediu que eu cuidasse de Thais durante os meses que estaria na Índia. Claro que aceitei o pedido de imediato.

Dediquei-me a Thais de corpo e alma e, diante do quadro que ela apresentava e de sua insistência em ficar comigo no consultório, decidi deixá-la entrar. Foi uma linda experiência e um belo trabalho.

Quando Lys era pequena, como faz a maioria das mães, dava papel e lápis para que ela desenhasse. Ela só desenhava círculos, muitos círculos. Quando eu perguntava: *O que foi que você desenhou, meu amor?.* Ela respondia: - *Ôfo.* Durante muito tempo ela só desenhava ovo, e eu ficava intrigada, sem saber o porquê desse desenho.

Quando comecei a atender Thaisinha, dava papel e lápis para que ela desenhasse. Ela também enchia a página de círculos, muitos círculos... Quando eu perguntava o que ela tinha desenhado, Thais respondia: – *Piu-piu.*

Aos poucos Thais foi ficando mais forte, alegre, faladeira e quando ela não quis mais entrar no consultório, paramos as sessões.

Os problemas de minha neta e de minha filha fizeram com que eu fosse encaminhando os novos pacientes que me procuravam para outros colegas. Pouco a pouco, o trabalho com os mais antigos foi terminando e fechei o consultório para dedicar-me inteiramente à minha família.

Capítulo XXVIII

TV Manchete

O embaixador do Brasil no Japão, embaixador Bueno, convidou Lys para servir em Tóquio e ela nos informou isso. Fiquei em pânico, mas o que fazer? Essa era a carreira que ela tinha escolhido e para a qual, com tanto empenho, se preparara. Então, o mais correto era festejar sua liberdade e apoiá-la no prosseguimento da carreira.

Mas quanto a Thais? Lys viria ao Brasil para fazer sua mudança e conversaríamos melhor. E assim foi feito. Thais, que já estava com quase dois anos, ficaria comigo por uns tempos até que minha filha se alojasse, se adaptasse também ao novo país e pudesse preparar o ambiente propício para ter novamente sua filhinha a seu lado.

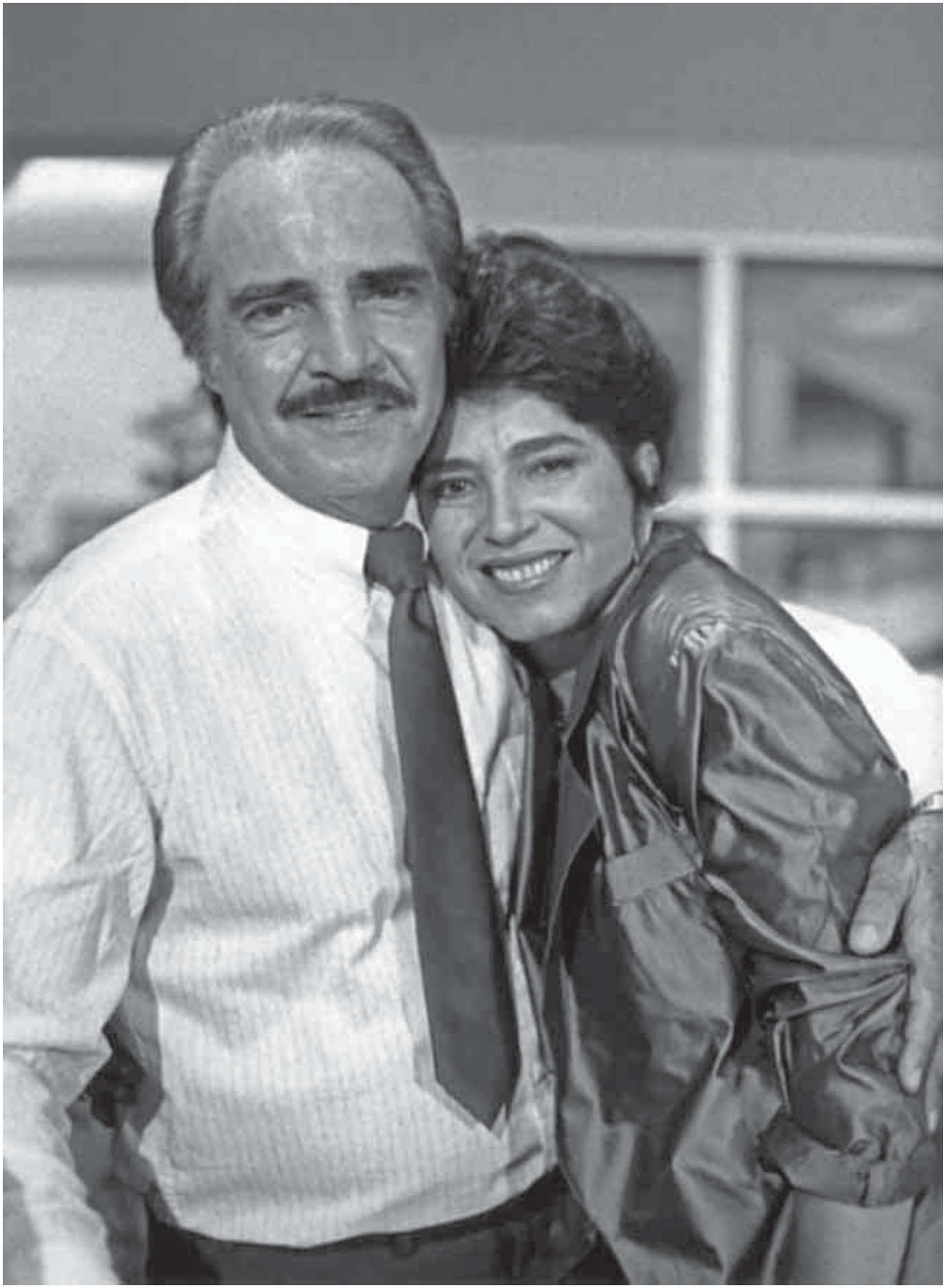
A alegria de ter aquela criancinha comigo amenizava um pouco a imensa saudade que tínhamos, todos nós, de sua mãe. A precipitação dos fatos deu-me a sensação de uma guinada no tempo, transportando-me para o passado. Subitamente me vi de novo rejuvenescida e de novo responsável pela formação de um ser humano especial: desta vez, a filha de minha filha.

Fui contratada pela *TV Manchete* para fazer uma novela chamada *Tudo ou Nada*, de José Antonio de Souza.

O personagem chamava-se Gigi de Bourbon e era uma mulher muito rica, muito alegre e muito doida. Gigi cantava trechos de óperas acompanhando-se ao piano. O querido José Antonio de Souza me colocou numa tremenda saia justa, porque ópera nunca foi o meu forte. Minha amiga Beatriz Lyra me ensinou alguns trechos da *Madame Butterfly* e Mario me ensinava a pronúncia correta do libreto. Foi divertido interpretá-la e fazer a novela.

Gravávamos nos estúdios de Água Grande, onde ficava a gráfica da empresa, no subúrbio, e tínhamos carros para nos levar e trazer. David Grimberg passou a dirigir a novela com a saída do Herval Rossano da Manchete para retornar à *TV Globo*.

Almoçávamos no restaurante da gráfica e a comida era excelente. Uma coisa muito meiga feita pelo seu Adolfo Bloch era mandar diariamente uma camionete com lanche para Água Grande. Vinha cheia de sanduíches de queijo ou presunto e refrigerantes para todo o elenco e técnica.



Com Carlos Alberto na novela Tudo ou Nada*, de José Antônio de Souza, na TV Manchete, Canal 6. Rio. Direção de Herval Rossano*

Com Bia Seidel na novela Tudo ou Nada

Depois de *Tudo ou Nada*, fui recontratada para fazer *Carmem*, de Glória Perez. *Carmem* era interpretada pela Lucélia Santos, que tinha saído da Globo e ido para a Manchete. Meu personagem chamava-se Rosimar, uma dona de casa fidelíssima, que tinha uma filha adolescente e um marido certinho. Rosimar era a madrinha de *Carmem*. Acho que Glória foi a primeira novelista a colocar problemas recentes surgidos na sociedade, em suas novelas. Foi assim em *Barriga de Aluguel* que abordava a esterilidade feminina, a inseminação artificial e a legalidade dos filhos nascidos de um útero alugado. Em *Carmem*, a autora coloca a sociedade cara a cara com a questão da Aids, uma doença terrível, misteriosa e ignorada ainda em seus desdobramentos, naquela época. Glória fugiu da abordagem sexual, a mais divulgada na ocasião. Na novela o enfoque era dado à transmissão do HIV por meio da transfusão de sangue. Por esse viés a responsabilidade pela transmissão da Aids passava a ser da sociedade como um todo.

Na novela, Rosimar sofre um acidente de carro. A gravidade de seu estado torna necessária uma transfusão de sangue. Rosimar sobrevive e se recupera. Pouco tempo depois do acidente começa a sentir problemas de saúde. O clínico a examina e solicita exames de sangue. Estes reve-

Com Lucélia Santos , na novela Carmen, de Gloria Perez, na TV Manchete. Direção de Luiz Fernando de Carvalho e Nelson Nadotti

lam que ela é soro-positivo, que está com Aids. Rosimar não entende como isso pode ter acontecido, não acredita no médico, mas o médico a convence sobre a verdade do resultado. Ela fica desesperada e não comenta com ninguém, nem com o marido, sobre sua condenação à morte. Tem medo de ser discriminada e de contaminar o marido e toda a família. Vive seu drama em angustiado silêncio por algum tempo.

Essa novela deu-me a oportunidade de obter o maior número possível de informações sobre a síndrome da imunodeficiência adquirida e da qual, na realidade, pouco se sabia. Conversei com o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que era hemofílico e que foi contaminado pelo HIV por transfusão de sangue. Glória então escreveu uma cena que considero antológica porque pela primeira vez, eu acho, a realidade e a ficção se articularam em benefício da coletividade. Cidinha Campos, naquela época, fazia um programa de enorme audiência na *Rádio Tupi*. Betinho foi convidado para comparecer ao programa da Cidinha e contar a sua história durante a entrevista. Ele falou que era portador do HIV e que tinha adquirido a Aids por meio de uma transfusão de sangue. Isso era real. Ao mesmo tempo, na ficção da novela, d. Rosimar com o rádio ligado em casa ouviu a denúncia

Com Luiz de Lima e Tânia Nardini, em Carmen

feita por Betinho, a explicação sobre as formas de contaminação conhecidas na época e como evitá-las. Bastante mobilizada, Rosimar enche-se de coragem, sai de casa, interrompe o programa (que estava indo ao ar, de verdade, pela *Rádio Tupi*) e dá o seu depoimento, assumindo publicamente a contaminação de que foi vítima pela transfusão de sangue que recebeu após o acidente de carro. Daí em diante, no prosseguimento da novela, Rosimar se engaja na luta pela divulgação preventiva da doença, reassumindo assim a sua dignidade e cidadania. Adorei fazer esse papel.

Quando a novela terminou a primavera começava no hemisfério norte e, conforme tinha sido combinado, chegava a hora de levar a filha para a companhia de sua mãe. A avó apaixonada tinha que se separar da neta querida.

Com Brasini, em Tóquio pela primeira vez

Capítulo XXIX

Tóquio

Viajamos, Thais, Mario, Zelinda e eu, quase 24 horas de avião para o outro lado do mundo que é muito, muuuiiito grande, de verdade!!!, e chegamos ao antípoda perfeito do nosso país.

A mudança radical do fuso horário (jet leg), interferiu em nosso sono e vigília, de forma lenta, mas implacável. A readaptação orgânica aos novos horários, opostos aos do Brasil, durou praticamente uma semana. Essa foi a primeira estranha surpresa que vivi na terra do Sol Nascente.

A outra foi aprender a tirar os sapatos ao entrar em casa. Aliás, um hábito muito higiênico que merecia ser copiado por todos.Os sapatos que usamos na rua ficavam na entrada dos apartamentos onde chinelos nos esperavam para caminhar dentro de casa. Hábito estabelecido no contrato de aluguel.

Passeamos, rimos muito, fomos aos bairros mais característicos da capital, nos encantamos com a limpeza da cidade, com a educação dos guardas de trânsito, com os ideogramas da escrita e a sinalização do tráfego – para nós, apenas desenhos – mas eram a escrita japonesa,

os *kandys*... Admirávamos a quantidade de pessoas que circulavam nas ruas estreitíssimas e com as acrobáticas manobras, necessárias para circular de carro por elas; com os metrôs abarrotados onde as pessoas cochilam o tempo todo da viagem; com as vitrines dos restaurantes que apresentavam os pratos do cardápio, feitos em cera, como se fossem de verdade e com os respectivos nomes... em *kandy*. Era só chamar o garçom, apontar o prato na vitrine e logo, logo o prato com a comida escolhida estaria à nossa disposição para degustá-lo.

Na porta do banheiro dos restaurantes, chinelinhos esperam para serem usados ao entrar naquele recinto. Cumprimos o ritual: tiramos os sapatos e calçamos os chinelinhos. Não esquecer de recolocar os sapatos e de deixar os chinelinhos no mesmo lugar. Muitos estrangeiros esquecem esse detalhe e voltam para a mesa com os chinelinhos. Encabulados, mas risonhos, lembram-se depois que cometeram uma gafe...

Uma coisa imprescindível no Japão eram os mapinhas com os endereços para onde se pretendia ir. Depois de dizer *conitiuá* (bom-dia) ou *combauá* (boa-tarde) para o motorista, a primeira coisa que devíamos fazer era entregar a ele o mapinha do endereço. Sem mapinhas não se vive ou não se vivia no Japão.

Nessa estranha e organizada sociedade onde, em 1988, o século 21 já se instalara com toda sua pujança, era visível também a marca das tradições ancestrais convivendo educadamente no cotidiano das cidades que visitei. A acelerada tecnologia de ponta convivia com o artesanato secular, no mesmo nível de respeito dado às pérolas mais belas e aos tecidos mais raros.

Tínhamos chegado no início da primavera e em plena *Golden Week*, semana em que se comemorava o aniversário do Imperador e o Dia das Crianças. Com a chegada da primavera, do sol e o despertar colorido da natureza, parece que a alegria toma conta de tudo. O barulho, quase ensurdecedor das cigarras, na terra e dos pássaros, no ar, simboliza a alegre renovação da vida. De manhã, mulheres e homens caminham de quimono de algodão (*yukata*), meias de dedo e tamanquinhos típicos, lado a lado com outros conterrâneos vestidos à ocidental, cada qual seguindo seus próprios destinos diários. O futuro e o passado convivem no presente com cortesia e extrema educação. Podemos dizer que a velhice e a infância são zeladas como algo imprescindível ao sucesso daquele povo.

O Japão é um dos países mais limpos do mundo. Creio que é o único país que veste seus lixeiros de branco. E o mais incrível: eles con-

tinuam com seus uniformes limpos ao final de uma jornada de trabalho...

Apesar do movimento intenso do comércio, o atendimento é perfeito. Tudo que se compra recebe um tratamento especial do vendedor que nos atende. Os embrulhos que fazem são lindos! Para aquele povo, o embrulho do presente é mais importante que o próprio presente.

As japonesas são elegantíssimas. Têm a pele alvíssima que protegem sempre do contato com o sol, suas cinturinhas são muito finas, os cabelos são negros, lisos e muito bem tratados. Parecem bonecas de porcelana, mas fumam muito. Homens e mulheres são tabagistas inveterados...

Existem muitas pracinhas com brinquedos para as crianças. Brinquedos que estimulam a imaginação e permitem exercícios físicos excelentes. Nenhum brinquedo fica na praça se estiver quebrado. São substituídos imediatamente.

Os templos são numerosos, localizados em lugares amplos. São templos taoístas, budistas... Muitos têm uma pontezinha, por baixo da qual passa um córrego, sempre cheio de carpas. No pátio do templo existe uma fonte de água límpida, onde fica pendurada uma grande concha de bambu com cabo longo, para que o visitante

beba daquela água antes de visitar o lugar. Em alguns deles, do lado de fora do grande pátio, existe um espaço onde são penduradas plaquetas de madeiras com pedidos feitos pelos fiéis.

Visitando um desses templos, no meio de muitas árvores, reparei num velho e alto *flamboyant* que se diria quase morto. Observei, no entanto, que o fino e frágil tronco estava amparado por estacas de bambu e bem envolvido com muitas ataduras molhadas. Remédio com certeza, pensei. Uma tentativa humana, amorosa, heróica e persistente de salvar um serzinho vegetal que ainda respirava. Subi o meu olhar e vi que no alto daquele tronco semimorto cuidado com amor, começavam a brotar folhas verdes e florezinhas vermelhas de novos galhos que surgiam. O milagre do renascimento estava acontecendo ali, diante de meus olhos nesta primeira das muitas viagens que fiz ao encontro dessa parte importante de minha vida. As imensas saudades que tinha de minha *itshiban* (primeira filha), de minha netinha e de Zê me fizeram ir várias vezes ao Japão.

Com Brasini em Pequim, China, no Templo do Céu

Capítulo XXX

Tailândia, Hong Kong e China Continental

Quando deixamos Tóquio pela primeira vez fomos à Tailândia.

Ficamos uns dias em Bangkok e fizemos uma excursão de um dia visitando lindos recantos da cidade, o *floating market* e a templos budistas. Assistimos a um espetáculo incrível com cobras, andamos de *tuk-tuk*, que é um carrinho estranho, meio moto meio carro, andei de elefante no *Rose Garden* (Mario não quis fazer essa deliciosa experiência...), assistimos a uma luta de box tailandês, vimos a fabricação da seda em todas as suas fases e a produção de pérolas cultivadas, *water pearls*. À noite fomos a um belo restaurante onde assistimos a um *show* de danças típicas tailandesas. Depois seguimos para Phuket, uma ilha maravilhosa, de águas tranquilas e límpidas, que visitamos integralmente.

A Tailândia é um país muito bonito e a população lembra muito nossos caboclos e caboclas, essa linda mistura do índio com o europeu.

Depois fomos a Honk Kong, naquela época ainda uma possessão inglesa. Hong Kong é linda vista do alto, com seus arranha-céus coloridos e espe-

Na Tailândia (Puhket), com Mário Brasini

lhados e com o mar à sua volta, como se fossem belas jóias de uma grande joalheria.

Fomos levados para um péssimo e úmido hotel chamado Ritz, em Hong Kong. Foi o hotel que nos ofereceram no Brasil quando compramos a excursão à China. Pensávamos que fosse da cadeia dos Ritz, que conhecíamos. Não era. Tentamos com a nossa guia um outro hotel, mas segundo ela, todos estavam lotados. Mudamos para outro quarto, também igualmente ruim. Muito mal-humorados fomos a Kowlon e passeamos por vários recantos da cidade. De Hong Kong seguimos a viagem e finalmente chegamos a Beijing (Pequin).

Nossa guia nos esperava no aeroporto e nos levou para um hotel lindíssimo, com bem-cuidados jardins internos. Examinávamos com atenção a beleza da típica arquitetura chinesa do hotel onde estávamos e a decoração de todo o ambiente. De repente, vejo um homem magro e alto, vestindo um uniforme azul claro andando pelo jardim. Levei um susto com a figura daquele jardineiro e disse para Mario*: Olha, Mario! É o Pu Yi!!!.* Evidente que não era ele, mas a semelhança com o ator, na fase final da vida do Pu Yi, de *O Último Imperador da China*, do Bertolucci, era perfeita. Foi fantástico!

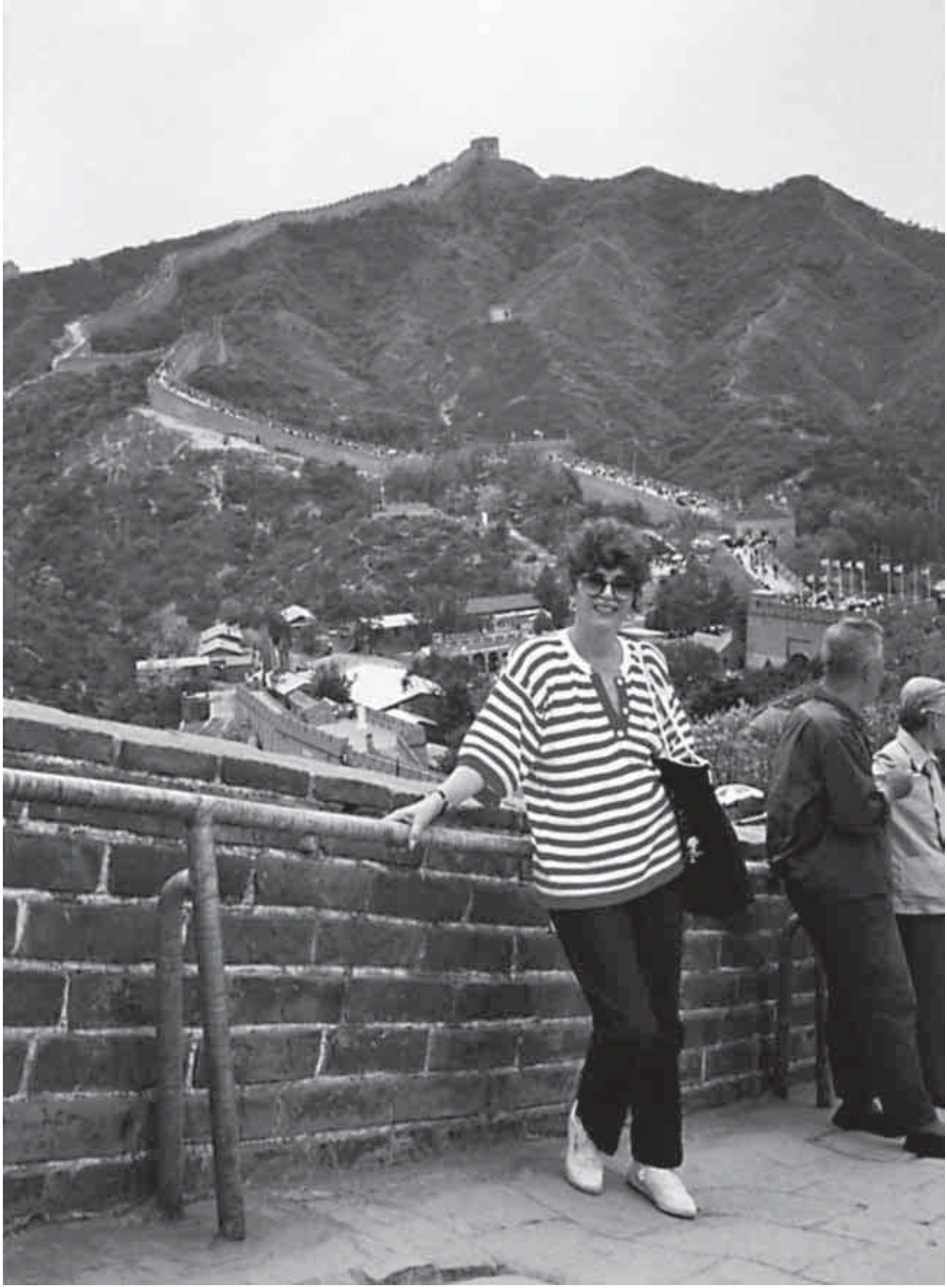
Com Brasini em Xian, China

Tínhamos chegado à tardinha em Beijing e pouco depois de abrirmos nossas malas no quarto do hotel, nos chamaram para jantar.

O salão de refeições era belíssimo e mais cinco brasileiros foram colocados à nossa mesa. Éramos naquele momento os únicos brasileiros em Beijing e, talvez, em toda a China Continental. Entre eles estava o cardiologista Dr. Ayrton Pires Brandão e sua simpática esposa. Conversamos muito depois do jantar e fomos dormir porque a programação começava cedo no dia seguinte.

A primeira visita do dia foi à Praça da Paz Celestial. De lá partia uma multidão organizada de chineses, para visitar o mausoléu de Mao Tsé-tung. A guia falou alguma coisa em chinês e imediatamente foi aberta uma ala para o grupo de turistas brasileiros que estava com ela.

Além do dr. Ayrton e esposa, havia um casal muito simpático que viajava com uma amiga. Enfileirados, passamos pelo grande salão onde estava exposto o corpo embalsamado de Mao Tsé-tung. Ele estava deitado na grande urna de cristal, maravilhosamente iluminado, vestia uniforme e estava em perfeitas condições de conservação. Foi emocionante este momento.



Na Grande Muralha, China

Depois nos dirigimos aos portões da Cidade Proibida, com seus belos palácios, seus telhados fantásticos, seus jardins, suas escadarias de mármore trabalhado, com rampas no meio e degraus nas laterais. Pela rampa somente descia o Imperador, nos informaram. Muitos palácios estavam sendo conservados, mas fomos ao principal: o do trono, mostrado em detalhes no filme do Bertolucci. Era realmente belo. Como desejei que aparecesse o gafanhoto do Pu Yi criança, que a narrativa cinematográfica do Bertolucci colocou no filme...

Havia um cordão isolando a maior parte dessa ala e, com toda certeza, o vimos muito melhor, em seus mínimos detalhes, no *O Último Imperador da China*. Na parte final do passeio dentro da Cidade Proibida, paramos um pouco para comentar, com entusiasmo, o que estávamos vendo. O patamar de mármore onde estávamos, tinha uma altura aproximada de dois metros. Nesse momento, um senhor brasileiro do grupo, distraidamente deu um passo para trás e caiu daquela altura. Foi um horror! Teve fratura exposta no braço, imobilizado imediatamente pelo dr. Ayrton. Aí começou o desespero geral do grupo. No lugar onde estávamos não havia a menor condição de entrar uma ambulância.

Somente naquele momento nos demos conta de nossa total ignorância em relação ao idioma, e só nessa hora reconhecemos o quanto estávamos longe de nossa terra. Finalmente, após um século de espera, chegou uma maca muito velha, que parecia ter sido usada na guerra de 14, na qual nosso amigo foi transportado. O dr. Ayrton o acompanhou durante todo o tempo.

Daí em diante, a viagem foi uma tortura. Ainda visitamos o *Templo do Céu*, uma obra extraordinária onde, segundo nos informaram, todas as peças são encaixadas. Não existe um prego na imensa e bela construção. Demos uma volta de carro pela cidade e voltamos para o hotel. O tempo estava mudando e Mario não se sentia muito bem. Com o susto que vivemos no final da manhã tudo piorou. Tínhamos programação noturna, mas Mario preferiu ficar no hotel. O tempo tinha mudado, estava chuviscando e ele não queria piorar da gripe que estava começando. Mario insistiu para que eu não deixasse de cumprir o programa da excursão. Com o que restou do grupo trocamos o jantar no Pato Laqueado pela Ópera de Pequim. No caminho, uma visão deslumbrante: chuviscava e passavam por nós centenas de bicicletas com moças e rapazes, com suas capinhas de plástico colorido, capuz na cabeça, pedalando sem parar. Pareciam bandos de pássaros voando baixo. Foi lindo!

No segundo dia fomos visitar a Grande Muralha. Mario não quis percorrê-la porque não se sentia muito bem. Ficou esperando na companhia da amiga do casal acidentado. O casal já tinha viajado para Hong Kong. Iniciei a caminhada na Grande Muralha acompanhada da minha guia e, apesar de todo o transtorno e susto que tínhamos vivido na véspera, minha alegria era infinita ao percorrer aquela construção milenar, uma das sete maravilhas do mundo. Num dos trechos iniciais, coisa estranha!, havia um camelo de verdade. Claro que subi no camelo para tirar uma foto. Nossa guia era muito simpática e, como sabia que eu era brasileira, falava sempre na Crava Zaura, a novela *Escrava Isaura*, que tinha passado lá, com enorme sucesso. Lucélia Santos era um ídolo na China.

No dia seguinte, Mario amanheceu pior da gripe e então decidimos cancelar o resto da excursão que tínhamos comprado. Fomos ao hospital e os médicos de Beijing foram muito simpáticos e atenciosos. Receitaram um monte de pozinhos e cápsulas para tomar quase que de hora em hora, mas Mario não melhorava. Muito preocupada tentei falar com minha filha, na embaixada do Brasil em Tóquio, mas não conseguia. As chamadas caíam, como se fossem cortadas.

Nossa guia nos informou que tínhamos que seguir para Xian e que de lá um avião nos levaria de volta a Hong Kong..

Seguimos para Xian e não havia avião algum nos esperando. De Xian consegui falar com Lys e muito rapidamente contar que Mario estava muito mal e que tínhamos que voltar, mas que não estavam deixando.

Comecei a sentir muito medo. Em Xian, de novo nos disseram que teríamos que seguir a viagem para Shangai e que de lá iríamos para Honk Kong.

Enfim, a intervenção enérgica de minha filha Lys por intermédio das embaixadas brasileiras de Tóquio e Beijing, conseguiu a antecipação de nosso vôo e retornamos de Shangai para Hong Kong. De lá voltamos para Tóquio onde Mario recebeu tratamento médico intensivo para recuperar-se da quase pneumonia que tivera.

No Rose Garden, Bagkok, Tailândia

Com Brasini em Lima, visitando ruínas incas

Capítulo XXXI

Lima, Cuzco, Machu Pichu

O retorno ao Brasil seria lento. Pretendíamos ir ao México e ao Peru, mas a viagem ao México foi proibida pelo médico inglês que atendeu Mario em Tóquio. Mario não podia enfrentar a altitude daquela cidade. Apenas poderia ir à Lima, que fica situada ao nível do mar. Refizemos nossas passagens, cortando a ida ao México.

Mario teve alta médica e suportou muito bem a longa viagem até o Peru. Chegamos a Lima à noite, com o fuso horário ao contrário. Isto é, não chegamos no dia seguinte, mas no mesmo dia pela hora local, que não combinava com o número de horas de vôo que tínhamos feito.

Nossos guias nos aguardavam no aeroporto e, terminados os trâmites legais, nos levaram ao hotel. Estávamos exaustos e fomos dormir.

No dia seguinte fizemos um *city tour* e nos localizamos na cidade. À tarde saímos a pé para conhecer melhor a cidade de Lima. Ao virarmos na esquina que levava ao Palácio do Governo, demos de cara com a metralhadora de um dos muitos soldados que estavam ali. O susto que le-

vei foi tremendo, mas foi ele que me deu a clara certeza de ter chegado à América do Sul...

Visitamos museus, antigas igrejas, mansões espanholas abertas à visitação, passamos por dezenas de barracas de camelôs que se espalhavam pelas ruas do centro da cidade, fomos a Miraflores e, descalços, molhamos os pés nas águas geladas do Oceano Pacífico.

Meu castelhano voltou inteirinho quando comecei a falar. Eu mesma me assustei. Pensavam que eu era mexicana pela musicalidade do meu falar, diziam eles, mas nunca imaginaram que eu fosse brasileira. Os brasileiros falam portunhol, comentavam.

Mario não permitiu, em hipótese alguma, que eu deixasse de ir a Cuzco e Machu Pichu. Ele sabia que ir lá sempre tinha sido o sonho da minha vida. Depois de relutar em vão, o dia da viagem marcada com muita antecedência chegou. E, mesmo reclamando, segui sozinha para Cuzco.

Assim que desembarquei do avião juntamente com o grupo com o qual viajava, os guias nos serviram chá de coca e nos deram, a cada um de nós, uma garrafa cheia do tal chá, que devíamos tomar para suportar a altitude. Depois deixaram-nos em nossos hotéis e, assim que

cheguei no meu quarto, solicitei uma ligação para Lima. Adormeci, sem perceber. Acordei e quis saber da ligação que tinha pedido. Fui informada que o sr. Brasini não estava no hotel, saíra para dar uma volta. Estava me sentindo muito mal, tomei mais chá de coca e pedi socorro pelo telefone. Minutos *depois* a camareira e o gerente do hotel chegaram ao quarto trazendo a bala de oxigênio e a máscara que colocaram no meu rosto. Como a coisa estava muito feia, imediatamente chamaram o médico. Eu tinha tido *soroche...* O médico me examinou e minha pressão estava baixíssima. Ele me aplicou uma injeção, me deu umas pílulas e disse que eu dormisse e não comesse nada até a noite. No jantar somente uma sopa leve. Meu Deus! Como era possível ficar daquele jeito se eu estava tão bem? E cheguei a pensar no pior: se acontecesse o irremediável, quem iria buscar o meu cadáver em Cuzco??? Mario não podia, tinha sido proibido pelo médico. A altitude era grande demais para sua saúde. Lys em Tóquio, Márcia nos EUA... Adormeci com esses horríveis temores, acho que imediatamente. Acordei ao anoitecer, boazinha. Fui ao refeitório, tomei uma sopa e fui visitar o hotel que era realmente lindo.

No dia seguinte recomecei o passeio indo a Machu Pichu. Era fascinante ver e andar naquelas ruínas

Em Machu Pichu – Peru

fantásticas, marcas preciosas de uma civilização que desconhecia a roda, mas que construíra aquelas maravilhas.

Depois fui a Pizac, visitei sua famosa feira e tive a felicidade de assistir na igrejinha local, a uma missa falada em *quíchua*. Foi emocionante.

A viagem de ida e volta foi de trem e é belíssimo o que se vê pelo caminho, com rios serpenteando o vale e as montanhas andinas cobertas de neve, ao fundo.

A viagem foi rápida, mas deslumbrante e inesquecível. Pena que Mario não estivesse ao meu lado para compartilhar da beleza daquele lugar.

Capítulo XXXII

Tóquio pela Segunda Vez

Quase um ano depois dessa longa viagem, as saudades nos fizeram voltar a Tóquio, passando antes pelos EUA. para visitar Márcia. Mario ficaria com ela durante minha ida ao Japão. Apesar de desejar muito ver Lys e Thais de novo, sua saúde não lhe permitia enfrentar a longa viagem Rio-Tóquio.

Dias antes da minha viagem, mamãe repentinamente começou a passar mal e, apesar de ter sido atendida pelos médicos com rapidez, não resistiu à hemorragia gástrica que teve e morreu.

Foi tudo muito rápido, um choque brutal, uma dor muito grande e uma perda irreparável para toda a família. Eu amava minha mãe de todo coração e essa perda inesperada me marcou profundamente.

Viajei depois da missa de 7º dia e, em Tóquio, a missa de um mês foi encomendada por Lys e celebrada na Igreja da Universidade de Santa Sofia.

Cheguei em Tóquio na época dos *tóifu* como os japoneses chamam os tufões. São tantos que cada um deles recebe uma numeração. Os *tóifus*

chegam com muito vento e com chuva torrencial, mas não há nenhuma inundação. A água da chuva cái e rapidamente some nos ralos das ruas da cidade. Com toda a certeza a limpeza das galerias deve ser uma rotina. Tão bom se fizéssemos o mesmo no Brasil, especialmente do Rio de Janeiro...

Lys tinha alugado uma casa em Yokohama que, de trem, é muito perto de Tóquio. Na realidade o motivo de minha viagem, além da enorme saudade que sentia da filha, da neta e da irmã, era estar presente no 5º aniversário de Thaisinha. Um ano faz muita diferença e Thais tinha crescido muito. Passeamos nos belos parques, visitamos templos e tivemos a sorte de ver o lindo ursinho panda que tinha nascido no Jardim Zoológico de Tóquio. Fomos a Kamakura onde, ao ar livre e na entrada de um templo, está a imensa e bela escultura de ferro do Daibutzu, Buda.

De trem bala (*Shincanshem*) fomos a Kyoto onde passamos um final de semana hospedados num *ryokan*, uma casa de família tipo *bed and breakfast*, muito procuradas pelos turistas.

De Kioto fomos para Nara, onde os cervos andam soltos nas ruas e são respeitadíssimos. Em Nara fomos ao templo mais lindo que vi e onde está a grande estátua do Daibutsu, Buda. Dizem

Com a neta Thais, em Kamakura, Japão

que é a maior estátua de Buda que existe. O rosto de Buda pode ser visto a distância, pela janela que fica em cima do portão de entrada do templo. É lindo!

Um mês depois, fui ao encontro de Mario nos EUA e de lá voltamos para casa.Voltar para casa é sempre uma alegria e ainda mais quando recebemos como prêmio pelo retorno, a visão da nossa cidade pela janela do avião!. O Rio é realmente a cidade mais linda do mundo! Hong Kong também é bonita, vista do alto, mas o nosso Rio de Janeiro é fora de série.

Capítulo XXXIII

Trabalho Comunitário

Queria muito voltar a trabalhar no teatro ou na TV. Sentia e sinto até hoje a falta do trabalho artístico. Procurei o Daniel, mas não consegui nenhum trabalho. Falei com a Guta e ela me indicou na mesma hora para participar de um programa chamado Caso Verdade, que durava uma semana no ar. Fiz *Amor aos Quarenta, Cartas Marcadas, Renascer*, um episódio de *Carga Pesada*, dirigida por Ary Coslov, mas a posição que tinha tido antes não voltaria mais. Vivi com intensidade a injusta exclusão e a dolorosa certeza de ter sido banida da profissão. As novelas, uma a uma foram sendo produzidas, mas nunca mais fui contratada para nenhuma delas.

Felizmente a nossa empresa Ponto Comando Eletrônico Ltda. garantia a sobrevivência da família, mas a imensa saudade do trabalho artístico jamais me abandonou.

Preciso abrir um parênteses e falar sobre o ponto eletrônico, essa maravilhosa invenção de meu marido Mario Brasini, processo de comunicação usado hoje em dia, graciosamente, por todas as emissoras de TV.

Com Luiz de Lima e Marcelo Saback, em "Águas Passadas", Você Decide, na TV Globo

Mario, que além de ator, diretor e teatrólogo era apaixonado por eletrônica, durante experimentos que fazia com velhos aparelhos auditivos cujos circuitos tinha modificado para usá-los em campos magnéticos, acabou inventando, com vistas ao teatro, uma nova função para os mesmos: o de ponto teatral. Daí a origem do nome que deu ao seu invento, Ponto Eletrônico. O aparelhinho colocado no ouvido do ator e, totalmente escondido do público, seria ideal para amparar, quando necessário, a memória dos profissionais em seu trabalho diário. Ao mesmo tempo, retiraria do proscênio a caixa do ponto, cúpula que cobria do público, mas não de seus ouvidos, a figura do profissional que soprava para os atores, em cena, o texto que lhes cabia dizer.

A estréia do ponto eletrônico ocorreu quando, num domingo à tarde, o dono da Century Propaganda e diretor do Teatro Moinho de Ouro, da *TV Rio, Canal 13*, Vitor Berbara telefona desesperado para Mario pedindo que ele o ajudasse. A peça que iria ao ar, ao vivo, daí a algumas horas tinha apenas dois atores, André Villon e Dulce Martins, mas Villon tinha acabado de sofrer um grave acidente e não poderia atuar. Berbara acreditava que somente o Brasini, com seu invento, seria capaz de salvar aquela

situação. Mario, amigo fraternal de Villon e Berbara, não se negou a ajudar. Pediu ao seu amigo Helio Bloch, que pontava muito bem, que o amparasse nessa experiência ao vivo... e seguiram, os dois, para a *TV Rio*. Houve tempo apenas para ensaiar as marcações de cena e o teatro foi ao ar. Brasini foi perfeito, graças ao seu invento. A partir daí sempre que algum colega estava em apuros, o socorro era o ponto eletrônico do Brasini. Bibi Ferreira, Dercy Gonçalves, Jardel Filho, Felipe Wagner e tantos outros, além de serem colegas queridos que se respeitavam e se admiravam mutuamente, tornaram-se fãs também do Ponto Eletrônico.

Depois de 1964, Mario, cassado pelo AI-1 e expulso da *Rádio Nacional do Rio de Janeiro*, sem nenhuma indenização e com a carteira em aberto, decidiu profissionalizar o uso do Ponto Eletrônico alugando seus serviços para as emissoras de TV. Tentou registrar seu invento, mas o pedido foi negado pelo mesmo regime de exceção que lhe condenara ao exílio profissional. No entanto, muitos colegas o ajudaram. Bibi e Dercy compraram pontos para seus trabalhos e o diretor João Lorêdo foi o primeiro a contratar os serviços do Ponto Comando Eletrônico para seu programa na *TV Tupi, Canal 6*. Depois vieram os contratos com a *TV Rio* e a *TV Globo*. Com a

dificuldade econômica das TVs mais antigas, o ponto seguiu o caminho da tradução simultânea e tornou-se, por um longo período, a única empresa a dispor de material capaz de traduzir simultaneamente em oito idiomas. Claro que o crescimento da firma alterou e aperfeiçoou a nova geração de transmissores e receptores. O Ponto Eletrônico Intercomunicações Ltda. tinha um grande conceito na praça, mas depois de quase 30 anos de trabalho nessa área, Mario, com sua inteligência privilegiada, percebeu que, em pouco tempo, as coisas iriam começar a se deteriorar. E providenciou sua saída e a venda de nossa parte no negócio.

Certo dia, um barulho ensurdecedor começou a acontecer num mercadinho hortifrutigranjeiro localizado muito próximo ao prédio onde morávamos, em Laranjeiras. O barulho vinha do outrora pacato Mercado São José dos boxes onde comprávamos frutas, verduras e legumes e que localizavam-se nas laterais do grande terreno deixando aberto o espaço central. Era por ali que o barulho noturno subia enlouquecendo os moradores dos prédios localizados no entorno...

As atividades do mercadinho que vinham decaindo ao longo do tempo, pouco a pouco começaram a ser substituídas por *slogans* culturais e ambientalistas usados por um grupo bem articulado

que, do dia para a noite, apoderou-se daquele espaço da União (Iapas), transformando-o num barulhento e lucrativo *point* gastronômico.

Um dia, recebemos uma convocação dos prédios vizinhos para uma reunião na Associação de Moradores do bairro com representantes do município. Nossa síndica não podia ir e pediu que eu a representasse. Fui e acabei sendo guindada pela Associação para fazer parte da comissão que lutaria contra o desrespeito à lei do silêncio e à vida grupal. Pouco depois acabei 2ª vice, depois 1ª vice e finalmente, presidente. Durante seis anos me dediquei de corpo e alma a um honesto, gracioso e suprapartidário trabalho em prol da melhoria das condições de vida dos 70 mil moradores que eu representava.

Fiz um trabalho muito bom, especialmente em relação à segurança com o lançamento do Policiamento Comunitário de Quarteirão e também pelo resgate da memória histórica e cultural do Vale do Carioca.

Tenho a certeza de ter feito uma excelente gestão, mas, somente como presidente, fui descobrir que a Associação, na realidade, não era tão suprapartidária como eu imaginava. Essa descoberta foi mais uma enorme decepção. Saí em 1998, consciente de ter contribuído positi-

Como representante dos moradores do Vale do Carioca em passeata pela segurança do bairro e pela cidadania

vamente para a efêmera melhoria da qualidade de vida do bairro.

Em 1999, o trabalho comunitário que realizei com tanta dedicação e desprendimento foi reconhecido pela Câmara de Vereadores que me agraciou com o honroso título de Cidadã Honorária do Município do Rio de Janeiro, por decreto de minha fraternal amiga e então Vereadora Daisy Lucidi.

Capítulo XXXIV

Tóquio e Cingapura

Voltei ao Japão para o aniversário de Lys e para ver Zelinda que tinha caído na rua e não aguentava mais caminhar. Necessitava de uma cirurgia. Decidimos que seria melhor trazer Thais e Zê para o Brasil. Eu matricularia Thais numa escola internacional, de língua inglesa, Zê seria operada e eu iria tentar arranjar alguém para substituir Zelinda na tarefa de cuidar agora da casa e de Thais. Foi uma viagem muito rápida e voltei trazendo ambas comigo. Matriculei Thais na *British School*, em Botafogo, e comecei a providenciar a operação da Zê.

Lys veio de férias ao Brasil com seu namorado, Antonio D´Avola, um simpático italiano, grande pianista e o representante, no Sudeste Asiático, de um conglomerado italiano muito poderoso.

No ano seguinte levei Thais, já com sete anos, para ficar definitivamente com sua mãe.

Lys e Antonio casaram em Roma nas férias de ambos, numa festa muito linda e simples. Minha filha e neta estavam muito felizes com o novo marido e suposto pai, que Deus colocara em seus caminhos. Os dois continuaram trabalhando no Japão e em 1994, nasceu Gianluca Mario.

O netinho Gianluca Mario com três meses, em Tóquio

Antonio foi transferido para Cingapura e Lys, depois da licença maternidade a que tinha direito, pediu ao MRE (Ministério das Relações Exteriores) uma licença sem vencimentos para poder seguir com o marido para Cingapura.

De novo viajamos, Mario e eu para fora do país. Mario ficou com Márcia nos EUA porque uma viagem mais longa continuava sendo difícil para ele. Depois de alguns dias em Allentown, Pensylvania, segui para Tóquio para conhecer nosso netinho e ajudar na mudança.

Gianluca Mario estava com dois para três meses, era uma criança linda, forte, risonha, tinha uns olhos expressivos e muito vivos.. Lys era uma mãe dedicadíssima. Antonio, um paizão. Thais estava enlouquecida com a chegada do irmãozinho que ela adorava. Vivi dias de intensa felicidade com minha filha, genro e netos.

Sempre que Antonio chegava do trabalho, depois do banho e antes do jantar, ia para o piano. Era lindo vê-los, Lys, Thais e Antonio cantando as músicas da MPB que ele adorava.

Thais estava estudando piano e ia muito bem.

Finalmente a mudança para um novo país começou e viajamos a seguir.

Thaís com Gianluca, o irmãozinho que ela adorava.
Tóquio

Antônio, o paizão de Gianluca, em Cingapura

Cingapura é uma linda ilha extremamente rigorosa em seus costumes. A lei existe de verdade e é cumprida sem apelação. Tudo que é proibido é avisado juntamente com as multas e penas respectivas. Para traficantes de qualquer tipo de drogas está avisado: pena de morte.

Três etnias convivem pacificamente: indianos, malaios e chineses. Essa convivência pacífica foi resultado da força imperialista inglesa quando dominou a ilha. E ainda domina, ao que tudo indica, por meio de seus líderes locais.

Foi em Cingapura que os ingleses mandaram plantar as mudas da seringueira amazônica que se aclimataram muito bem e levaram à ruína o comércio brasileiro de borracha, no começo do século 20.

Hoje Cingapura é um país do 1º Mundo, aparentemente tranquilo, muito bem policiado, com eficiente transporte público e táxis à vontade. Se alguém quiser comprar um carro, pagará cinco vezes mais do que o valor dele em qualquer outro lugar. Isso porque as autoridades não querem que a ilha fique entupida, evitando assim o caos urbano.

As escolas são excelentes e Thais foi matriculada na *Tanglin Trust School* e um ano depois na

Em Cingapura, com Thaís

United World Colege of Southest Asia, um dos melhores colégios do mundo.

Antonio alugou um apartamento provisório num imenso prédio – todos os prédios de lá são altíssimos – cuja piscina ficava no 7º andar...

Depois de muito procurar, alugou um apartamento muito bom, enorme, num condomínio chamado – que coincidência! – Orange Grove.

Gianluca era uma criança linda, mas deu muito trabalho para aceitar a alimentação normal. Mamou até os seis meses e não queria comer comida de sal, mas era uma criança forte, esperta, com uns olhos muito vivos e louco pelos pais e a irmã.

Depois de passar dois anos em Cingapura, Antonio foi transferido para São Paulo e Lys voltou para Brasília retomando a carreira. Toda semana Antonio ia e vinha de São Paulo para Brasília e de Brasília para São Paulo. Viajava muito também para o exterior, sempre que a sua chefia o encarregava de algum trabalho importante.

O netinho Gianluca aos 14 meses, em Cingapura

Capítulo XXXV

A Morte de Mario

O hemograma de Mario, solicitado pelo médico no exame anual, de rotina, assinalou uma alteração muito grande no elemento sanguíneo indicador da presença de câncer na próstata. Apesar de o exame clínico não ter detectado nenhuma anormalidade, o médico solicitou novo hemograma completo. Pela 2ª vez a taxa alta apareceu. Fazia-se necessário, então, uma biópsia, para que a suspeita fosse confirmada ou não. Infelizmente o resultado indicou uma minúscula formação maligna.

Mario foi submetido a 10 aplicações de cobalto e sofreu todos os efeitos colaterais terríveis desse tratamento. O pior deles foi o enfraquecimento de seu sistema imunológico. A partir daí, Mario tornou-se escravo de exames médicos periódicos para prevenir o possível surgimento de metástases. Estas não surgiram, mas o desgaste emocional foi tremendo. Mario não queria que ninguém soubesse, especialmente nossas filhas, do problema pelo qual estava passando. Um ano depois, durante a visita do Santo Padre João Paulo II ao Brasil, Mario, na metade da semana começou a sentir sintomas de gripe. Falamos

Carregando a neta Thais ao lado de Mario, Lys e Márcia

com o médico que receitou vitamina C e cama. Mas a gripe foi piorando rapidamente e a febre aumentando. Antibióticos de última geração foram ingeridos, mas a febre não baixava. e Mario piorava a olhos vistos. O médico achou melhor removê-lo para o hospital. A ambulância veio rápida, mas quando os enfermeiros o colocaram na cadeira para levá-lo ao elevador Mario desmaiou. O médico o atendeu imediatamente e seguimos para o hospital.

Na emergência, fui informada pela equipe médica que Mario estava com pneumonia dupla. Eles iriam fazer uma entubação para ajudá-lo a respirar melhor. Pedi que não o deixassem sentir dor. Antes de sair da emergência, fazendo força para não demonstrar meu nervosismo, conversei com Mario e contei o que acabara de ouvir da equipe médica. Disse que ele teria que ser entubado para que seu estado de saúde melhorasse. Que eu tinha que sair da emergência, mas ia esperar do lado de fora e que eu estaria sempre com ele. Mario ouviu atentamente minha explicação, concordou com o procedimento médico, mas reclamou do desconforto da maca onde estava deitado. Estava lúcido.

Saí da sala muito nervosa, me sentindo sozinha no mundo e fiquei rezando. Via as enfermeiras entrarem e saírem da sala de emergência,

com muita pressa. Perguntava como estava meu marido e não respondiam nada em sua correria. Soube depois que Mario tinha tido uma parada cardíaca e que fora reanimado. Por isso o movimento das enfermeiras saindo e entrando na sala de emergência. O São Lucas estava lotado e foi chamada uma UTI móvel para transferi-lo para a Casa de Saúde São José. Enquanto eu aguardava a remoção de Mario, sozinha e em pânico no corredor do São Lucas, vejo Lys vir ao meu encontro. Zelinda tinha ligado para Brasília contando o que estava ocorrendo e Lys, amorosa e solidária como sempre foi, imediatamente seguiu para o aeroporto e veio ficar ao meu lado nesse grave momento. Seguimos a ambulância que levou Mario para o São José e ficamos algumas horas no corredor do CTI da Casa de Saúde aguardando notícias. Finalmente fomos informadas que Mario estava medicado, sedado e que o horário de visitas era às 9 horas e às 16 horas. Que fôssemos para casa descansar e voltássemos nos horários determinados.

Fomos para casa e no dia seguinte entrei no CTI às 9 horas da manhã. Mario estava inconsciente e cheio de aparelhos. Falei para ele que eu e Lys estávamos ali e que viríamos sempre vê-lo nos horários permitidos.

Na visita da tarde, um médico do CTI me chamou e disse que o estado de saúde do Mario era muito grave. Mostrou a radiografia com os dois pulmões tomados pela infecção. A febre não cedia e eles iriam tentar um outro procedimento para que o pulmão que estava um pouco menos afetado pudesse reagir.

Abaladíssimas saímos do hospital às 17 horas e viemos para casa. Pouco tempo depois de chegarmos em casa o telefone tocou. Lys atendeu e começou a soluçar. Peguei o telefone e ouvi a notícia terrível, Mario tinha falecido. Foi um momento desesperador. Chorávamos abraçadas. Pouquíssimos dias depois de uma gripe que parecia comum, meu marido morria de uma pneumonia dupla com falência múltipla dos órgãos. Eu não podia acreditar. Fomos imediatamente para o hospital e era verdade. Dia 9 de outubro de 1997, quinta-feira. O nosso desespero, meu, de Lys e da Zelinda era indescritível. Foi muito sofrido e doído esse momento. A sensação que eu tinha era de desmoronamento, de fragmentação, como se o meu mundo estivesse destroçado. E estava, em parte.

Ai começou a realidade terrível das providências para o enterro. Eu me sentia um autômato, mas tomei as providências necessárias.

Na quarta-feira, Lys tinha ligado para Márcia avisando do estado do pai. O velório foi na sexta-feira e como Mario tinha sido embalsamado e Márcia não tinha chegado até à hora que o cemitério fechava, a cremação foi transferida para segunda-feira e o caixão foi para a geladeira. Márcia chegou sexta-feira à noite. Sábado voltamos ao cemitério para que ela visse o pai pela última vez.. Na manhã de segunda-feira, no horário estabelecido, fomos pegar as cinzas de meu companheiro, amante, esposo, o melhor filho, o melhor pai, o melhor e mais solidário amigo do mundo.

Márcia não ficou para a missa de 7º dia do pai, por mais que eu tivesse insistido para que ficasse. Lys ficou comigo todo o tempo permitido por lei.

Meus amigos me amparavam quando fiquei sozinha com Zê, que foi um anjo para mim. Mas eu andava sem rumo naquele tempo, muito triste com a perda repentina de Mario. Noites e noites ficava sem dormir, esperando que ele aparecesse a qualquer momento. Isso, infelizmente, não aconteceu nunca, por mais que eu desejasse.

O tempo foi passando, mas dentro de mim havia um vazio imenso. Foi aí que a minha querida e fraternal amiga Daisy Lucidi se aproximou

decidida a me levar de volta à vida. Passamos a ser a companhia constante uma da outra e nossa amizade se solidificou desde então. Fiz um longo tratamento contra a depressão e passei a participar da mesa de debates do programa *Alô, Daisy*, na *Rádio Nacional*, às sextas-feiras. Conheci e me tornei amiga de muitos amigos de Daisy e de toda a sua família. D. Clarisse, a mãe, Luiz, o marido. Junior, o filho, Eglê, a nora, netos e bisnetos todos passaram a fazer parte de minha vida como se, desde sempre, tivéssemos sido uma só família.

Capítulo XXXVI

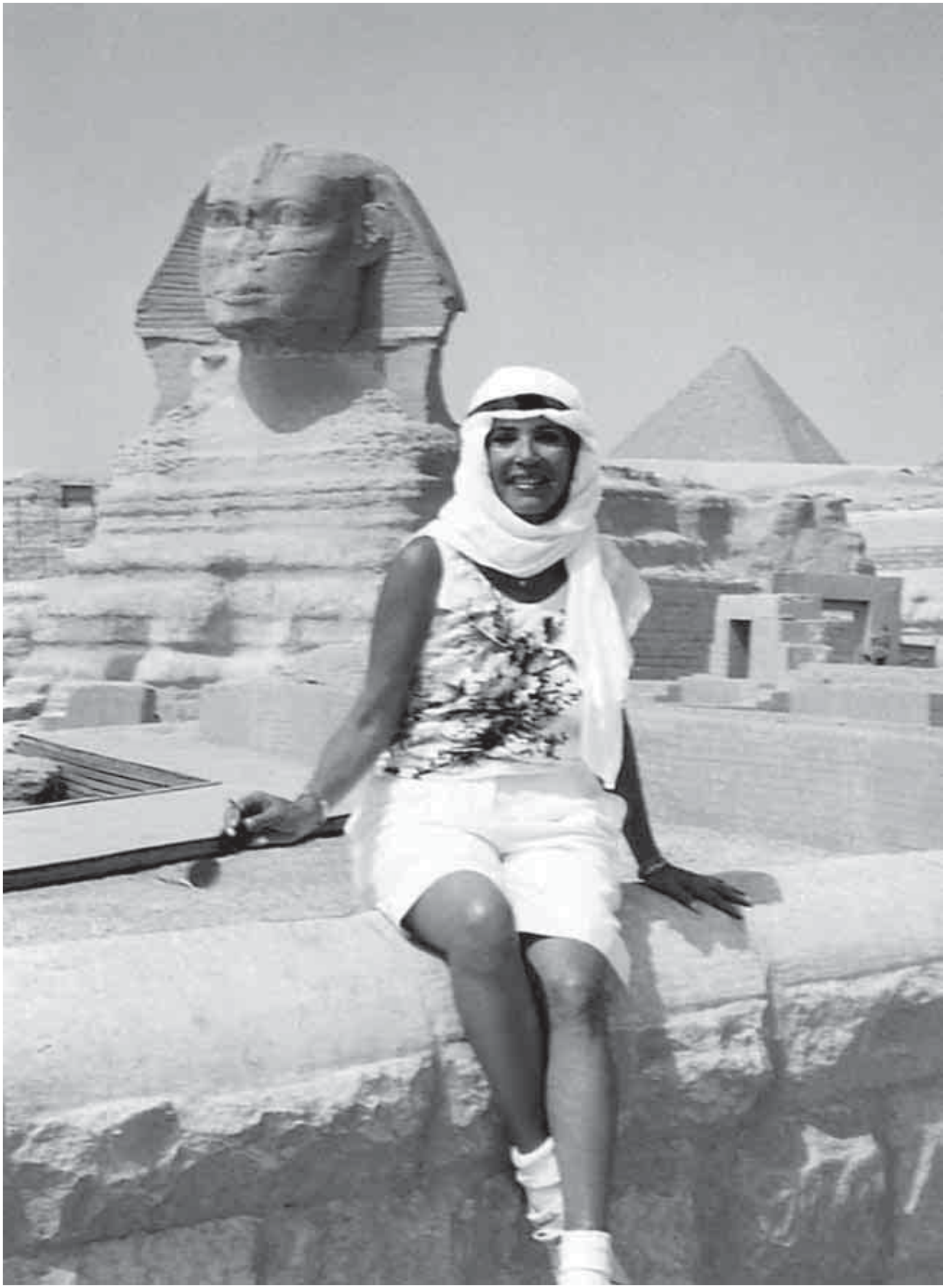
Israel, Egito, Roma, América

Depois de passar mais de um ano no MRE em Brasília, Lys foi convidada pelo embaixador Flecha de Lima para trabalhar na Embaixada do Brasil, em Roma. Minha filha aceitou o honroso convite e seguiu para a Europa, onde ficou por três anos. Ela alugou um apartamento no Palácio Pamphilli, em frente à Piazza Navona, onde fica a nossa belíssima embaixada, comprada pelo Brasil no governo do presidente Juscelino Kubitschek.

Em 2000, três anos após a morte de Mário, minha amiga Agi Krajcsi de novo me convidou para ir a Israel com ela. Ficaríamos juntas na casa de sua irmã Vera, em Narahyha, que faz fronteira com o Líbano. Sempre tinha recusado seus convites para não deixar Mario sozinho, apesar dele sempre ter me incentivado a ir com Agi. Desta vez resolvi acompanhá-la. Iria também ao Egito e visitaria minhas filhas Lys, netos e genro em Roma, seguindo depois para visitar Marcinha nos EUA. Achei que seria bom para minha cabeça, ainda tumultuada pela perda de meu marido.

Foi uma viagem maravilhosa, apesar de todo um rigoroso sistema de segurança pelo qual temos

Na Fontana de Trevi , em Roma



Em Giza, Egito

A caminho de Jerusalém

que passar. Visitei, acompanhada por Vera e Agi, Narahyha, Acho, Haiffa, Belém e todas as demais cidades, numa bela viagem de carro com guia e tudo. Um dos momentos mais emocionantes para mim, foi a chegada ao Rio Jordão. Com que amor e reverência desci as escadas para chegar ao local onde consta que Nosso Senhor Jesus Cristo foi batizado por São João Batista. Com uma fé infinita, entrei nas águas cristalinas e me batizei de novo no Rio Jordão, como Theresa.

Assisti a uma missa na Igreja da Anunciação, vi o lago Kineret, que abastece a minúscula Israel, quase vazio na época. Fui a lugares deslumbrantes, antigo deserto restaurado pelos hebreus. De Tel Aviv, uma grande metrópole, segui sozinha para o Cairo, cidade indescritível, onde nossos guias nos aguardavam.

Com eles fui levada ao hotel e depois saímos para conhecer a cidade. Fiquei com um grupo maravilhoso e com eles visitei a Mesquita de Mohamed-Aly, que fica no alto de uma colina e é lindíssima. Do lado de fora da mesquita, existem belos quiosques de ferro e tudo é muito bem cuidado. Na subida da colina não resisti e tirei a tradicional foto vestida como supostamente se vestiam os mandatários do Antigo Egito, As roupas e os adereços são alugados pelo intenso comércio que existe ali.

Vi as mastabas, o deserto de Saara que começa a diminuir com a irrigação e o aumento da cidade.

Finalmente chegamos a Gizé, depois de enfrentar um trânsito enlouquecido. Parecia um sonho, me deparar com a Esfinge, as pirâmides e o deslumbrante e silencioso olhar de 40 séculos... Fiquei fascinada não só diante da Esfinge e sua carga energética inacreditável, como das altíssimas pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, mistério da engenharia e sabedoria humana, cuja construção desafia até hoje os estudiosos do assunto. Não pude deixar de dar uma volta de camelo naquele local deslumbrante protegida pelos panos que tinha comprado para colocar na cabeça e quilos de protetor solar que nos tinha sido indicado.. Nosso guia quando me viu em cima do camelo disse que nunca mais saísse sozinha sem a sua companhia. Era muito perigoso. Dias depois soube que, havia pouco tempo, que grupos terroristas tinham atacado e eliminado turistas na região.

Depois do almoço fomos ao Museu do Cairo, imenso e lotado de turistas. Centenas de obras arqueológicas das mais remotas dinastias, ainda podem ser encontradas ali. Outras estão no Museu de Londres, no de Berlim, no Louvre. O belíssimo obelisco da *Place de la Concorde*, em Paris, foi retirado de Luxor por Napoleão Bona-

parte. A escultura original da cabeça de Nefertiti foi levada por Hitler, para o Museu de Berlim.

Uma das partes mais impressionantes do Museu do Cairo, é a ala do jovem faraó Tutankamon. O sarcófago de ouro e pedras preciosas deslumbrantemente dispostas, suas jóias, suas vestes, seus soldados de ébano e ouro que guardam a entrada, são um tesouro inestimável. Que capacidade artística e que qualidade técnica de joalheria existia desde muito.

Foram dois dias apaixonantes, no Cairo. O único problema era não estar com algum conhecido brasileiro nessa viagem para poder dizer, em português, tudo que sentia, para trocar impressões... Viajar sozinha tem esse inconveniente.

Depois fui a Aswuan, onde não havia nenhum estrangeiro, além de mim. O guia me esperava e me levou aos passeios programados. Vi a represa nova que ilumina muito bem a cidade e o país, passeei pela pequena cidade, fui ao mercado, vi as mulheres com seus trajes longos e suas cabeças cobertas por panos tradicionais. Percebi que os árabes gostam muito de olhar para as mulheres ocidentais. Não creio que com boas intenções. Andei num barco chamado *felluca*. Pensava que era de junco, como vira nos filmes norte-americanos sobre o Egito, mas não. É um

barco estreito de madeira, com uma espécie de vela manobrada por uma única pessoa, que às vezes parece querer virar no Nilo. Atravessamos o rio e vimos de longe um lindo castelo. Era o mausoléu do Aga Khan, me disse o guia. Não há muita coisa para se ver em Aswuan. À noite, fui de barco, com meu guia, à ilha de Philae, e assisti a um maravilhoso espetáculo de som e luz.

No dia seguinte, segui para Luxor, viagem imperdível. Fui ao Vale dos Reis, entrei nas tumbas tebanas subterrâneas, os hipogeus, com seus grandes corredores decorados e ouvi histórias fantásticas contadas pelos guias sobre a significação de alguns afrescos dos muitos deuses e faraós, seus filhos e suas mulheres, estas sempre esculpidas ou pintadas em proporções bem menores que os homens que enfeitam as cavernas e toda a imensa e deslumbrante Luxor. Que intensa emoção poder estar diante do que restou da antiga história dessa misteriosa civilização!

Do Egito voltei para Tel Aviv. No sábado iria visitar Jerusalém numa excursão de um dia. O ônibus da excursão saia muito cedo da porta da agência de turismo que ficava bem próximo do hotel onde eu estava hospedada.

Nossa guia era uma mulher feia e extremamente antipática que nos encheu de medo durante

toda a viagem. Vendeu um tape que comprei para ser entregue na volta. Paramos num local alto de onde se via toda Jerusalém, agora capital de Israel, o que foi uma surpresa para mim. Daquele local se destacava a cúpula dourada da mesquita Al-Aksa ou Monte do Templo que, pouco depois foi a causa da intifada que dura até hoje.

Seguimos a viagem chegando à Citadela ou a Torre de David, uma fortaleza linda e enorme, com ambientes variados contando a história daquele local, fotos com legendas enfim, tudo que gosto de ler e conhecer. Antes de saltar do ônibus fomos alertados pela nossa guia sobre o perigo que estaríamos correndo no meio dos palestinos. Ela nos aconselhou a não levar nada, que deixássemos nossas mochilas dentro do ônibus. Ali tudo ficaria mais seguro. Peguei 20 *shekels* da carteira, coloquei no bolso da jeans e saltei. Ela nos avisou que dentro de 40 minutos nos esperaria ali, naquele mesmo lugar.

Fomos em grupo que logo se distanciou dentro daquela imensa fortaleza, com tantas coisas para ver. De repente, numa das salas, me vi sozinha. Olhei para o relógio e os 40 minutos estipulados pela guia estavam chegando. Saí rápido à procura do guarda-chuva azul e branco que a identificava. Rodei sem saber qual a entrada por

onde viera. Entrava e saía e não achava ninguém. Fiquei desesperada. Perguntava se tinham visto *a guide with a blue and white umbrela e* me diziam: *Straight there...* E apontavam para alguma saída das muitas que havia. Corri em volta de todos os lugares e nada. Fui até onde ficavam os ônibus de turismo e nada. Comecei a chorar. Tudo que tinha, passaporte, dinheiro, chaves de minha mala, caderno de anotações, tudo, tudo tinha ficado na minha mochila dentro do ônibus. Foi horrível. Um árabe me viu chorando, expliquei a ele, em inglês, que eu tinha me perdido de minha guia, uma que usava de guarda-chuva azul e branco. Ele a conhecia e disse que me levaria até onde ela estava.

Apavorada, mas sem nenhuma outra opção a não ser acompanhá-lo, o segui pelas ruelas estreitas e misteriosas da cidade. Passei pelas lojinhas repletas das coisas lindas que pensara possuir um dia. E me lembrava de minha amiga húngara Agi, que não me deixou comprar quase nada em Ako ou em outros lugares que fomos, em Israel. Agi dizia que em Jerusalém tinha muito mais coisas e tudo era mais barato*.Tu vai loquecê em Jerusalém! Tu vai loquecê!.* Estava começando a pensar que se não encontrasse minha guia e o ônibus com minha mochila, certamente iria enlouquecer. De verdade...

O senhor que me levava perguntava em árabe pela maluca da minha guia e sempre diziam que não a tinham visto.

Finalmente, chegamos ao Santo Sepulcro e o senhor falou com um outro guia que estava com seu grupo. Contou a minha história e perguntou se ele tinha visto a fulana. Esqueci completamente o nome dela. Só lembro do nome do motorista, um simpático senhor chamado Moshe. O guia falou que ela não podia ter ido embora sem contar todos os que estavam sob sua responsabilidade. Eu chorava muito e ele perguntou onde eu estava hospedada. Disse o nome do Hotel, em Tel Aviv.. -*Você não está hospedada em Jerusalém???* e balançou a cabeça dizendo que era um absurdo ela ter seguido o *tour* sem me procurar. Mas que podia ficar no grupo dele, que também voltaria depois para Tel Aviv. Agradeci ao senhor tão solidário que me levou pelas ruelas e me amparou naquele momento terrível.

Uma senhora do grupo perguntou se eu queria água. Disse que sim e ela comprou uma garrafa de água mineral e me deu. Fomos ao Muro das Lamentações e coloquei dois bilhetes entre as pedras abarrotadas de papeizinhos. Eu rezava e chorava tanto encostada nas pedras milenares que a senhora perguntou*:-Você é judia?* Respon-

di chorando: *Não. Mas gosto muito de vocês e tenho muitos amigos hebreus...*

Finalmente depois de visitar mais alguns lugares sagrados, fomos para o ônibus do grupo e voltamos para Tel Aviv. Chorei a viagem toda. Os turistas foram saltando em seus hotéis e o guia generoso que me acolheu me mostrou o meu e saltei do ônibus. Fui diretamente me queixar na gerência. A resposta foi terrível: *Hoje é Shabat e nada mais funciona. Somente amanhã poderemos fazer alguma coisa.* Respondi, desesperada: *Acontece que meu vôo para Roma está marcado para às 15 horas de amanhã*. *Sinto muito,* disse o gerente.

Subi para o meu apartamento, chorando cada vez mais. Depois desci e fui para o local da agência, onde tinha embarcado no ônibus. Fechada. Fiquei algumas horas, sozinha, naquele lugar, esperando o ônibus voltar. Quando começou a escurecer, decidi voltar para o hotel. Tinha muito, muito medo.

Tomei um banho, coloquei meu pijama que tinha deixado na cama, felizmente, e liguei a TV. Não entendia nada. Não conseguia dormir, mas devo ter cochilado. Levantei muito cedo, com os olhos imensos, inchados de tanto chorar e às 7 horas já de banho tomado e com a mesma

roupa do dia anterior, saí e fui para a agência. Reclamei do acontecido e ninguém na agência sabia de nada. Finalmente chegou o ônibus com o Moshe que me devolveu a mochila, intacta, e a fita de vídeo que tinha comprado da guia no começo do *tour*.

Voltei para o hotel, troquei de roupa e pedi que fechassem minha conta. Deixei as malas no *lobby* e saí para caminhar pela praia. Tirei algumas fotos, voltei para o hotel, peguei minhas malas e solicitei um táxi para me levar ao aeroporto.

Cheguei cedo ao Ben Gurion. A segurança foi terrível. Abriram minhas malas, perguntaram porque eu tinha ido a Narahyra, depois vindo para Tel Aviv, depois ido ao Egito, voltado para Tel Aviv, ido para Jerusalém, voltado para Tel Aviv e agora estava seguindo para Roma. Contei tudo mil vezes, mostrei os papéis do *tour*. Pensei que iam me prender, que não ia mais sair de lá. Enfim... finalmente me liberaram.

Em frente ao Castel Santangelo, em Roma

Capítulo XXXVII

Todos os Caminhos Levam a Roma

Cheguei a Roma exausta e um bagaço psicologicamente. Lys ficou horrorizada com o que aconteceu e queria mover uma ação contra a agência de turismo, mas achei melhor deixar. Se Deus quiser, eu voltarei um dia, somente para visitar Jerusalém como essa cidade santa merece.

Reencontrar minha filha, Thais, Gianluca e Antonio foi um bálsamo para minha alma. O apartamento de minha filha, era excelente. Eu estava no Palácio Pamphili, que loucura! E em frente à Piazza Navona!!! Parecia ser um prêmio por tudo que tinha sofrido dias antes.

A embaixada estava sendo restaurada na ocasião com recursos doados por empresas brasileiras e italianas negociados pelo embaixador Paulo Flecha de Lima. As obras tinham a supervisão da embaixatriz Lúcia Flecha de Lima, profunda estudiosa do assunto que devolveu inclusive à fachada do belo imóvel do Brasil as cores originais azuis quase cinza, características da época em que foi construído.

Antonio e Lys tinham um *duplex* na praia de Sabaudia onde passavam o verão. Estive com eles

nesse local tranquilo, tendo o mar, que minha família sempre adorou, bem pertinho.

Visitei a região dos Castelos, passamos por Castel Gandolfo, residência de verão do Santo Padre e, mais adiante, chegamos a Veletri onde moram os pais de Antonio.

Veletri é uma cidade pequena, localizada a uma hora e pouco de distância de Roma.

A grande casa de Pina e Gero, pais de Antonio, fica dentro de um sítio, onde Gero cuida de toda a plantação. Tem de tudo naquele lugar, frutas as mais variadas, uvas de várias qualidades, hortaliças, legumes, tudo cuidado com muito carinho. Gero produz para consumo próprio um vinho delicioso. Pina, a mãe de Antonio, como boa italiana que é, cozinha divinamente. Passamos uma tarde belíssima com eles. Gero fala também um pouco de espanhol, o que foi ótimo para meu italiano meio capenga.

Antonio me levou até a Villa Brasini, um palácio imenso, construído pelo arquiteto e imortal Armando Brasini, tio de meu marido e onde o pequeno Mario viveu dos 8 aos 12 anos. A Villa estava alugada para uma empresa que não permitia visitas. Uma pena. Tirei muitas fotos do lugar.

Numa das entradas da Villa Brasini, na Via Flaminia ,
em Roma

Fomos a Sperlonga, uma cidadezinha quase um bairro, localizada numa colina que se levanta do mar. É lindíssima. Com suas casinhas brancas como as casas das ilhas gregas, onde os moradores vendem artesanato, comida, tem bares e praça. Foram momentos inesquecíveis que vivemos lá.

Voltamos a Roma e no outro domingo fomos de carro a Pompéia. Já tínhamos estado em Pompéia, quando Lys e Márcia eram pequenas e muitas das coisas que vimos naquela ocasião já não estão mais lá. Foram transferidas para o Museu de Nápoles. Como em Roma, agora. Da primeira vez que estivemos em Roma, podíamos entrar na Via del Imperio e passear entre as ruínas. Hoje não. Só se pode ver de longe. Naquela ocasião, dentro da Via del Imperio, vimos um espetáculo de som e luz maravilhoso, com as vozes de famosos atores do teatro e cinema italiano tais como Ana Magnani, Vitorio Gasmann, de Sicca, Nazzari...

Fui com Thais para Florença de trem. Era verão e a cidade estava lotada. Florença é uma obra de arte a céu aberto. Vimos o falso e o verdadeiro David, de Michelangelo. As filas para os museus eram imensas e deixamos de ver muito do que queríamos pelo pouco tempo que tínhamos e ao tamanho das filas.

De Roma fui para NYC por quatro dias – não podia deixar de assistir *Os Miseráveis*, *Miss Saigon* e *O Fantasma da Ópera*, na Broadway – e segui para Gettysburg (Pensylvânia), onde Márcia estava morando agora com seu novo marido, Fred Fowler, uma pessoa encantadora.

Gettsburg teve um papel importante na Guerra Civil norte-americana e a cidade vive turisticamente dos dias terríveis passados ali. Muitos moradores vestem-se como se fossem os moradores da época, falam como aquelas pessoas que não existem mais, montam acampamentos idênticos aos da Guerra de Secessão e, num deles, estive com o General Lee, que, ao saber-me brasileira, decidiu falar espanhol comigo, que aliás falava muito bem. Presenteou-me com a cópia de uma nota da época, autografada por ele.

Fred me deu uma lição das batalhas que ali ocorreram e depois assisti, num enorme campo que na época da Guerra Civil ficou encharcado de sangue, à encenação de uma batalha entre sulistas e nortistas, com os canhões antigos funcionando. Foi muito bonito.

Após alguns dias com eles retornei ao Brasil.

Capítulo XXXVIII

2000-2001

Rodrigo, meu filho adolescente, foi me esperar no aeroporto. Como cresceu neste mês que estive fora! Viajar é muito bom, mas como é maravilhoso voltar para a nossa casa.

Poucos dias depois de chegar, voltando da *Rádio Nacional* com a Daisy, recebo um telefonema do cineasta Roberto Farias me convidando para participar de um *Você Decide* que ele iria dirigir na *TV Globo*. Fiquei muito contente. Chamava-se *A Hipocondríaca* e nesse programa reencontrei Suzana Vieira. Gravamos o programa em três dias.

Participei de um desfile beneficente no Copacabana Palace. Encontrei outras atrizes também convidadas e, entre elas, estava Dercy Gonçalves. Dercy, que sempre me tratou com muito carinho, perguntou se eu estava recebendo *royalties* das estações de TV pelo uso do ponto eletrônico do Brasini. Disse que não. Ela não se conteve e no seu vocabulário característico, disparou : *São uns f.d.p... todas as TVs, tanto do Rio como de São Paulo usam o ponto eletrônico do Brasini em seus programas.*

Ao lado de Dercy Gonçalves, em desfile beneficente, no Copacabana Palace

Resolvi então procurar um escritório de advocacia especializado em direitos autorais para saber se eu teria direito de pleitear algum tipo de pagamento pelo uso do invento de meu marido. Depois de ter sido feita a pesquisa, a resposta foi negativa. Os direitos tinham caducado.

Dezembro chegou com a alegria de netos, filha e genro de novo em casa. Como Thais queria ver a queima de fogos da orla de Copacabana fomos passar o Ano Novo na casa da Daisy e Luiz que, como sempre, nos receberam com muito carinho.

Thais retornou para Roma uma semana antes de seus pais porque as férias do final de ano eram muito curtas e as aulas iam recomeçar. No ano seguinte ela terminaria a *High School*. E assim foi que aconteceu. Lys e Thais faziam questão que eu estivesse em Roma nessa ocasião para a formatura de Thaisinha e mandaram uma passagem de presente.

Foram lindos os dias que passei em Roma, durante a Copa do Mundo de 2002. Assistimos juntas, Lys, Thais e Gianluca à vitória do Brasil. Torcemos muito. Rimos muito. Nos abraçamos, gritamos, todos vestidos com a camisa da seleção, envoltos com a bandeira do Brasil, com bandanas na cabeça, enfim, com uma grande alegria. Torcíamos pelo penta!!!

No apartamento da filha Lys no Palácio Pasmphilli, torcendo pelo penta campeonato de futebol do Brasil, ao lado de Lys, Thais e Gianluca

Saí muito com Gianluca e com Lys, sempre que ela podia, em seus horários livres. Gianluca tinha 8 anos, mas conversava muito bem com seu lindo sotaque italiano. Parecia um velhinho me explicando que Roma não era um lugar bom para crianças. Não tinha nada para criança brincar, não tinha praças com brinquedos, só tinha coisas para adultos. Percebi então, pela primeira vez, que realmente em Roma, na parte antiga onde eles moravam não pensaram nas crianças que vivem lá. Só nos gatos protegidos por todos, confortavelmente instalados e bem alimentados nas ruínas da Piazza Argentina. As crianças não. Para elas não existe nada, nem uma pracinha com brinquedos onde possam se divertir. Ele tinha toda a razão.

Gianluca tinha escrito dois contos para a escola, onde estava muito bem colocado. Chamavam-se *The cave painter* e *The boy who dreamed snakes*. Eram lindos, com estilo, muita imaginação e bem elaborados. Elogiei muito seu trabalho e digitei os dois no computador para que ele desse de presente aos seus pais e a mim. Ficou ao meu lado o tempo todo corrigindo minha digitação, quando eu errava alguma letra. Aí, meu netinho Gianluca Mario disse: *Eu vou ser escritor, como meu vôzinho.* Abracei muito esse serzinho tão amado e fiz força para não chorar com aquela

homenagem que ele, ainda tão pequeno e por conta própria, estava fazendo a Mario.

Thais, já adolescente, queria seus amigos. Não era mais a menina que largava tudo para ficar com a avó, o que era absolutamente natural.

Levei um vestido de festa para ir ao baile de formatura, mas a festa na Itália não é como no Brasil. Os familiares apenas podiam ir às premiações dadas no colégio e na colação de grau, duas belas cerimônias. Thais ganhou muitos prêmios por seu desempenho escolar e a colação de grau foi emocionante. Porém, a festa no Hotel Intercontinental era apenas para a turma que se formava e um ou dois professores escolhidos por eles. Lys ria e dizia: Fomos barrados no baile...

Thais estava linda no seu vestido de baile. Já estava uma mocinha, meu Deus! De salto alto e tudo. Eu a maquiei levemente, ela escolheu as jóias da mãe que queria usar, tiramos muitas fotos dela já pronta, enfim, a casa inteira estava em polvorosa. Lys sorria de satisfação.

Um colega de Thais veio buscá-la, trajando impecável *smoking* ornamentado com todas as comendas de sua nobre família. Antonio torcia pelo namoro da Thais com esse rapaz, mas Thais

só o queria como colega e amigo. Como namorado, não.

Na hora da saída, descemos todos para levá-los até o carro. Thais saindo do Palácio Pamphili, linda, de vestido longo, acompanhada de um belo jovem a rigor, em plena Piazza Navona, chamou a atenção de vários turistas que se aglomeraram pensando tratar-se de um casamento. Fiquei imaginando como seria o dia do verdadeiro casamento de Thaisinha.

Alguns dias depois deixei filha, genro e netos em Roma e fui para Washington, D.C. com conexão rápida em Nova York.

Capítulo XXXIX

De Roma para New Oxford

Márcia e Fred me esperavam no aeroporto, mas a minha mala, apesar de ter sido despachada por mim, na rápida conexão que fiz em Nova York não tinha vindo no meu vôo. Ficara em NYC. Informaram-nos que viria no próximo vôo dentro de três ou quatro horas. Aproveitamos então para dar uma volta pela cidade. Passamos pela Casa Branca, cercada em sua maior parte, como medida de segurança, depois do acontecido em 11 de setembro. Fomos à Virginia e jantamos num restaurante muito bom. Os norte-americanos jantam cedíssimo. A partir das 17 horas começam a chegar para jantar. Não almoçam...

Finalmente pegamos a mala e seguimos por uma estrada excelente para New Oxford. Iria conhecer a casa que Márcia tinha comprado com a venda de um imóvel que tínhamos no Flamengo. Nessa casa a artista plástica Márcia Brasini Fowler inaugurou a sua tão sonhada galeria de arte.

New Oxford é uma pequena cidade e seu comércio principal é de antiguidades. A tragédia das Torres Gêmeas deu uma parada nas vendas e diminuiu o número de visitantes que sempre

iam até lá. Não se vê ninguém nas ruas, um deserto! Somente se vê o movimento dos carros que passam por lá.

A casa de Márcia é linda, tem dois andares e no térreo ela montou sua galeria *Art to Use*, com os trabalhos muito bem expostos. No térreo ficavam a loja, a oficina, o escritório, o banheiro e a cozinha. O terreno é muito grande e se estende até a rua de trás. Ali ainda há uma garagem transformada em depósito para os trabalhos auxiliares de Fred. Na parte de cima da casa, subindo a escada, tem um *hall* que dá para o quarto do casal, uma sala de visitas, o banheiro e um quarto menor, onde fiquei.

Os dias foram ótimos, Márcia estava carinhosa e, com o grave problema que passou a ter na coluna, percebi que ela trabalha mais ajoelhada ou em pé porque ficar sentada era extremamente dolorido. Essa constatação me deixou apavorada. Márcia me disse que seu caso não tinha jeito, que seu cóccix e parte da lombar tinham envelhecido como se ela tivesse 90 anos de idade. Já tinha operado uma vez e que iria fazer nova tentativa. Só que essas microcirurgias afastavam a dor por muito pouco tempo, mais ou menos uns seis meses. Essa notícia foi um golpe para mim e senti um aperto em meu coração. Ela se dedicava a vários tipos de trabalho, pintura,

esculturas de mulheres grávidas, mas seu carro-chefe eram os tapetes de mosaico que fazia com azulejos. Lindíssimos! Seu estoque de azulejos era enorme. Ajudei-a a cortar os azulejos em pedacinhos pequenos para os desenhos tão bonitos que fazia.

Fomos ao médico para a nova microcirurgia e ela voltou de lá sem nenhuma dor.

Eu saía com os cachorros para passear e não posso negar que o choque cultural foi imenso. Não havia rigorosamente nada para se ver, nem crianças, nem adultos. Passava por plantações de milho, fazendas, cemitério e voltava com os bichinhos.

Da Piazza Navona, cheia de gente, música e alegria para aquele lugar silencioso, *country* mesmo, em plena Copa do Mundo, não foi nada agradável. Por futebol e Copa do Mundo, além do carteiro John, ninguém mais se interessava. Assisti sozinha, de madrugada, sem fazer barulho para não acordar Márcia e Fred, ao jogo em que o Brasil ganhou o pentacampeonato, na TV da sala de cima. Pulava e gritava com o travesseiro enfiado na boca. Foi lindo e terrível ao mesmo tempo. Pensava na Lys, Thais e Gianluca que deviam estar vibrando na Itália. E no Brasil! Como devia estar a festa do penta

na nossa terra? Como estariam Rodrigo e Zê naquele momento de alegria?

Alguns dias depois, a data do regresso ao Brasil chegou e como o voo era muito cedo, saímos na véspera para Washington, DC. Pernoitei num hotel e no dia seguinte segui para o aeroporto.

O esquema de segurança era tremendo, mas até aí tudo bem. O pior aconteceu depois, já no tubo que leva ao interior do avião. Fui parada por dois seguranças mal-encarados enquanto os demais passageiros entravam. Vasculharam minha bolsa, minha mala de mão, me fizeram tirar o tênis, as meias, um constrangimento só... Quando finalmente fui liberada, não havia mais lugar para a minha mala de mão nos locais destinados a esse fim dentro do avião. Minha malinha me foi retirada e despachada junto com a bagagem geral. Inútil avisar que a mala estava aberta, que não estava trancada à chave, etc. – *There´s no problem* responderam...

Mais tarde lembrei que eu tinha colocado meu passaporte no bolso da frente da mala de mão. E agora? Como seria quando chegasse ao Brasil? A partir daí, o resto da viagem foi mais terrível ainda.

Quando cheguei ao Rio de Janeiro, expliquei no balcão da Polícia Federal o que tinha acontecido. Um guarda me acompanhou até a esteira de bagagem. Felizmente minha mala de mão estava intacta e voltamos com o passaporte para oficializar minha entrada no país.

Com Beatriz Segall, Myriam Pires e sua filha Myriam, Rodrigo e representante da produção de Quarta-feira sem Falta Lá em Casa*, quando da estreia no Rio em janeiro de 2004*

Capítulo XL

Quarta-Feira sem Falta, lá em Casa

Como sempre, Rodrigo me esperava no aeroporto. É sempre uma alegria reencontrar nossas raízes e voltar para casa. A primeira novidade que tinha para contar era justamente a vergonha e o constrangimento pelo qual tinha passado na saída dos EUA. Jurei nunca mais voltar àquele país.

Beatriz Segall e Myriam Pires, sob direção de Alexandre Reinecke e produção do Alexandre Doria da DBA2 de São Paulo, montaram em 2003 a peça de Mario Brasini, *Quarta feira, sem Falta, lá em Casa*. Foi um enorme sucesso. Ficou um ano em cartaz no Teatro Renaissence. Assisti à estréia e depois fui convidada de novo para a festa das 100 representações.

Com a família tão longe, decidi passar o Natal e o Ano Novo em Buenos Aires com meu filho Rodrigo. Chegamos no dia 23, ficamos muito bem instalados num *apart-hotel* na Ricoleta, andamos a pé por toda a cidade, fomos a museus, participamos de uma visita guiada ao maravilhoso Teatro Colon, passamos o Ano Novo num belo restaurante com muita música, dança e

Com o filho Rodrigo no Reveillon de 2004, em Buenos Aires

alegria, passeamos até à véspera do retorno ao Brasil no dia 7 de janeiro de 2004, para assistir a estréia de *Quarta-feira*... no Rio de Janeiro, no Teatro Leblon. Foi uma viagem maravilhosa em que nos divertimos muito.

Quarta-feira... foi muito bem com casas lotadas, muitas vezes até com cadeiras extras. Infelizmente, no entanto, Beatriz estava comprometida com outra produção e a temporada terminou, na minha opinião, antes do tempo.

Myriam foi contratada pela *TV Globo* para fazer a novela do Agnaldo Silva chamada *Senhora do Destino*. Seria um grande papel, ela estava felicíssima. Porém, Myriam adoeceu de repente e, em curtíssimo tempo, morreu. Foi uma dor muito grande para todos, especialmente para mim que era muito sua amiga. A *TV Globo* me convidou para uma participação naquela novela.

Lys, Antonio e Gianluca Mario vieram ao Rio de férias no dia 3 de agosto de 2004. Thais estava fazendo um estágio na *FAO – Food & Agriculture Organization - (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentos)* de seis semanas, nos meses de julho e agosto em Roma e no dia 30 de agosto iria para a Universidade de Göteborg, na Suécia, onde ficaria até dezembro.

Com Rodrigo na Argentina

Com Rodrigo, em Bariloche

Minha filha ainda assistiu a alguns dos capítulos em que entrei em *Senhora do Destino*. Depois foram para Brasília e Fortaleza por uma semana. Na realidade ficamos muito pouco tempo juntos dessa vez. Lys voltou para Roma mais cedo, porque queria ficar uns dias com Thais, antes da viagem da filha para a Suécia e de seu retorno para a Embaixada do Brasil, em Bangkok.

Ao chegar, em função do excesso de trabalho que realizavam, o embaixador Marco Antonio Diniz Brandão nomeou minha filha, por mérito, para o cargo de Conselheira na Embaixada do Brasil em Bangkok.

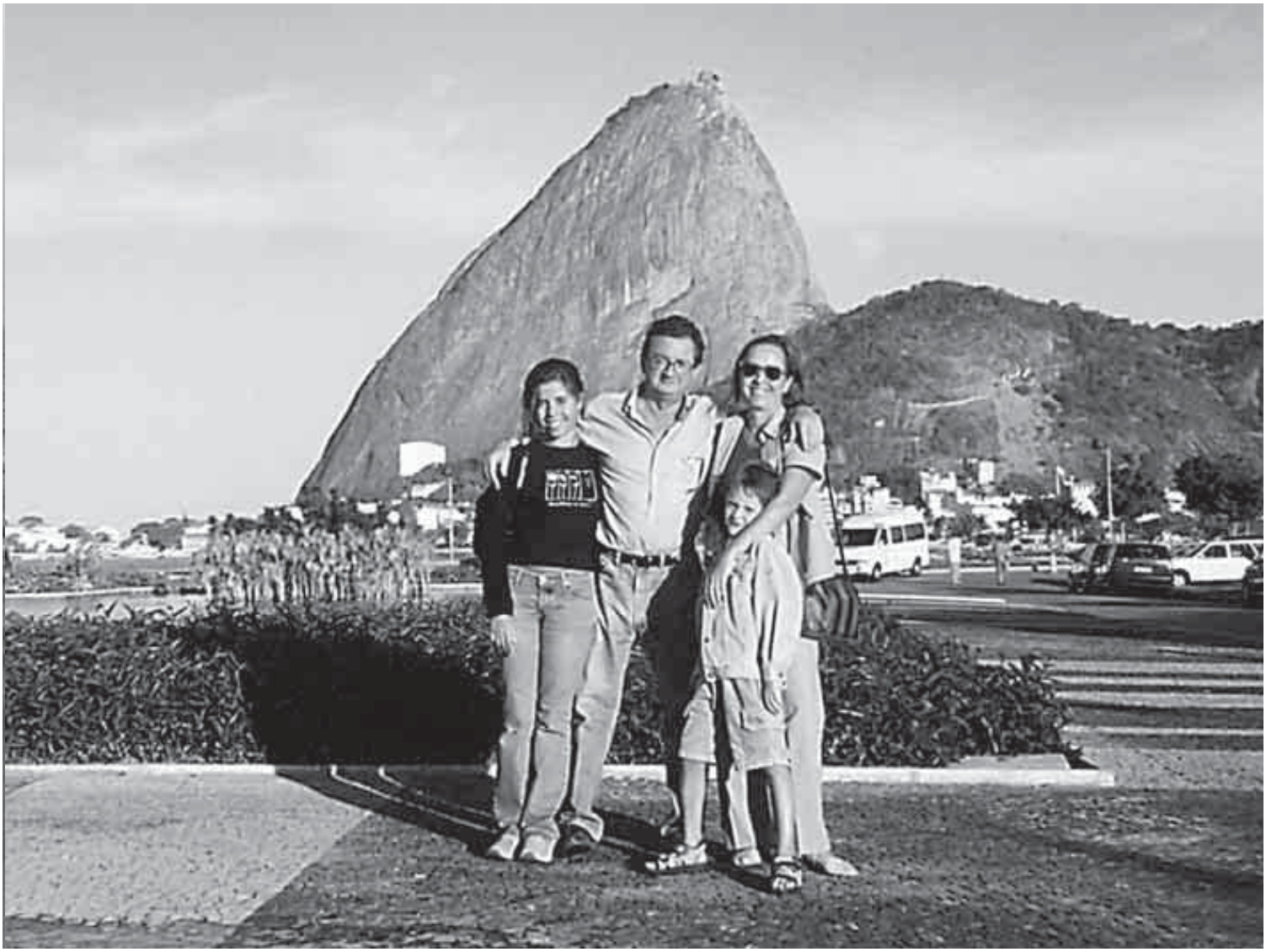
Antonio veio ao Brasil a trabalho, em novembro. Ficou dois dias aqui em Laranjeiras e aproveitou a viagem para finalmente comprar a casa onde iriam morar no ano seguinte em Brasília. Vimos as fotos do imóvel em seu *laptop*. Era uma bela mansão no Lago Sul de Brasília. Estava felicíssimo.

Dezembro chegou e o Natal com ele. Passamos a noite de 24 em casa na companhia de alguns amigos que convidei para a ceia natalina.

Na manhã do dia 25 minha filha Lys telefonou de *Phi Phi Island* onde já estava com Gianluca, Antonio, Thais e os padrinhos de Gianluca, Pascale, Fabrizio e seu filho Alessandro, dois anos

mais velho que meu neto. Fabrizio trabalhava em Tóquio e viajaram para a Tailândia para, mais uma vez, passarem juntos o fim de ano. Estavam todos muito alegres e felizes desejando um Feliz Natal. Conversei com Lys, Antonio, Thais e Gianluca. Nos despedimos contentes, sem sequer imaginar que aquela seria a última vez que ouviria suas vozes tão amadas.

Com o genro Antonio D´Avola, Lys e Gianluca no caminho para Sperlonga, em Roma



Antonio, Lys, Thais e Gianluca no aterro do Flamengo em julho de 2004

Capítulo XLI

26 de Dezembro de 2004

Acordei às 9 horas da manhã no dia 26 de dezembro de 2004. Era relativamente cedo e fui direto para o computador ver se Lys tinha enviado alguma mensagem. E li sobre o terremoto terrível de 9º na escala Ritcher que tinha acontecido em Sri Lanka, Sudeste Asiático, e que se estendera para a Tailândia, Índia e ilhas da região. O mais forte tremor de terra dos últimos 40 anos.

Desesperada, telefonei para o celular do Antonio, que não respondia. Liguei para o da Thais e soube do *tsunami* com ondas de mais de 10 metros de altura. Ela tinha ficado no hotel porque estava com dor de estômago e fora acordada pelo menino Alessandro que se salvara e só falava numa onda muito grande. Já eram seis e pouco da tarde, hora local, e ela passara o dia procurando pelos pais e pelo irmão, naquela cidadezinha agora completamente destruída. Na busca, dentre os escombros, encontrou o pai do Alessandro, muito ferido e pediu socorro às equipes italianas que tinham chegado para auxiliar no resgate aos feridos. Naquele momento estava indo para o alto da

ilha. Com certeza eles estariam nas colinas onde ela esperava encontrá-los. Os nativos temiam a ocorrência de novos tsunamis.

Rezei muito, pedi a Deus que salvasse minha filha, meu netinho, meu genro, os padrinhos de meu neto. O desespero tomou conta de mim quando liguei a TV, na *CNN*, e vi a extensão da tragédia. Fiquei horas vendo as primeiras fitas que chegavam e que se repetiam sem cessar tentando descobrir, entre tantos, os rostos de meus entes queridos. Rodrigo e Zelinda tentavam me acalmar, mas nada, nenhuma força do mundo conseguia aplacar o desespero em que eu me encontrava.

No dia seguinte, as notícias se espalhavam e o número de mortos aumentava a cada minuto. Diziam que meu genro tinha sido encontrado com vida e levado para algum hospital. Daí a pouco, vi na Internet que minha filha e meu neto tinham sido as vítimas brasileiras da tsunami. Pensei que ia enlouquecer no meu desespero.

Comecei a receber telefonemas com notícias desencontradas. Primeiro, do embaixador Marco Antonio, que já estava em Phuket para resgatar Thais. Ele me falou que continuavam procurando Lys, Gianluca e Antonio. Que eu ficasse calma que eles deveriam estar entre as centenas de feridos mas, por certo, vivos.

O chanceler Celso Amorim telefonou da Europa dando o apoio do governo brasileiro no resgate de minha neta e na busca pela Conselheira Lys e seu marido. Colegas do Itamaraty telefonavam dando força e orando pelo aparecimento de Lys, Gianluca e Antonio. Amigos queridos começaram a chegar à minha casa numa união solidária, para me apoiar e me consolar naquele momento brutal de incerteza e ansiedade. O telefone não parava de tocar. As rádios queriam que eu falasse sobre as notícias trágicas. Eu, tonta pela brutalidade do ocorrido, negava a possibilidade de minha filha estar morta. Eu tinha certeza de que ela estava viva, assim como Gianluca e Antonio.

O MRE me ofereceu passagens para ir à Tailândia. Aceitei imediatamente. Finalmente o embaixador Marco Antonio telefonou comunicando oficialmente que os corpos de Lys e Gianluca tinham sido devolvidos pelo mar. Estavam mortos. Ele sentia muito ter que me dar essa notícia. Lys era mais do que uma colega. Era uma grande amiga e ele estava muito abalado com o que sucedera. Lamentava por toda a família.

Essa confirmação terrível era uma verdade difícil de acreditar. Chorei muito, me desesperei, não sabia o que pensar nem o que fazer.

As emissoras de TV invadiram a portaria do meu edifício. Queriam fotos de meus entes queridos e uma palavra minha. Não tinha condições de descer ou falar sobre a desgraça brutal que arrancara de minha vida a vida de minha filha e neto tão amados. Eu queria morrer, mas a lembrança de minha neta Thais, sozinha no meio daquela desgraça me obrigou a reagir. Mais do que nunca ela iria precisar de mim. Por ela, eu tinha que ser forte e agradeci a Deus por ter poupado a sua vida. Fui amparada pelos amigos e por Luiz Sérgio, meu querido sobrinho médico, que tomava as providências necessárias para que eu resistisse fisicamente àquela tragédia. Minha pressão, normalmente muito boa, tinha subido muito e exigia cuidados imediatos que foram tomados.

Atendi a sugestão dada pelo embaixador Marco Antonio e só segui para Bangkok no dia 27 à noite. Phuket estava congestionada com centenas de corpos sendo devolvidos pelo mar. Ele ia tirar Thais de lá e levá-la para Bangkok onde seria melhor nos encontrarmos. Continuariam procurando por Antonio.

Daisy, Nair e Rodrigo me levaram para o aeroporto. Fui carinhosamente acolhida pelos funcionários da VARIG e segui para Bangkok com escala em Frankfurt. Lá me esperava o cônsul

geral, embaixador Renato Prado Guimarães e a oficial de chancelaria Ana Cristina Viana Reis. Minha pressão continuava muito alta e a embaixatriz Betina, que era médica, trouxe mais remédios para que eu melhorasse. Minha cabeça doía muito.

Cheguei a Bangkok e sabia que minha filha e meu neto não mais estariam me esperando, como sempre fizeram. Fiquei soluçando, sozinha, num canto do aeroporto. Algum tempo depois, Thais chegou com Rafael, seu namorado, a esposa do ministro e a secretária da Lys, a oficial de chancelaria, Ivone. Fiquei hospedada na casa de Ivone.

Márcia e Fred foram também para Bangkok e ficaram alguns dias conosco, hospedados num hotel perto de casa. A imensa dor foi compartilhada por todos.

O presidente Lula, embaixadores de várias nações, funcionários e colegas do corpo diplomático mandavam condolências solidarizando-se com a tragédia que nos atingiu tão brutalmente.

Eu queria ver minha filha e meu neto, mas não deixaram. Diziam que os corpos estavam no Instituto Médico Legal e que não tinham sido liberados. E foi assim até o dia do embarque

quando vi, na frente da gaveta do contêiner de cada um as fotos tiradas quando os corpos foram devolvidos pelo mar. Quase irreconhecíveis. Foi um dos momentos mais dramáticos que vivi em toda a minha vida. De longe, vi colocarem os corpos tão amados de minha filha querida e meu netinho amoroso, nos caixões de madeira, hermeticamente fechados depois, para a longa viagem de volta ao Brasil. Chegamos ao Rio de Janeiro, Thais e eu, no dia 8 de janeiro para levá-los ao cemitério.

Capítulo XLII

A Dor que Não tem Remédio

Somente nesses momentos de imensa dor, sentimos verdadeiramente o quão concreta é a morte. Durante o velório, os dois caixões contendo os corpos sem vida de seres tão amados, representavam para mim, mãe e avó, a desleal e injusta inversão da ordem natural da vida. Porquê, meu Deus? Por quê???

Eu me sentia esvaziada, oca, perdida no meio daquela multidão amorosa que compareceu ao cemitério e que me abraçava, chorava e rezava tentando me consolar. Procurei manter-me digna da filha que gerei, que tanto amei e continuo a amar, de quem sempre me orgulhei, que nunca me abandonou, mesmo quando estava longe de mim.

Rodrigo permaneceu a meu lado, sem me deixar nem por um minuto amparando-me com seu afeto, mais ainda quando os caixões foram levados para o leito final.

Hoje, depois de toda a desgraça que aconteceu na minha vida, não sei o que seria de mim sem o apoio amoroso que tive deste filho tão desejado, que veio ao mundo para me acompanhar na travessia dolorosa pela qual teria que passar.

Antônio, Lys, Gianluca e Theresa em Tóquio

Jamais esquecerei o apoio que tive de tantos amigos que moram no Rio de Janeiro, ou que estavam em outros Estados ou em outros países por meio de telegramas e telefonemas que me deram durante muito tempo e que estão guardados para sempre em meu coração.

Sempre digo que Deus, em Sua infinita sabedoria – mesmo que muitas vezes não compreendamos Suas Divinas razões – foi muito bom para mim durante toda a minha vida.

Vivi 39 anos com um homem maravilhoso com quem sempre fui muito feliz. Tive filhos sadios, amorosos, independentes e corretos. Netos saudáveis e estudiosos a quem amei e amo muito.

Minha mãe, foi uma mulher extraordinária que lutou bravamente para nos criar com dignidade e encaminhar sua imensa família. Eu sempre a amei e amo até hoje.

Durante 20 anos minha filha Lys viajou a trabalho, pelo mundo, comunicando-se comigo de todo os lugares onde estava, vindo ao meu encontro quando possível, solícita e amorosa como sempre.

Para me confortar, imagino que desde sempre fui sendo preparada por Deus para esta longa e

inesperada separação. Sempre que pude fiquei a seu lado indo visitá-la em qualquer canto do mundo onde estivesse. Então, para me consolar, penso que agora ela está fazendo uma viagem mais longa e que breve irei, como sempre fui, ao seu encontro. E ficaremos juntas para sempre.

Consegui conquistar alguns amigos verdadeiros e solícitos a quem sou eternamente grata pelo conforto que me deram em momento tão difícil de minha vida.

Capítulo XLIII

Um Mês Depois da Tragédia

Após a missa realizada em Brasília pelo MRE um mês depois da tragédia, soube pelo dr. Léo David advogado de minha filha e agora de minha neta, que a pensão deixada por minha filha para Thais, terminaria no dia 25 de julho de 2005, data em que ela completaria 21 anos. A lei tinha mudado e não amparava mais, até os 24 anos, os órfãos que estivessem estudando, como rezava a lei anterior. Fiquei desesperada.

Escrevi uma carta ao presidente da República e ao chanceler Celso Amorim, pedindo que o governo brasileiro não abandonasse Thais, a filha da Conselheira Lys Amayo D´Avola, diplomata de carreira, com 20 anos de um excelente trabalho realizado para nossa Nação. Thais era a única sobrevivente brasileira de um cataclismo brutal. Que fosse levado em conta a excepcionalidade da catástrofe responsável pela destruição de cidades inteiras, pela morte injusta de quase 300 mil pessoas e pela destruição do núcleo familiar da estudante Thais Amayo Lopes.

Infelizmente, a resposta, extremamente gentil, que recebi do chefe do Gabinete Pessoal do presidente da República, Gilberto Carvalho, negava o pedido.

A ADB (Associação dos Diplomatas Brasileiros) dedicou a edição do Boletim de janeiro, fevereiro e março de 2005, à Conselheira Lys, a vítima da tsunami, juntamente com seu filho de 10 anos, Gianluca. A matéria de capa da edição intitulada *Saudades, Lys Amayo* reabria a discussão sobre solidariedade e diplomacia.

No dia 1º de setembro de 2005, o Conselho da Ordem do Rio Branco admitiu, postumamente na Ordem, no grau de oficial, a Conselheira Lys Amayo de B. Lopes. Fui convidada para receber as insígnias e o respectivo diploma das mãos do presidente da República, em Brasília. Por minha filha, aceitei o convite.

Recebendo a Ordem do Rio Branco, em memória de sua filha Lys, das mãos do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Ao fundo o chanceler Celso Amorim

Capítulo XLIV

Um Ano Depois dos Tsunamis

Um ano após a tragédia, a data foi lembrada com tristeza e respeito em vários países que perderam centenas de seus filhos: Itália, Noruega, Suíça, Inglaterra, Dinamarca, Holanda, Suécia, América do Norte, Tailândia, Indonésia, Índia e tantos ilhéus tragados pelas ondas gigantes. A população londrina parou, em determinada hora, fazendo um minuto de silêncio em homenagem às vítimas de 26 de dezembro de 2004.

Na Tailândia, foram realizadas, durante três dias, grandes cerimônias religiosas em homenagem aos que morreram e em agradecimento às nações e voluntários que ajudaram aquele país, depois da catástrofe.

Foi erguido um Memorial da Tsunami, em Phuket, com os nomes de todas as vítimas da tragédia. O governo tailandês convidou-nos, a mim e a minha neta, para participar das homenagens, com todas as despesas pagas. Porém, declinamos do convite. Não tínhamos condições psicológicas para esse retorno.

O Patana School, colégio onde Gianluca estudava, também não esqueceu a tragédia que atingiu

Lys, Gianluca e os pais de Antônio, Gero e Pina

um de seus alunos e sua família, nos informando, por meio da embaixada em Bangkok sobre a colocação de *a plaque to Lys Amayo D'Avola and her family in the Memorial Garden of Patana School,* por meio de uma emocionada carta da diretora da instituição, Ms. Mary Kate Brown.

A mídia brasileira, rádios, jornais e TV também se manifestaram sobre a data terrível e suas possíveis consequências para o planeta Terra. Todas, nacionais e estrangeiras, cada uma a seu modo, se juntaram para lembrar a catástrofe que ceifou milhares de vidas, destruindo cidades inteiras. Muitas delas, como a Índia e Sri Lanka, continuaram e continuam recebendo abalos sísmicos, cada vez mais apavorantes.

Marquei a missa de um ano em nossa paróquia. Soube que o Itamaraty realizaria esse ato religioso em janeiro, após o recesso do Natal e Ano Novo. Não sei se foi realizado. Não recebi nenhum aviso.

A santa missa foi celebrada, com muita emoção, pelo clérigo da paróquia Nossa Senhora da Glória. A infinita e resignada saudade dos filhos queridos foi compartilhada por todos os presentes, colegas de infância de minha filha, colegas do Itamaraty, representantes

oficiais do MRE, do ERE Rio, parentes, amigos queridos, vizinhos, conhecidos e desconhecidos, que lotaram completamente a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Glória, do Largo do Machado.

Capítulo XLV

Antonio D´Avola

Antonio foi identificado, quase quatro meses depois da tragédia, por Thais que, amadurecida pela dor, valente e decidida, retornou como voluntária a Bangkok e Phuket para achar seu pai.

Ela o reconheceu por duas fotos do que restou de Antonio, quando seu corpo foi devolvido pelo mar, em outra ilha, Krebi: a *t-shirt* brasileira que ele estava usando onde, ao lado de dois peixinhos, estava escrito *Viva e deixe viver*, o relógio que Lys lhe tinha dado de presente no pulso e a aliança de casamento, na mão esquerda. Os exames de DNA confirmaram a identificação.

A embaixada Italiana e a Farnesina, alertadas por Thais, providenciaram o translado imediato dos restos mortais de Antonio para a Itália onde foi enterrado na quinta-feira santa de 2005, em Veletri, Roma, onde moram seus pais, Pina e Gero.

Agradeço a Deus pela força que tirei de minhas entranhas, força que não sabia existir dentro de mim, para conseguir suportar o que vivi desde o momento em que soube do terremoto e das

ondas gigantes, até a confirmação dos óbitos. Dentro da imensa tragédia que se abateu sobre mim, procurei manter-me digna da filha que gerei e criei com tanto amor.

A certeza da presença divina se manifestou também pela solidariedade de amigos, de conhecidos e desconhecidos e pela onda de Amor que uniu todos os povos que assistiram, em tempo real, à desgraça que ceifou a vida de tantos inocentes. A infinita fé que tenho nos desígnios de Deus e a necessidade premente de compreender esses desígnios me levou a perceber com clareza que nascemos com um destino traçado e que esse destino, na pulsação que chamamos vida, tem que prosseguir sua marcha até que se cumpra a missão que nos trouxe a esta passagem terrena. As informações transmitidas pela mídia no momento do fato mostrou o lado solidário da globalização que irmanou a humanidade para ajudar, não apenas na reconstrução do que tinha sido destruído, mas também para ajudar os feridos e apoiar psicologicamente as famílias que restaram.

Capítulo XLVI

Retornando ao Trabalho

Pouco a pouco, o tempo foi me ajudando a conviver com a dor da grande perda e senti que, mais do que nunca, eu precisava trabalhar. Somente o trabalho pode nos dar energia e força para suportar dores violentas.

O trabalho artístico que inúmeras vezes solicitei a tantos sem ser atendida, me foi oferecido naquele momento tão terrível pelo querido colega Gracindo Junior.

Gracindo me convidou para substituir Débora Duarte na comédia *Liberdade para as Borboletas*, que excursionava pelo Sul. Aceitei. Foi um grande desafio que, além de amenizar meu sofrimento, me daria a oportunidade de trabalhar ao lado da nova e brilhante geração de jovens atores, nesse caso representados por Tais Araújo e Caio Blat. A direção era do Gracindo que tinha como assistente o talentoso Daniel Dias da Silva. A produção era da Chaim Produções. Fiz muito bem os poucos espetáculos que restavam da excursão e recebi na viagem o apoio e o carinho de Tais, Caio, Daniel e da equipe com quem viajamos.

Pouco depois, Daniel Dias da Silva me convidou para dividir com Suely Franco a personagem He-

lena, do clássico brasileiro *A Moratória*, de Jorge Andrade que estrearia no Centro Cultural da Justiça Federal, na Cinelândia. Faziam parte do elenco Wylmar Amaral, Fernanda Guimarães, Gabriel Gracindo, Suzana Saldanha e Leonardo Netto.

Alguns anos antes, já tinha trabalhado na *A Moratória* no Teatro Sesi ao lado de Leonardo Villar, Gláucia Rodrigues, Amélia Bittencourt, Edmundo Lippi e Silvio Kavinski. Naquela montagem fiz a rica tia Elvira e nesta outra faria a fortaleza moral representada pela empobrecida mãe Helena. Foram dois trabalhos que adorei fazer.

Maria Pompeu, por quem tenho grande carinho apesar de não sermos íntimas amigas, tinha comprado os direitos e traduzido uma peça argentina com três personagens. Convidou-me para trabalhar com ela. Li a peça, achei a história interessante e aceitei o convite. Eram duas mulheres e um homem, nós duas e Carlos Alberto. Fizemos uma leitura e Maria, com a energia de sempre, começou a árdua luta de cavar um patrocínio. No final de um ano acabou desistindo por uns tempos. Um dia ela me telefonou para perguntar se eu ainda estaria disposta s fazer a peça. Respondi que sim e ela fez o mesmo com o Carlos Alberto. Deixou um recado na secretária eletrônica e ficou aguardando o telefonema dele. Dias depois a mulher do Carlos Alberto retornou a ligação e, muito constrangida, infor-

mou que no dia seguinte seria a missa de 7º dia do Carlos Alberto. Que a pedido dele, como sua última vontade, ninguém deveria ser informado sobre seu estado de saúde nem sobre sua morte antes do 7º dia. Ela estava dando o retorno porque os sete dias estavam terminando e o anúncio da missa sairia no dia seguinte, conforme ele tinha decidido. Foi um choque para toda a classe e, certamente para o público que o admirava muito. Carlos Alberto foi um colega excelente, educadíssimo, muito bonito, um excelente profissional e o inesquecível personagem da novela *Eu compro essa mulher.*

Depois disso, Maria acabou desistindo dessa peça, dada a dificuldade de conseguir um ator de meia idade que estivesse livre e tivesse as características exigidas pelo texto.

No dia 5 de maio de 2007, dois dias depois do aniversário de minha filha Lys, repentinamente senti uma dor muito forte na mandíbula que começou a se espalhar pelo meu pescoço. Senti um mal-estar geral acompanhado de um suor gelado. Imediatamente percebi que se tratava de um infarto. Recebi os primeiros socorros no hospital situado ao lado de nossa casa e de lá, com a chegada da ambulância solicitada por meu filho, fui levada para o hemocentro do Cardio Trauma, de Ipanema, onde fui anestesiada e operada. Após a angioplastia e a colocação de

um *stent* na minha coronária fiquei no CTI por alguns dias. Depois voltei para casa um pouco assustada com a minha nova condição de cardiopata, mas sã e salva pelo gongo.

Em novembro de 2007, na Semana da Língua Italiana no Mundo, me foi entregue pelo cônsul Massimo Bellelli e em memória de minha filha Lys, o diploma e a condecoração da Ordem do Mérito da República Italiana, honraria ofertada pela Itália à conselheira Lys Amayo de Benedek D´Avola como reconhecimento pelos excelentes trabalhos diplomáticos realizados por ela quando servia na Embaixada do Brasil em Roma. A lenta e burocrática confecção das comendas e do diploma impediu que minha filha recebesse essa homenagem pessoalmente.

Maria Pompeu encontrou outra peça, dessa vez brasileira, com três personagens femininos escrita pela Jandira Martini. Chamava-se *A Vida é uma Opera.* Li e amei o texto. Para fazer o personagem Tonica, aceitei trabalhar sem patrocínio e em cooperativa numa produção muito pobre, mas eficiente. Sob a direção de Dudu Sandroni, fizemos cinco espetáculos sob o patrocínio da Secretaria de Cultura em escolas públicas de Angra dos Reis, Parati e Campo Grande antes da estréia no Teatro Gláucio Gill, em Copacabana. O contrato com o Gláucio Gill era de dois meses, de dezembro de 2007 a janeiro de 2008.

Como Tonica, na peça A Vida é Uma Ópera*, de Jandira Martini, em 2007-2008. Direção de Dudu Sandrom*

Ainda em 2008 fui convidada pelo ator e diretor Milton Gonçalves para a leitura do *Réquiem para uma Negra*, de William Faulkner, num evento em homenagem ao talento inquestionável da querida atriz Ruth de Souza. Fiz com imenso prazer a leitura da personagem Temple Gowen para uma casa lotada não apenas do público normal, mas de atores e autoridades da esfera municipal e federal. A leitura foi feita no Centro Cultural da Justiça Federal sob os auspícios do Sindicato dos Atores e da Casa dos Artistas.

Com Aracy Cardoso, Ida Gomes, Ruth de Souza, Daisy Lucidi, Maria Pompeu, Eva Todor e Suzana Faini no almoço natalício de Eva

Capítulo XLVII

Não Podemos Esquecer

Não sei se era tudo isto que eu pretendia escrever. Mas, com toda certeza, resgato aqui o nome e o trabalho de extraordinários profissionais da arte de representar que dedicaram suas vidas à construção da cultura nacional e cujos nomes não podem cair no esquecimento. A eles dou aqui o meu APLAUSO, e, com certeza, este é o mérito maior desta coleção. Muitos de nós sofremos com o preconceito. Particularmente vivi a discriminação e o preconceito sob todas as suas formas, mas especialmente por ser atriz e, num momento da minha vida, por ser uma mulher desquitada. Por isso, nestas lembranças quero deixar patente minha eterna gratidão às famílias sem as quais eu não teria existido e sobrevivido : à da classe teatral que me adotou no criativo mundo da ficção e aos Guichard, aos Amayo, aos Brasini e aos D´Avola famílias que me amaram e das quais eclodi para o mundo da realidade.

Creio que este trabalho também é um ato de gratidão a essa Luz Divina de Amor, que chamamos Deus, pela vivência maravilhosa que Ele me permitiu ter podido usufruir e retribuir, com o amor que dediquei à minha família, aos meus colegas, aos amigos e à comunidade onde moro.

Além do mais, a perda brutal que sofri me dá o direito de não deixar de reforçar a denúncia de

que o mundo em que vivemos corre perigo e os sinais desse perigo são evidentes a cada novo ano que chega, a cada mudança de estação. Estamos assistindo, com resignada impotência, às enchentes brutais que invadem nossos lares, aos furacões devastadores, ao degelo dos polos, à desertificação do planeta, ao buraco do ozônio, ao efeito estufa!!!

Temos que fazer alguma coisa para impedir novas tragédias, talvez ainda mais terríveis que aquela que o mundo viveu no dia 26 de dezembro de 2004, que alterou o eixo da terra, que partiu ao meio uma ilha-Estado e que levou de um só golpe minha família e quase 300 mil inocentes.

Porque ela, a vida, continua. Temos que vivê-la integralmente, sem permitir que nossa dor se transforme em melancolia e desânimo. Muito pelo contrário, a dor que nos foi provocada deve ser enfrentada e investigada em suas raízes mais profundas. O futuro assim o exige. Temos que ser fortes e prosseguir. Viver é lutar. Sempre.

Theresa Amayo
Rio de Janeiro, 2008

Montagem de fotos de Theresa Amayo

Cronologia

Cinema

1952

• ***Perdidos de Amor*** - Direção: Eurídes Ramos; Com Fada Santoro, Dick Farney, Theresa Amayo, Antônio Spina, Miriam Carmen, Carlos Cotrim.

1953

• ***Santa de Um Louco*** (1953) – Direção: George Dusek; Com Ângela Fernandes, Jardel Filho, Roberto Bataglin, Theresa Amayo, Antônio Carlos, Angelo Caetano, Nicolai Jartulary, Angelo Lauro e Hercília Legay.

1954

• ***O Diamante*** - Direção: Eurídes Ramos; Com Anselmo Duarte, Lídia Matos, Gilberto Martinho, Theresa Amayo, José Policena, Sady Cabral, Jackson de Souza, Carlos Duval, Rodolfo Arena, Armando Braga, Armando Rosas, Costinha, Grijó Sobrinho, Cleonir Santos.

1955

• ***Fuzileiro do Amor*** – Direção: Eurídes Ramos; com Mazzaropi, Theresa Amayo, Roberto Duval, Pedro Dias, Gilberto Martinho, Wilson Grey, Daniel Filho, Francisco Dantas, Nazareth Mendes, Ingrid Frichtner, Agildo Ribeiro, Alberto Pérez,

Francisco Colonese, Mario Campioli Jr., Moacyr Deriquém, Nick Nicola, Pato Preto, Ricardo Luna, Domingos Terra, João Péricles, Hélio Ansaldo, María Belmar, Luiz de Barros, Ângela Maria, Margot Morel, Banda dos Fuzileiros Navais.

1957

• ***Força do Amor*** – Filme inacabado; Com Antônio Carlos e Theresa Amayo.

1958

• ***Na Corda Bamba*** – Direção: Eurídes Ramos; Com Waldemar Seyssel (Arrelia), Zé Trindade, Ema D'Ávila, Roberto Duval, Íris Delmar, Wilson Grey, Theresa Amayo, Moacir Deriquén, Solange França, Benito Rodrigues, Marilene Silva, Rodolfo Arena, Grijó Sobrinho, Lélia Verbena, Ferreira Leite, João Péricles, Elizete Cardoso, Monsuelo Menezes, Walter D'Ávila e suas melindrosas.

1958

• ***O Barbeiro que se Vira*** – Lili. Direção: Eurídes Ramos; Com Waldemar Seyssel (Arrelia), Eliana Macedo, Paulo Goulart, Ambrósio Fregolente, Carlos Tovar, Theresa Amayo, Berta Loran, Grace Moema, Roberto Duval, Jackson de Souza, Alfredo Viviani, Ferreira Leite, Armando Nascimento, Pato Preto, Domingos Terra, Palmeirim Silva, Grijó Sobrinho, Walter Sequeira, Amadeu Celestino, Altair Vilar, Wilson Grey, Branca Rosa,

Dalva Barbosa, Elza Lobato, Neide Martins, Suely Toscano, João Macedo, Nicolino Cupelo, Trio Nagô e Jorge Goulart.

1959

• ***O Camelô da Rua Larga*** – Direção: Eurídes Ramos; Com Zé Trindade, Maria Vidal, Nancy Wanderley, Zezé Macedo, Renato Restier, Humberto Catalano, Mara di Carlo, Allan Lima, Armando Nascimento, Rodolfo Arena, Rosa Sandrini, Agnaldo Rocha, Virgínia Moreira, Rafael Pellegrini, Miriam, Virgínia da Conceição, João Péricles, Wilson Grey, Theresa Amayo, Grace Moema, Maysa, Julie Joy, Nelson Gonçalves, Eloina.

1960

• ***Eu Sou o Tal*** - Direção: Eurídes Ramos; Com Vagareza, Jorge Murad, Mara di Carlo, Daniel Filho, Valença Filho, Dilma Cunha, Marlene Barros, Jurema Magalhães, Grace Moema, Pedro Dias, Farnetto, Carlos Costa, Aguinaldo Rocha, Nancy Wanderley, Francisco Anizio, Magalhães Graça, Terezinha Amayo, Herval Rossano, Francisco Dantas, Ariel Misiara, Rodolfo Arena, Armando Rosas, Siwa, Paulo Celestino, Angelito Mello, Wilson Grey, Moacyr Deriquém, Nena Napoli, Zélia Guimarães, Martim Francisco, Alberico Bruno, Almeidinha, Heitor Dias, Grijó Sobrinho, Roberto Piola.

1990

• ***Viagem de Volta*** - Direção: Emiliano Ribeiro; Com Clarice Niskier, Theresa Amayo e Anselmo Vasconcelos.

Montagem de fotos de Theresa Amayo

Teatro

1950

• ***As Meninas Barranco***, de Gregório Laferrere. Direção: Jorge Diniz; com Conchita de Moraes, Odilon Azevedo, Suzana Negri, Beyla Genauer, Theresa Amayo, Ninon Valdez, Edi Castro, Roberto Duval, Armando Rosas, Sonia Ketter, José Carlos, José Lopes e Jorge Diniz. (Cia. Dulcina - Odilon).

1951

• ***Ninotschka***, de Melchior Lengyel. Direção: Dulcina de Moraes. Tradução: Raimundo Magalhães Junior; com Conchita de Moraes e Odilon Azevedo, Narto Lanza, Theresa Amayo, Dary Reis e Dinorah Marzulo. (Cia. Dulcina - Odilon).

1951

• ***Irene***, de Pedro Bloch. Direção: Dulcina; Com Conchita de Moraes, Theresa Amayo, Narto Lanza, Odilon, Dinorah Marzullo Pêra e Dary Reis. (Cia. Dulcina - Odilon).

1952

• ***As Bruxas Já Foram Meninas***, de César Borba. Direção: Esthér Leão. Com Narto Lanza, Theresa Amayo, Ribeiro Fortes, Antônia Marzullo, Sarah Nobre e Samaritana Santos. (Cia. Sarah e César).

Montagem de capas de programas de Teatro

1954

• ***Daqui não Saio***, de Raymond Vincy e Jean Calmy. Direção: Henriette Morineau; Com Henriette Morineau, Francisco Dantas, Reneé Bell, Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Cilo Costa e Theresa Amayo. São Paulo. (Cia. Artistas Unidos).

1954

• ***Mulheres Feias***, de Achille Saitta. Direção: Henriette Morineau; Com Fernanda Montenegro, Theresa Amayo, Henriette Morineau, Cilo Costa e Francisco Dantas. São Paulo. (Cia. Artistas Unidos).

1954

• ***Jezebel***, de Jean Anoilh. Direção: Henriette Morineau; Com Henriette Morineau, Cilo Costa, Theresa Amayo e Francisco Dantas . São Paulo. (Cia. Artistas Unidos).

1954

• ***A Cegonha se Diverte***, de André Roussin. Direção: Henriette Morineau; Com Henriette Morineau, Francisco Dantas, Reneé Bell, Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Cilo Costa e Theresa Amayo. São Paulo. (Cia. Artistas Unidos).

1955

• ***Um Cravo na Lapela***, de Pedro Bloch. Direção: Henriette Morineau; Com Armando Braga,

Cilo Costa, Judite Vargas, Sara Dartus, Theresa Amayo, Henriette Morineau, Laura Suarez e Oscar Felipe. (Cia. Artistas Unidos).

1957

• ***Loucuras de Mamãe***, de Jota Gama; com Henriette Morineau, Laura Soarez, Adriano Reis e grande elenco.

1957

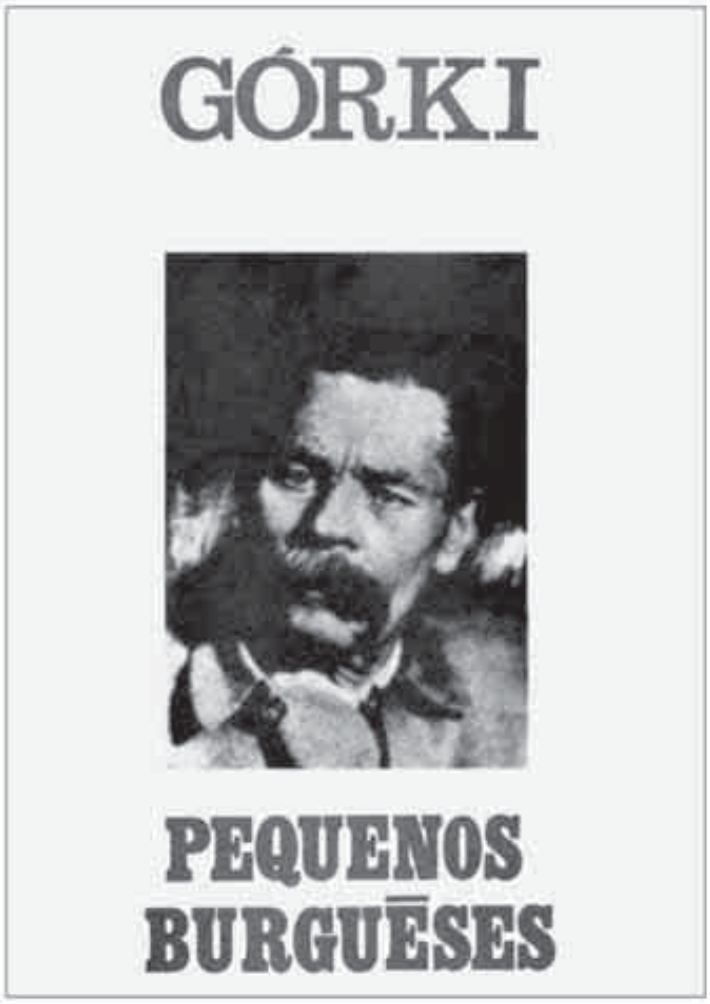
• ***É do Amor que se Trata***, de Jean Anouill. Direção: Caetano Luca de Tena; Com Vilaret (substituido depois por Mário Brasini), Laura Soarez, Henriette Morineau, Delorges Caminha, Maria Pompeu, Adriano Reis e Theresa Amayo. (Cia. Artistas Unidos).

1958

• ***À Margem da Vida***, de Tenesse Willians. Direção: Cateano Luca de Tena; Com Henriette Morineau, Adriano Reis, Theresa Amayo e Paulo Araújo. (Cia. Artistas Unidos).

1962

• ***Três em Lua-de-Mel***, de Henrique Santa e Ribeirinho. Direção: Floriano Faissal; com Rodolfo Mayer, Daisy Lucidi, André Villon, Iara Cortez, Theresa Amayo, Manuel Pêra e Aguines Fontoura. (Cia. André Villon - Floriano Faissal).



Montagem de capas de programas de teatro

1964

• ***O Rapto das Cebolinhas***, de Maria Clara Machado. Direção: Mário Brasini; com Luis Carlos, Marcos Lander, Mario Brasini, Theresa Amayo, Wanda Lúcia e Agostinho de Oliveira. (Cia. Teatro Permanente de Brasília).

1964

• ***Um Raio de Sol***, de Berreti. Direção: Mário Brasini; com Mario Brasini, Theresa Amayo e outros. (Cia. Teatro Permanente de Brasília).

1964

• ***Divórcio***, de Clemente Dane. Direção: Mário Brasini; com o elenco do Teatro Permanente de Brasília. (Cia. Teatro Permanente de Brasília).

1964

• ***O Noviço***, de Martins Pena. Direção: Mário Brasini; com o elenco do Teatro Permanente de Brasília. (Cia. Teatro Permanente de Brasília).

1964

• ***As Inocentes do Leblon***, de Barrilet e Gredy. Adaptação e direção: Sergio Viotti; com Leina Crespi, Margot Baird, Theresa Amayo e Dorival Carper. (Cia. Antonio de Cabo).

1965

• ***A Guerra Mais ou Menos Santa***, de Mario Brasini. Direção: Pernambuco de Oliveira; com

Elsa Gomes, Antonio Patinho, Lafaete Galvão, Grace Moema, Theresa Amayo, Martin Francisco e Beatriz Veiga. Peça de inauguração do Teatro Princesa Isabel – RJ).

1965

• ***Seis Personagens à Procura de Autor***, de Pirandelo. Direção: Carlos Kroeber; com Tônia Carrero, Paulo Autran, Mario Brasini, Monah Delacy, Dirce Migliaccio, Souza Lima, Theresa Amayo e Benedito Corsi. (Cia. Tônia Carreiro – Paulo Autran, em Portugal).

1966

• ***As Inocentes do Leblon*** , de Barrilet e Gredy. Adaptação e direção: Sergio Viotti; com Leina Crespi, Norma Blum, Theresa Amayo, Luis Carlos Parreira, Moacyr Deriquém e .... (Cia. Antonio de Cabo- Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo).

1966

• ***Pindura Saia***, de Graça Melo. Direção: Graça Mello; com Milton Moraes, Irene Ravache, Theresa Amayo e grande elenco. (Cia. Graça Mello).

1968

• ***Irma la Douce***, de Alexandre Breffort, musicada por Marguerite Monnot. Direção: Antonio

de Cabo; com Theresa Amayo, Cécil Thiré, Magalhães Graça e Carlos Koppa. (musical – Cia. Antônio de Cabo).

1969

• ***Pepsi – Adultério Adulterado***. Direção: Léo Jusi; com Theresa Amayo, Paulo Araújo, Arthur Costa Filho, Sônia Maria e Maurício Barroso. (Teatro Santa Rosa).

1970

• ***A Teia de Aranha***, de Agatha Christie. Direção: Antonio de Cabo; com Antonio Patinho, Labanca, Theresa Amayo, Beatriz Lyra, Almir Telles, Roberto Meira, Nelson Caruso, Célio Coutinho e Jorge Cherques (Cia. Antonio de Cabo).

1971

• ***Um Vizinho em Nossas Vidas***, de Françoise Dorin. Adaptação: Sérgio Viotti. Direção: Dulcina de Moraes; com Dulcina, Daisy Lucidi, Sergio Viotti e Theresa Amayo. (Cia. Amayo - Brasini).

1976

• ***Pequenos Burgueses***, de Maximo Gorki. Direção: Renato Borghi; com Etty Fraser, Raul Cortez, Renato Borghi, Abraão Farc, Luis Carlos Ricceli, Theresa Amayo, Esthér Góes, Chico Martins, Beatriz Berghi e Elias Andreato. (Teatro Vivo/ Etty Fraser & Chico Martins – SP).

Montagem de capas de programas de teatro

1979

• ***Aqui e Agora***, de Mário Brasini. Direção: Cecil Thiré; com André Villon, Theresa Amayo e Mário Brasini. (Cia. Jorge Ayer).

2003

• ***A Moratória***, de Jorge Andrade. Direção: Sidnei Cruz; com Leonardo Vilar, Amélia Bittencourt, Gláucia Rodrigues, Edmundo Lippi, Silvio Kaviski e Theresa Amayo.

2005

• ***Liberdade para as borboletas***, de Gershe. Direção de Gracindo Junior; Theresa Amayo, substituindo Débora Duarte, Taís Araújo, Caio Blat e Pablo Falcão.

2006

• ***A Moratória***, de Jorge Andrade. Direção: Daniel Dias da Silva; com Suely Franco, Theresa Amayo, Wilmar Amaral, Gabriel Gracindo, Fernanda Guimarães, Susana Saldanha, Susana Faini e Leonardo Neto.

2008

• ***A Vida é uma Ópera***, texto de Jandira Martini. Direção: Dudu Sandroni; Com Theresa Amayo, Maria Pompeu e Manuella Machado.

Televisão

TV Tupi (Rio de Janeiro)

1953
• ***Histórias do Teatro Universal***
Teleteatro semanal dirigido por Chianca de Garcia.

1954
• ***As Quatro Irmãs – Meg***; Direção: Mário Provenzano; com Jacy Campos e Theresa Amayo.

1955
• ***Maria Cristina***. Direção: Mário Provenzano; Com Paulo Porto e Theresa Amayo.

1956
• ***Grande Teatro Tupi***
Teleteatro semanal, às segundas-feiras, idealizado pelo ator e diretor Sérgio Britto, dirigido por Carlos Lage.

1956
• ***Teatrinho Trol*** ou ***Vesperal Trol***
Programa infantil idealizado e dirigido por Fábio Sabag; Com Norma Blum, Theresa Amayo, Silvia Murgel, Iris Bruzzi, Neyde Aparecida, Zilka Salaberry, Paulo Padilha, Antonio Ganzarolli, Oscar Filipe e grande elenco.

Montagem de capas de revistas

1956

• ***Câmera Um***

Teleteatro de Jacy Campos, com Daniel Filho, Herval Rossano, Theresa Amayo e grande elenco.

1958

• ***Sétimo Céu***

Novela de Austin Strong, com Henrique Canales, Older Cazarré, Odilon del Grande, Theresa Amayo, Oswaldo de Souza, Norah Fontes, Paulo Goulart, Romano Luiz, Carmen Marinho, Miriam Mehler, J. Nogueira, Douglas Oliveira, Araken Saldanha, Marisa Sanches entre outros.

1958

• ***Teatro de Romance***

Teleteatro semanal com Paulo Porto, Alberto Perez, Theresa Amayo e grande elenco.

1959

• ***Trágica Mentira***

Telenovela dirigida por Paulo Porto, com Theresa Amayo, Nair Amorim, Norma de Andrade, Yoná Magalhães, Alberto Pérez, Paulo Porto, Herval Rossano e Jece Valadão.

1960

• ***Minha Mulher é um Anjo***

Série semanal escrita por Ilza Silveira; Com Theresa Amayo e Paulo Araújo.

1963/1964

• ***Teatro de Equipe***

Programa semanal, aos domingos, dirigido por uma equipe de diretores, entre eles: Heloisa Helena, Paulo Porto, Maurício Sherman e Alberto Perez; com grande elenco.

1964

• ***Clube dos Morcegos***

Teleteatro semanal dirigido por João Loredo. Com grande elenco.

1964

• ***Teatro de Comédia***

Teleteatro semanal, aos sábados, dirigido por Maurício Sherman. Com grande elenco.

1966

• ***Senhora***, novela baseada na obra de José de Alencar. Direção: Maurício Sherman; com Milton Moraes, Theresa Amayo e grande elenco.

1970

• ***E nós, aonde vamos? – Alice***

Novela de Glória Magadan. Direção de Sérgio Britto, Mário Brasini e Hilton Marques

Supervisão de Mário Brasini; com Leila Diniz, Geraldo Del Rey, Márcia de Windsor, Roberto Pirillo, Theresa Amayo, Neide Aparecida, Yara Amaral, Marieta Severo, Jorge Dória, Ítalo Rossi,

Isabel Tereza, Adriano Reys, Gracindo Júnior, Eva Todor, Alberto Perez, Lourdes Mayer, Nazaré Pereira e Fernanda Simões.

TV Rio

1956
• ***Teatro Moinho de Ouro***
Teleteatro de Vitor Berbara, com grande elenco.

1957
• ***Estúdio A***
Teleteatro de Carla Civelli, com grande elenco.

1958
• Histórias da Vovó Neve
Programa infanto-juvenil.

1963
• ***Porto dos Sete Destinos***, telenovela.

TV Continental

1959 - 1962
• Teledramas, direção de José Misiara e Antonino Seabra.
• ***Teatro de Ontem***, direção de Jackson de Souza.
• ***Teatro de Aventura***, direção de Jardel Mello.
• ***Teleteatro das Quartas-feiras***, direção de Egídio Eccio.

Montagem de capas de revistas

• ***Isto é História***, direção de José Misiara.
• ***O Mundo é das Mulheres***, direção de Walter Forster.
• ***Intimidade***, direção de Walter Forster.
• ***O Marido da Estrela***, direção de Mário Brasini.

TV Rádio Nacional de Brasília

1963-1964
• ***Teledramas***, direção de Mário Brasini.
• ***Clube da Priminha***, Programa infantil, com Theresa Amayo.

TV Globo

1966
• ***O Rei dos Ciganos*** – Svetlana
Telenovela de Moysés Weltman, dirigida por Ziembinski; com Carlos Alberto, Sônia Clara, André Villon, Conde Fernando Racozy, Jayme Barcellos, Riva Blanche, Baronesa Von Grauben, Theresa Amayo, Renata Fronzi, Rubens de Falco, Ziembinski, José de Arimathéa, Eduardo Maciel e Luís Carlos de Moraes.

1967
• ***A Rainha Louca*** – Maria de las Merces
Telenovela de Glória Magadan, baseada no romance *Memórias de um médico* de Alexandre Dumas, e dirigida por Ziembinski e Daniel

Filho; com Nathália Timberg, Rubens de Falco, Amilton Fernandes, Cláudio Marzo, Theresa Amayo, Paulo Gracindo, Zilka Salaberry, Leila Diniz, Adriana Prieto, Carlos Eduardo Dolabella, Cléa Simões, Gracindo Júnior, Ida Gomes, Jaime Barcelos, José Augusto Branco, Karin Rodrigues, Leina Krespi, Nildo Parente, Paulo Araújo, Ziembinski, Celso Marques, Diana Morel, Paulo Padilha e Walter Mattesco.

1967/68

• ***Sangue e Areia*** – Pilar de Alarcon

Telenovela baseada no romance homônimo de Vicente Blasco Ibañez, foi escrita por Janete Clair e dirigida por Daniel Filho e Régis Cardoso; com Tarcísio Meira, Glória Menezes, Theresa Amayo, Cláudio Marzo, Amilton Fernandes, Myrian Pérsia, Zilka Salaberry, Arlete Salles, Ana Ariel, Carlos Eduardo Dolabella, Fernando José, José Lourenço, Labanca, Luiz Carlos Braga, Neuza Amaral, Nelson Xavier, Oswaldo Loureiro, Ênio Santos, Maria Esmeralda, Sônia Ferreira, Gilberto Martinho, Glória Alves, Paulo Padilha e Monah Delacy.

1968/69

• ***Passo dos Ventos*** – Lien

Telenovela de Janete Clair, dirigida por Régis Cardoso; com Glória Menezes, Carlos Alberto, Ary Fontoura, Ruth de Souza, Jorge Coutinho,

Djenane Machado, Aizita Nascimento, Theresa Amayo, Álvaro Aguiar, Henrique César, Rubens de Falco, Joana Fomm, Rogério Fróes, Isabella, Mário Lago e Glauce Rocha.

1969

• ***A última valsa*** - Condessinha Yolanda de Izzendorf

Telenovela de Gloria Magadan, dirigida por Fábio Sabag e Daniel Filho; com Theresa Amayo, Paulo Araújo, Norma Blum, Rubens de Falco, Geraldo Del Rey, Betty Faria, Sônia Ferreira, Maria Lariche, Joana Fomm, Ida Gomes, Clara Lee, Sérgio Malta, Cláudio Marzo, Paulo Padilha, Nildo Parente, Antonio Patiño, Emiliano Queiroz, Dary Reis, Glauce Rocha, Zilka Salaberry e Edson Silva.

1975

• ***Roque Santeiro*** – Mocinha, a viúva virgem

Telenovela que começou a ser produzida pela Rede Globo em 1975, mas que não chegou a ser exibida por determinação da censura. Escrita por Dias Gomes, com base em sua peça teatral *O Berço do Herói*, e dirigida por Daniel Filho.

1975

• ***Pecado Capital*** – Vitória

Telenovela de Janete Clair, dirigida por Daniel Filho e Jardel Mello; com Francisco Cuoco, Betty Faria, Lima Duarte, Rosamaria Murtinho, Débora

Duarte, Dênis Carvalho, Theresa Amayo, Luiz Armando Queiroz, Emiliano Queiroz, Gilberto Martinho, Sandra Barsotti, Elizângela, Germano Filho, Ilva Niño, Lutero Luiz, Milton Gonçalves, Mário Lago, Marco Nanini, João Carlos Barroso, Malu Rocha, Lauro Góes, Dary Reis, Elza Gomes, Maria Pompeu, Miriam Pires, Moacyr Deriquém, Nestor de Montemar, Leina Krespi, Lady Francisco, André Valli, Fábio Massimo, Heloísa Helena, Ivan Cândido, Fernando José, Alfredo Murphy, Gilson Moura, Zanoni Ferrite, Isolda Cresta, Glória Ladany e Paulo Ascenção.

1977

• ***Férias sem Volta***

Caso Especial de Janete Clair. Direção: Antonio Abujamra; com Renata Sorrah, Tony Corrêa, Carlos Gregório e Theresa Amayo.

1978

• ***Gina*** – Mirtes

Telenovela de Rubens Ewald Filho, baseada em romance homônimo de Maria José Dupré, direção de Sérgio Mattar e supervisão geral de Herval Rossano; com Christiane Torloni, Theresa Amayo, Louise Cardoso, Emiliano Queiroz, Luís Orioni, Castro Gonzaga, Paulo Ramos, Míriam Pires, Fátima Freire, Diogo Vilela, Ankito, Arlindo Barreto, Tetê Pritzl, Joyce de Oliveira, Élcio Romar, Antônio Patiño, Lauro Góes, Ricar-

do Warnick, Arlindo Thadeu, Arlindo Barreto, Pietro Mário, Lia Farrel, Jacques Lagoa, Paulo Pinheiro, Patrícia Figueiredo, Elizabeth Buarque, Cauhê Filho, Marcelo Vicchi, Clemente Viscaíno, Geir Macedo Soares e Denise Dumont.

1980

• ***Romeu e Julieta***, Caso especial de Walter Hugo Cury; com Lucélia Santos, Fábio Junior, Francisco Milani, Daniel Dantas e Theresa Amayo.

1981

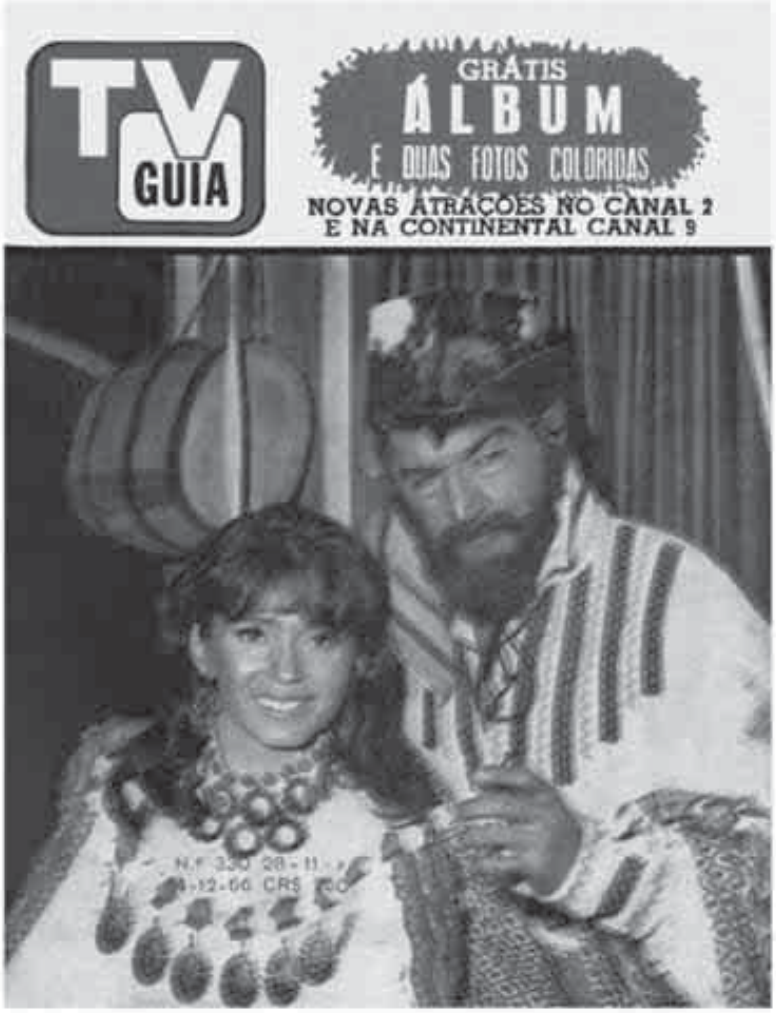
• ***Carga Pesada***, direção de Ary Coslov; com Antônio Fagundes, Stênio Garcia e Theresa Amayo.

1985

• ***Renascer***, Caso verdade. Direção: J. Marreco; com Theresa Amayo, David Pinheiro, Ivan Cândido, Maria Helena Dias, Lu Mendonça e Carla Marins.

1985

• ***Amor aos 40***, Caso verdade. Direção: Attílio Riccó; com Theresa Amayo, Paulo Castelli, Felipe Caroni, Marcos Weinberg, Lu Mendonça, Carla Marins, Carlota Monticelli, Totia Meirelles, Luis Carlos Niño, Lis Monteiro, John Procter, Ivan Borges, Rosana Penna, Rita de Cássia e Tony Ferreira.



Montagem de capas de revistas

1985

• ***Cartas Marcadas***, Caso verdade. Direção: Attílio Riccó; com Thais de Campos, Paulo Castelli, Nicette Bruno, Theresa Amayo, Paulo Guarnieri, Hélio Sotto, Rita de Cássia, Rogério Marcico, Bruno Barroso, Marcos Jardim, Marta Moreira, Hélio Ribeiro e Tony Ferreira.

1986

• ***O Amor Acontece na Vida***, Caso verdade. Direção: Henrique Martins e Reinaldo Boury; com Cláudia Magno, Fábio Cardoso, Miriam Pires, Paulo Guarnieri, Rogério Marcico, Lauro Góes, Fátima Freire, Ernesto Piccolo e Theresa Amayo.

1991

• ***O Portador***

Minissérie de José Antônio de Souza e Aziz Baju, dirigida por Herval Rossano; com Jayme Periard, Dedina Bernardelli, Jonas Bloch, Lília Cabral, Zezé Polessa, Ricardo Blat, Othon Bastos, Mayara Magri, Roberto Pirillo, Edwin Luisi, Lafayette Galvão, Wilza Carla, Thereza Amayo, Jonas Mello, Ivan de Alburquerque, Raimundo Souza, Ricardo Petráglia, Alcione Mazzeo, Carlos Duval, Cristina Mullins, Andréa Veiga, André Valli, Jairo Arco e Flexa, Kate Hansen, Marly Bueno, Camilo Bevilácqua, Aracy Cardoso, Hemílcio Fróes, Hélio Ribeiro, André Luís, Pedro Vasconcellos, Rony Ferreira, Débora Catalani, Ana Gallo, Márcia

Couto, César Pezzuoli, Cláudia Vianna, Victor Branco, Paulo Pinheiro e Leonora Soledade.

1992

• ***Águas Passadas***, Você Decide.Direção: Fred Confalonieri e Luis Antônio Piá; com Adriana Esteves, Eduardo Moscovis, Louise Lima, Theresa Amayo, Paulo Reis, Beatriz Lyra, Marcelo Saback e Flávio Migliaccio.

1994

• ***Memorial de Maria Moura***, Minissérie baseada na obra de Rachel de Queiroz. Direção: Carlos Manga, Roberto Farias, Denise Saraceni, Mauro Mendonça Filho; com Gloria Pires, Marcos Palmeira, Rubens de Falco, Ruth de Souza, Cleo Pires, Sérgio Britto, Beth Mendes, Rosamaria Murtinho, Nelson Xavier, Cadu Moliterno, Cristiana Oliveira, Jackson Antunes, Bia Seidl, Sebastião Vasconcellos, Zezé Polessa, Zezé Motta, Luis Carlos Arutin, Renata Fronzi, Miriam Pires, Ariclê Perez, Ernani Moraes, Joel Barcellos, Celso Frateschi, Jece Valadão e Theresa Amayo.

2000

• ***A hipocondríaca***, Você Decide. Direção: Roberto Farias; Com Susana Vieira, Oswaldo Loureiro, Theresa Amayo e Cláudia Lyra.

2004

• ***Senhora do Destino*** – Dona Marlene
Telenovela de Aguinaldo Silva, dirigida por Wolf

Maya; Com Susana Vieira, Carolina Dieckman, Renata Sorrah, José Wilker, José Mayer, Yoná Magalhães, Glória Menezes, Raul Cortez, Mário Frias, Elisângela, Miriam Pires, Leandra Leal, Marília Gabriella, Tarcísio Meira e grande elenco.

SBT

1977

• ***O Espantalho*** – Tônia

Telenovela de Ivani Ribeiro, dirigida por José Miziara e David Grimberg; com Jardel Filho, Nathália Timberg, Rolando Boldrin, Theresa Amayo, Carlos Alberto Riccelli, Carmem Monegal, Fábio Cardoso, Ester Góes, Walter Stuart, Wanda Kosmo, Eduardo Tornaghi, Suzy Camacho, Guilherme Corrêa, Léa Camargo, Reny de Oliveira, Roberto Maya, Hélio Souto, Percy Aires, Newton Prado, João Signorelli, Leonor Lambertini, Riva Nimitz, Régis Monteiro, Ivanise Senna, Lídia Costa, Marta Volpiani, Midori Tange, Arnaldo Weiss, Walter Magalhães, Augusto Pompeu, Roberto Murtinho, Marthus Matias e Alexandre Sandrini.

TV Manchete

1986

• ***Tudo ou nada*** – Gigi Bourbon

Telenovela de José Antonio de Souza, dirigida por Herval Rossano, David Grimberg e Lucas Bue-

no; com Elizângela, Edwin Luisi, Gracindo Júnior, Othon Bastos, Vanda Lacerda, Marilu Bueno, Fátima Freire, Mário Cardoso, Sandra Barsotti, Fernando, Denise Bandeira, Abrahão Farc, Isaac Bardavid, Miriam Pires, Thereza Amayo, Bia Seidl, Guilherme Karan, Lafayette Galvão, Carlos Gregório, Kiko Junqueira, Karen Accioly, Alexandre Barbalho, Odete Barros, Breno Bonin, Virgínia Campos, Ariel Coelho, Dulce Bressane, Aldo César, Claudio D'oliani, Garcia Jr., Lu Mendonça, Marcela Muniz, Suzana Abranches,Teobaldo, Ângela Rebello, Ivan de Almeida, Felipe Wagner, Nilton Martins, Aldine Müller, Heraldo Corrêa, Roberto Orosco, Ana Maria Nascimento e Silva,Isolda Cresta, Jonas Bloch, Fafy Siqueira, Ankito, Tetê Pritzl, Henrique Nunes, Djenane Machado, João Mil, e Carlos Alberto.

1988

• ***Carmen*** – Rosimar

Telenovela de Glória Perez, dirigida por Luiz Fernando Carvalho, Nelson Nadotti e Marcos Schechtmann, direção geral de José Wilker; com Lucélia Santos, Paulo Betti, Paulo Gorgulho, Darlene Glória, José Wilker, Júlia Lemmertz, Beatriz Segall, Neuza Borges, Liana Duval, Bia Sion, José Dumont, Maurice Vaneau, Odilon Wagner, Juliana Carneiro da Cunha, Selma Egrei, Dedina Bernardelli, Guilherme Karan, Sônia Clara, Camilo

Bevilacqua, Theresa Amayo, Luís de Lima, Tânia Nardini, Bruno Giordano, Rosita Tomaz Lopes, Nélia Paula, Hélio Ary, Luiz Carlos Arutin, Cidinha Milan, Xala Felippi, Lizandra Campos, Rosimar de Mello, Carmem Figueira, Elisa Fernandes, Mário Cardoso, Roberto Bomfim, Antônio Grassi, Niffer Cortez, Ivan de Almeida, Jayme Del Cueto, Chica Xavier, Odete Barros, Vicente Barcellos, Fátima Freire, Carla Tausz, Eduardo Tornaghi, Miriam Pires, Ivan Senna, Leonardo José, Clementino Kelé, Nildo Parente, Kleber Drable, Vanda Lacerda, Cláudio Mamberti, Clemente Viscaíno, Hélio Souto, Clarice Derziê, Gilda Cruz, Henrique Nunes, Roberto Orosco, Alfredo Murphy, Rebeca Buenosilva, Luís Felipe de Lima, Humberto Martins, Breno Bonin e Sebastião Lemos.

Rádio

1950

• ***A Juventude Cria*** - Programa realizado pelos alunos do Colégio Pedro II (Rádio MEC), dirigido pelo professor Libânio Guedes.

1951

• ***Terra Brasileira*** - Programa do Ministério da Fazenda (Rádio MEC).

1953/54

• Novela religiosa das 18 horas, na Rádio Guanabara.

1955/56
• ***França Eterna*** – programa da Embaixada Francesa (Rádio MEC).

1955/56
• ***Doce França*** – programa da Embaixada Francesa (Rádio MEC).

1957
• ***O mundo em suas mãos***, Programa fixo lançado em comemoração ao Dia da Secretária, patrocinado pela fábrica de máquinas Remington, com direção de Sérgio de Oliveira. Rádio Mayrink Veiga.

1970
• ***Inocência***, novela de Amaral Gurgel. Direção: Daisy Lucidi; com Theresa Amayo, Cláudio Cavalcanti, Cauby Peixoto e radioatores da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Agradecimentos

Ao colecionador Marcelo Del Cima que, ao lado de Ana Carolina Baptista Freitas Braga e Anderson de Souza Dias da Rocha, sua extraordinária e profissional equipe, resgataram todo o material iconográfico deste trabalho.

. À dra. Nair de Barros

. Ao dr. Inácio Nunes

. À Patrícia Civelli

. À Sergio Viotti

. Ao dr. Celso Barreto

. À Vereadora Daisy Lucidi que me agraciou com o título de Cidadã Honorária do município do Rio de Janeiro

. Aos atores, diretores e técnicos de teatro, cinema, rádio e TV com quem convivi e trabalhei

. À minha família que intermediou minha formação como ser humano

. Aos meus filhos e netos com quem aprendi a aprender

. E a Mario Brasini, querido e solidário companheiro de uma vida (*in memoriam*)

Índice

Apresentação – José Serra 5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres 7
A Magia do Teatro 13
O Começo do Começo 17
A Viagem 27
A Luta pela Vida 35
O Colégio Pedro II 39
O Destino 43
O Teatro na minha Vida 53
A Discriminação 63
Uma Adolescente na Europa 71
Primórdios da TV Carioca 81
Cia. Artistas Unidos 95
Monastério Essênio e Ashram de Sarva Yoga 97
Lys, Flor de Lys 105
TV Rio 109
É do Amor que se Trata 117
Mais Discriminação 123
Nova Vida 145
Brasília 155
Retornando ao Rio 171
Europa pela Segunda Vez 179
TV Globo 199
A Ferida Narcísica 235
Europa pela Terceira Vez 243

Cia. Amayo-Brasini 255
Psicologia 265
TV Globo Cinco Anos Depois 271
A Clínica e a Família 287
TV Manchete 293
Tóquio 303
Tailândia, Hong Kong e China Continental 309
Lima, Cuzco, Machu Pichu 321
Tóquio pela Segunda Vez 327
Trabalho Comunitário 331
Tóquio e Cingapura 339
A Morte de Mario 349
Israel, Egito, Roma, América 357
Todos os Caminhos Levam a Roma 371
2000-2001 377
De Roma para New Oxford 385
Quarta-Feira sem Falta, lá em Casa 391
26 de Dezembro de 2004 401
A Dor que Não tem Remédio 407
Um Mês Depois da Tragédia 411
Um Ano Depois dos Tsunamis 413
Antonio D´Avola 417
Retornando ao Trabalho 419
Não Podemos Esquecer 425
Theresa Amayo 426
Cronologia 429
Agradecimentos 461

Crédito das Fotografias

Todas as fotografias pertencem ao acervo de Theresa Amayo, salvo indicação em contrário

Brasini 238

Carlos 253

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.
Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma
Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista
Máximo Barro

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias
Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro
Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma
Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História
Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha
Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue
Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados
Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida
Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega
Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes
Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro
Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver
Marcelo Lyra

A Cartomante
Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas
Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves
Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely
Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade
Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens
Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor
Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias
Roteiro de Mauricio Arruda, José Roberto Torero, Mariana Veríssimo e Luiz Villaça

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade
Org. Luiz Antônio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade
Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção: Os Anos do São Paulo Shimbun
Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG
Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Rubem Biáfora – A Coragem de Ser
Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem
Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo
Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador
Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro
Jeferson De

Dois Córregos
Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História
Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos
Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago
Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura
Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha
Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil
Luiz Zanin Oricchio

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior
Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo
Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas
Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco
Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir
Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias
Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera
Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina
Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada
Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção
Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema
Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica
Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme
Sheila Schvarzman

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra
Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso
Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppo

Narradores de Javé
Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga
Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha
Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela
Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo
Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar
Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente
Neusa Barbosa

Salve Geral
Roteiro de Sérgio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade
Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto
Rosane Pavam

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto
Carlos Alberto Mattos

Viva-Voz
Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel
Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema
Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?
Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual
Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças
Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal
Sérgio Rodrigo Reis

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim
Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia
Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral
Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Oficio
Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão
Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico García Lorca – Pequeno Poema Infinito
Roteiro de José Mauro Brant e Antonio Gilberto

João Bethencourt – O Locatário da Comédia
Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher
Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílaba
Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo
Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem
Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC
Nydia Licia

O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso – Pólvora e Poesia
Alcides Nogueira

O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro
Ivam Cabral

O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma
Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar
Neyde Veneziano

O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista – O Fingidor – A Terra Prometida
Samir Yazbek

Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena
Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo
Tania Carvalho

Arllete Montenegro – Fé, Amor e Emoção
Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros
Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa
Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza
Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural
Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício
Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras
Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta
Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão
Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua
Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas
Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida
Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua
Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética
Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério
Neusa Barbosa

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira
Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar
Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema
Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela
Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções
Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia
Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada
Luis Sergio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão
Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida
Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão
Nilu Lebert

José Dumont – Do Cordel às Telas
Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão
Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral
Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso
Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa
Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado
Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária
Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério
Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição
Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão
Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família
Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real
Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras
Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador
Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas
Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado
Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado
Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto
Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir
Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista
Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole
Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil
Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia
Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro
Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra
Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema
Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes
Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte
Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco
Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro
Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?
Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar
Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra
Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza
Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias
Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera
Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento
Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios
Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer
Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso
Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências
Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos
Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores
Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira
Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida
Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida
Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira
Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood
Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida
Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração
Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor
Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História
Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte
Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão
Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor
Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces
Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado
Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m^2

Papel capa: Triplex 250 g/m^2

Número de páginas: 484

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Perfil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Editoração	Sandra Regina Brazão
	Ana Lúcia Charnyai
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Benedito Amancio do Vale

© imprensaoficial 2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Amayo, Theresa
Ficção e realidade /Theresa Amayo. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
484. : il. – (Coleção aplauso. Série perfil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-785-0

1. Atrizes - Brasil – Biografia 2. Amayo, Theresa, 1934 I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 791. 092

Índice para catálogo sistemático:
1. Atrizes brasileiras : Biografia 791.092

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2009

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

imprensaoficial

Esta é a história real, sincera e apaixonante da trajetória de uma das atrizes mais completas do Brasil. E o que é mais importante: narrada por ela mesmo. **Theresa Amayo** teve importante participação no cinema brasileiro, principalmente nos anos 1950, quando esteve em uma série de sucessos: *Fuzileiro do Amor*, com Mazzaropi; *O Diamante*, com Anselmo Duarte; *O Barbeiro que se Vira*, com Arrelia; *O Camelô da Rua Larga*, com Zé Trindade, e *Eu Sou o Tal*, com Vagareza.

Fez muito teatro (na Cia. Dulcina-Odilon, onde começou em espetáculos como *Pequenos Burgueses*, *Seis Personagens à Procura de um Autor*, de Pirandello), e muitas novelas na TV Globo (*Pecado Capital*, *Gina*, *Senhora do Destino*), TV Manchete (*Carmen*) e TV Record (*O Espantalho*), entre outras. Mas sua maior façanha é sua própria vida, a infância em Belém do Pará, lutando contra a oposição da família para seguir a carreira artística, o feliz casamento com o célebre dramaturgo e radialista Mário Brasini (1921-97), o curso de psicologia, a coragem em enfrentar tragédias pessoais.

Mais um lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, no seu trabalho de resgate e preservação da memória cultural brasileira.

ISBN 978-85-7060-785-0
9 788570 607850